



UFAM

**Poder Executivo
Ministério de Educação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Pró- Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação**

MARLECE MELO FONSECA

**CAMINHOS PÓS-MÉDIO: TRAJETÓRIAS DE JOVENS DO DISTRITO DE
CABURI, PARINTINS/AM**

MANAUS – AM

2025

MARLECE MELO FONSECA

CAMINHOS PÓS-MÉDIO: TRAJETÓRIAS DE JOVENS DO DISTRITO DE CABURI,
PARINTINS/AM

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa 1: Educação, Estado e Sociedade na Amazônia

Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, financiadora do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Orientadora: Profa. Dra Nádia Maciel Falcão

MANAUS – AM
2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F676c Fonseca, Marlece Melo
 Caminhos pós-médio: trajetórias de jovens do distrito de Caburi,
 Parintins/AM / Marlece Melo Fonseca. - 2025.
 172 f. : il., color. ; 31 cm.

 Orientador(a): Nádía Maciel Falcão.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de
 Pós-Graduação em Educação, Manaus, 2025.

 1. Juventude. 2. Comunidade Ribeirinha. 3. Trajetórias pós-médio. 4.
 Desigualdades. I. Falcão, Nádía Maciel. II. Universidade Federal do
 Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título

MARLECE MELO FONSECA

CAMINHOS PÓS-MÉDIO: TRAJETÓRIAS DE JOVENS DO DISTRITO DE CABURI,
PARINTINS/AM

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Data de aprovação: 01/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Nádia Maciel Falcão (Presidente / Orientador/a)

Profa. Dra. Sílvia Cristina Conde Nogueira (Membro Interno do PPGE)

Profa. Dra. Luana Priscila Wunsch (Membro Interno do PPGE)

Prof. Dr. Sérgio Roberto Moraes Corrêa (Membro Externo - UEPA)

Profa. Dra. Deuzilene Marques Salazar (Membro Externo - IFAM)

SUPLENTES:

Profa. Dra. Fabiane Maia Garcia (Membro Interno do PPGE)

Prof. Dr. Elmir de Almeida (Membro Externo - USP)

Dedico esta conquista aos meus filhos Felipe e Mayara e a todas as meninas e meninos da comunidade de Caburi que, assim como eu, carregam grandes sonhos no peito. Que este doutorado sirva de inspiração para que nunca desistam. O caminho pode ser difícil, mas a chegada tem um sabor indescritível e a certeza de que onde quer que nossas raízes estejam fincadas, é possível florescer e alcançar o mundo.

AGRADECIMENTOS

Este momento representa muito mais do que a conclusão de um doutorado. É a realização de um sonho que, por muito tempo, pareceu distante. É a prova de que raízes simples e humildes não impedem que sonhos alcancem grandes alturas.

Venho de uma comunidade rural onde o caminho até aqui parecia longo e, às vezes, impossível. Carrego comigo as memórias da comunidade, do cheiro do campo e das lições aprendidas com pessoas que me ensinaram o valor do trabalho duro, da honestidade e da esperança. Foram essas raízes que me deram força para seguir em frente quando o percurso ficou difícil.

Chegar até aqui foi um percurso intenso, cheio de desafios, incertezas e aprendizados. Olho para trás e percebo que essa conquista não é apenas minha. Cada passo dado, cada obstáculo superado e cada momento de dúvida foram vividos com o apoio, carinho e incentivo de pessoas especiais, sem as quais essa jornada não teria sido possível.

Agradeço primeiramente a Deus pelo seu infinito amor e misericórdia, por ter me dado força, coragem, perseverança em concluir mais esta etapa de minha vida e por ter concedido Ser minha fortaleza nos dias de preocupação e tristeza.

Aos meus filhos, meu alicerce, meu amor incondicional: obrigada por acreditarem em mim mesmo quando eu duvidei. Por compreenderem minhas ausências, por me acolherem nos momentos difíceis e por celebrar cada pequena vitória comigo. Cada palavra de encorajamento e cada gesto de amor me impulsionaram a seguir em frente. Essa conquista é tão minha quanto de vocês.

A minha orientadora Profa. Dra. Nádia Maciel Falcão, minha profunda gratidão por toda orientação, paciência, dedicação e por acreditar no meu potencial, mesmo nos momentos em que eu própria duvidava. Seus ensinamentos ultrapassam o âmbito acadêmico e serão levados comigo por toda a vida.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAM que com suas ideias, críticas e parcerias, enriqueceram minha pesquisa e meu modo de pensar. Cada troca, cada debate, cada apoio técnico foi fundamental, mesmo que de forma remota.

À minha orientadora do mestrado e querida amiga Deuzilene Marques Salazar pelo apoio e incentivo na continuação dos estudos.

Aos amigos da turma de doutorado que mesmo durante o afastamento pelo Covid 19, nosso relacionamento foi intenso e de muito aprendizado.

Aos colegas e pesquisadores do Grupo de Estudo JETAM, pelo exercício permanente de aprendizado, encontros, diálogos e partilhas, essenciais para o fortalecimento e construção deste estudo.

Aos jovens egressos do Ensino Médio que contribuíram com esta pesquisa compartilhando as suas trajetórias, por toda a gentileza e disponibilidade.

Aos meus amigos Ana Paula Tavares e Cristian José Silva que me emanaram positividade e que estiveram presente nos momentos mais difíceis emocionalmente, financeiramente e compartilharam comigo todas as angústias e superações do percurso formativo

À Secretaria Municipal de Educação de Parintins (SEMED), que através da concessão da Licença para Qualificação Profissional, tornou possível minha disponibilidade para a realização do estudo.

A Universidade Federal do Amazonas- UFAM, especialmente a coordenadora do Programa de Pós- Graduação em Educação, professora doutora Camila Ferreira da Silva pela conversa que aliviou o peso do caminho para defesa da tese, pelas risadas em meio ao cansaço e preocupação e principalmente pelas palavras que me lembraram quem eu sou (uma jovem oriunda do interior que conseguiu ser doutora)

Aos membros da banca avaliadora: professores doutores(as) Fabiane Maia Garcia e Lucelia Bassalo e Sílvia Cristina Conde Nogueira e Sérgio Roberto Moraes Corrêa . Sou grata pelas preciosas sugestões e contribuições para o seu desfecho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas- FAPEAM, pelo apoio financeiro, através da bolsa de estudos de doutorado.

Este doutorado foi mais do que uma conquista acadêmica. Foi uma jornada de autoconhecimento, de superação e de reconstrução. Fecho este ciclo com o coração cheio de gratidão, levando comigo muito mais do que o título: levo lembranças, amizades e a certeza de que o conhecimento transforma

Obrigada, de coração.

Não tenha medo do caminho... Tenha medo de não caminhar.

Augusto Cury

LISTA DE FIGURAS

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Palavras-chave e sinônimos utilizados na busca das produções acadêmicas..... | 23 |
| Figura 2: Desenho de Pesquisa/ O caminho da pesquisa..... | 35 |
| Figura 3 – Vista aérea do Município de Parintins (AM)..... | 39 |
| Figura 4 – Mapa de localização da comunidade de Caburi, Parintins-AM..... | 41 |
| Figura 5: Vista aérea da comunidade de Caburi, Parintins-AM..... | 41 |
| Figura 6 : Vista de Caburi a partir da chegada à Comunidade pelo rio..... | 41 |
| Figura 7 : Trajeto inicial a partir de lanchas, com a descida na beira do Rio Amazonas..... | 43 |
| Figura 8 : Trajeto realizado a pé pelos moradores até o igarapé de Caburi..... | 44 |
| Figura 9 : Percurso através das barajas pelo igarapé, até a comunidade de Caburi..... | 44 |
| Figura 10 : Mapa de localização de Caburi representado como aldeia..... | 45 |
| Figura 11 : Tabelas com os produtos e espécies cultivadas pelas famílias da comunidade de Caburi..... | 49 |
| Figura 12: Croqui dos nomes das ruas de Caburi/Am..... | 50 |
| Figura 13: Participação da juventude no desporto na comunidade..... | 52 |
| Figura 14: Participação da juventude nos movimentos religiosos.(Grupo Jurac)..... | 52 |
| Figura 15: Participação da juventude nos movimentos sociais e festivos.(Festival de Verão de Caburi)..... | 53 |
| Figura 16: Percentual da população de Parintins de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,2022..... | 77 |
| Figura 17: Dados do trabalho e rendimento da população em 2021..... | 78 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 - Resultado da busca a partir da palavra-chave juventude do campo na Base BDTD..... | 27 |
| Quadro 2 - Resultado da busca a partir da palavra-chave juventude do Campo na Base CAPES..... | 27 |
| Quadro 3 - Produções acadêmicas das plataformas BDTD e CAPES analisadas..... | 29 |
| Quadro 4 - Critérios de inclusão e exclusão de participantes..... | 36 |
| Quadro 5 - Agrupamento dos endereços próximos para entrega/aplicação dos questionários semiestruturados aos participantes..... | 57 |
| Quadro 6 - Síntese do perfil dos sujeitos participantes..... | 57 |
| Quadro 7 - Aspectos descritivos das anotações do diário de campo..... | 60 |
| Quadro 8 - Aspectos reflexivos das anotações do diário de campo..... | 60 |
| Quadro 9 – Unidades de registro totais..... | 63 |
| Quadro 10 – Unidades de contexto e Categorias iniciais..... | 65 |
| Quadro 11 Articulação entre Categorias iniciais e finais..... | 66 |
| Quadro 12 : Categorias finais..... | 67 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Gráfico 1: Empregados Por Sexo e Faixa Etária, 2021 no Município De Parintins..... | 82 |
| Gráfico 2 – Idade dos participantes..... | 86 |
| Gráfico 3 – Sexo..... | 86 |
| Gráfico 4 – Estado civil dos participantes..... | 87 |
| Gráfico 5 – Escolaridade referente aos pais dos participantes..... | 87 |
| Gráfico 6 - Escolaridade referente às mães dos participantes..... | 87 |
| Gráfico 7 – Relação familiar dos participantes..... | 88 |
| Gráfico 8 – Quantidade de pessoas que moram na mesma casa que os participantes..... | 88 |
| Gráfico 9 – Referência a filhos..... | 89 |
| Gráfico 10 – Renda familiar geral e somada de todos os residentes da casa dos participantes..... | 89 |
| Gráfico 11 – Curso de formação feito pelos participantes após o ensino médio..... | 113 |
| Gráfico 12 – Dispositivos disponíveis para acesso dos participantes..... | 114 |
| Gráfico 13 – Acesso dos participantes à internet..... | 115 |
| Gráfico 14 – Tentativa de acesso à educação superior..... | 117 |
| Gráfico 15 – Familiar que cursou o ensino superior..... | 117 |
| Gráfico 16 – Critérios para a possível escolha dos participantes por um curso superior..... | 119 |
| Gráfico 17 – Fatores impeditivos para que os participantes deem continuidade aos estudos..... | 120 |
| Gráfico 18 – Situação dos participantes com relação ao trabalho/ocupação..... | 122 |
| Gráfico 19 – Valor aproximado da renda mensal dos participantes..... | 123 |
| Gráfico 20 – Fatores que dificultam a inserção dos participantes no mercado de trabalho | 126 |
| Gráfico 21 – Serviços de apoio aos estudos e à inserção no mercado de trabalho oferecidos na comunidade de Caburi..... | 131 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|-----------|---------------------------------------------------------------------|
| AMAFIC | Associação de Moradores e Agricultores Familiares do Caburi |
| ASSECOMAC | Associação Evangélica dos Comunitários da Agrovila do Caburi |
| BDTD | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações |
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CETAM | Centro de Educação Tecnológica do Amazonas |
| CTD | Catálogo de Teses e Dissertações |
| COOPRAC | Cooperativa dos Produtores Rurais da Agrovila do Caburi |
| EPGE-FGV | Escola Brasileira de Economia e Finanças da Fundação Getulio Vargas |
| FAPEAM | Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas |
| IDEB | Índice de Desenvolvimento da Educação Básica |
| INEP | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas |
| JETAM | Juventude, educação e trabalho na Amazônia |
| LDBEN | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| MEC | Ministério da Educação e Cultura |
| OCDE | Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico |
| PBP | Programa de Bolsa Permanência |
| PNE | Plano Nacional da Educação |
| RAIS | Relações Anuais De Informações Sociais |
| SENAI | Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial |
| SENAC | Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial |
| SESI | Serviço Social da Indústria |
| UEA | Universidade do Estado do Amazonas |

RESUMO

A pesquisa intitulada “Caminhos Pós-Médio: Trajetórias de Jovens do Distrito de Caburi, Parintins/am”, trata de um estudo sobre trajetórias escolares e de inserção no mundo do trabalho de jovens de uma comunidade amazônica ribeirinha (Agrovila de São Sebastião do Caburi). Parte-se de uma questão central que interroga: Como se configuram as trajetórias escolares e de inserção no mercado de trabalho de jovens recém egressos do ensino médio e permanecem residindo em Caburi, considerando o contexto econômico e educacional em que estão inseridos e as perspectivas e estratégias individuais? Nesta perspectiva, define-se como objetivo geral da pesquisa: compreender as trajetórias de educação e de trabalho de jovens egressos do ensino médio, que residem na comunidade de Caburi. E como objetivos específicos: 1) Averiguar as trajetórias escolares e de inserção no mercado do trabalho dos jovens da Comunidade de Caburi, concluintes do ensino médio no ano de 2021; 2) Analisar aspectos da realidade social e econômica do contexto local, na relação com as dinâmicas nacionais e globais, que dificultam a continuidade de estudos e a inserção de jovens de Caburi no mercado de trabalho formal após a conclusão do ensino médio; 3) Verificar perspectivas de futuro e estratégias presentes dos jovens de Caburi egressos do ensino médio com relação à continuidade dos estudos e à inserção no mercado do trabalho. A pesquisa tem enfoque qualitativo, ancorada em referenciais teórico-metodológicos da pesquisa em educação na interface com a sociologia da educação. A metodologia contempla a revisão da literatura local e nacional relacionada ao objeto de estudo. Sustenta-se como uma pesquisa de campo contemplando a escuta dos sujeitos e a observação da realidade, utilizando-se, como instrumentos, o questionário semiestruturado e o diário de campo. Aplicou-se um questionário semiestruturado a um grupo de jovens que concluíram o ensino médio em Caburi, no município de Parintins, estado do Amazonas, no ano de 2021 e que permaneceram morando na Comunidade. Os resultados apontam que a maioria dos jovens não deu continuidade aos estudos desde a conclusão do ensino médio, seja em cursos profissionalizantes ou de graduação. Outra constatação é que os jovens estão envolvidos em atividades laborais, relações familiares e teias de sociabilidade fortemente assentadas em Caburi e julgam que a continuidade da trajetória escolar só seria possível se houvesse oportunidades de estudo na própria Comunidade. Muitos não descartam a possibilidade de um acesso futuro na continuidade dos estudos, mas destacam que a ausência de instituições que ofertam cursos técnicos ou de graduação na Comunidade, a falta de recursos e outras condições para mudar-se da Comunidade ou mesmo para cursar a modalidade de Educação à Distância, são fatores limitadores da sua trajetória escolar. A realidade dos jovens participantes da pesquisa demonstra as múltiplas dimensões, permitindo concluir que morar na Comunidade de Caburi e continuar estudando após a conclusão do ensino médio é algo difícil de conciliar na perspectiva dos jovens. Assim, confirmamos a tese levantada de que as trajetórias dos jovens de Caburi refletem desigualdades estruturais que afetam os jovens das comunidades ribeirinhas amazônicas e se materializam em diversos modos de impedimento à continuidade de estudos e em inserções precárias no mundo do trabalho. Permanecer morando em Caburi no pós ensino médio, por necessidade ou por escolha, impõe limitações aos projetos de escolarização e de inserção profissional, comprovando-se o local de moradia como um marcador social de desigualdades.

Palavras-Chave: Juventude; Comunidade Ribeirinha; Trajetórias pós-médio; Desigualdades.

ABSTRACT

The research entitled “Post-High School Paths: Trajectories of Young People from the District of Caburi, Parintins/AM”, deals with a study on the educational trajectories and insertion into the world of work of young people from a riverside Amazonian community (Agroviola de São Sebastião do Caburi). It starts from a central question that asks: How are the educational trajectories and insertion in the job market into the world of work of young people who have recently graduated from high school and continue to reside in Caburi configured, considering the economic and educational context in which they are inserted and their individual perspectives and strategies? From this perspective, the general objective of the research is defined as: to understand the educational and work trajectories of young people who have graduated from high school and who reside in the community of Caburi. And as specific objectives: 1) To investigate the educational trajectories and insertion into the world of work of young people from the Community of Caburi, who graduated from high school in 2021; 2) To analyze aspects of the social and economic reality of the local context, in relation to national and global dynamics, which hinder the continuation of studies and the insertion of young people from Caburi in the formal job market after completing high school; 3) To verify future perspectives and current strategies of young people from Caburi who have graduated from high school in relation to the continuation of studies and insertion in the job market. The research has a qualitative focus, anchored in theoretical-methodological references of research in education in the interface with the sociology of education. The methodology includes the review of local and national literature related to the object of study. It is supported as a field research contemplating the listening of the subjects and the observation of reality, using, as instruments, the semi-structured questionnaire and the field diary. A semi-structured questionnaire was applied to a group of young people who completed high school in Caburi, in the municipality of Parintins, state of Amazonas, in 2021 and who remained living in the Community. The results indicate that most young people did not continue their studies after completing high school, whether in vocational or undergraduate courses. Another finding is that young people are involved in work activities, family relationships and social networks that are strongly rooted in Caburi and believe that continuing their education would only be possible if there were opportunities to study in the Community itself. Many do not rule out the possibility of future access, or even the expectation of continuing their studies, but they emphasize that the absence of institutions that offer technical or undergraduate courses in the Community, the lack of resources and other conditions for moving from the Community or even for taking distance learning courses, are limiting factors in their educational trajectory. The reality of the young people participating in the research demonstrates multiple dimensions, allowing us to conclude that living in the Caburi Community and continuing to study after completing high school is something difficult to reconcile from the perspective of young people. Thus, we confirm the thesis that the trajectories of young people from Caburi reflect structural inequalities that affect young people from Amazonian riverside communities and are materialized in various ways that prevent them from continuing their studies and in precarious insertions into the world of work. Remaining living in Caburi after high school, whether by necessity or by choice, imposes limitations on schooling and professional integration projects, proving that the place of residence is a social marker of inequalities.

Keywords: Youth; Riverside community; Post-Medium trajectories; inequalities.

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO | 16 |
| CAPÍTULO 1 PERCURSOS METODOLÓGICOS | 26 |
| 1.1 Interlocuções da pesquisa: O objeto de estudo no campo da educação..... | 26 |
| 1.2 Os aportes das pesquisas de Campo..... | 33 |
| 1.3 O campo de estudo..... | 39 |
| 1.4 Apontamentos do questionário semiestruturado..... | 55 |
| 1.5 Apontamentos do diário de campo..... | 58 |
| CAPÍTULO 2 TRAJETÓRIAS ESCOLARES E DE INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DOS JOVENS DO CAMPO | |
| 2.1 Considerações sobre a noção de juventude..... | 69 |
| 2.2 Breve contextualização de acesso à educação e trabalho no município de Parintins..... | 74 |
| 2.3 Perfil dos sujeitos da pesquisa..... | 85 |
| CAPÍTULO 3 JUVENTUDES E MARCADORES SOCIAIS DE DESIGUALDADES | |
| 3.1 Perspectivas de estudo de trajetórias de escolarização e trabalho..... | 91 |
| 3.2 O local de moradia como marcador social de desigualdade..... | 98 |
| 3.3 Juventudes e expressões das desigualdades no contexto do campo amazônico..... | 101 |
| CAPÍTULO 4 PERSPECTIVAS DE FUTURO E ESTRATÉGIAS DOS JOVENS DE CABURI/AM PARA CONTINUIDADE DA ESCOLARIZAÇÃO E INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO | |
| 4.1 O caráter afetivo e intimista de fatores que influenciam a decisão dos jovens para um horizonte no curso superior e no mercado de trabalho | 107 |
| 4.2 “Lá se vai minha vontade de estudar”: Dificuldades específicas da Comunidade de Caburi que se tornam entraves para o acesso ao nível superior..... | 112 |
| 4.3 Perspectivas dos jovens de Caburi na continuidade dos estudos após o término do Ensino Médio e no campo do trabalho..... | 134 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 143 |
| REFERÊNCIAS | 147 |
| ANEXOS | 160 |
| APÊNDICES | 162 |

INTRODUÇÃO

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Curso de Doutorado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas. Conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas- FAPEAM e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Articula-se com outras atividades da linha de pesquisa 2: Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional.¹

A pesquisa se debruça sobre as trajetórias de educação e trabalho de jovens egressos do ensino médio que permanecem morando na comunidade de Caburi, no município de Parintins/AM, após a conclusão desta etapa final da educação básica, fazendo relação sobretudo com os estudos ligados à juventude e escola, desenvolvidos no grupo de pesquisa Juventude, educação e trabalho na Amazônia(JETAM).

A investigação se desdobra a partir da seguinte questão central: Como se configuram as trajetórias escolares e de inserção no mercado de trabalho de jovens recém egressos do ensino médio que permanecem residindo em Caburi, considerando o contexto econômico e educacional em que estão inseridos e as perspectivas e estratégias individuais?

Nesta perspectiva, define-se como objetivo geral da pesquisa: Compreender as trajetórias de educação e de trabalho de jovens egressos do ensino médio, que residem na comunidade de Caburi. E como objetivos específicos: 1) Averiguar as trajetórias escolares e de inserção no mercado do trabalho dos jovens da Comunidade de Caburi, concluintes do ensino médio no ano de 2021; 2) Analisar aspectos da realidade social e econômica do contexto local, na relação com as dinâmicas nacionais e globais, que dificultam a continuidade de estudos e a inserção de jovens de Caburi no mercado de trabalho formal após a conclusão do ensino médio; 3) Verificar perspectivas de futuro e estratégias presentes dos jovens de Caburi egressos do ensino médio com relação à continuidade dos estudos e à inserção no mercado do trabalho.

Uma característica marcante na área da educação, como campo de estudos, é a implicação dos pesquisadores com seus objetos de estudo. Em muitos casos, os problemas

¹ Com a reestruturação curricular, passou a denominar-se Linha de Pesquisa 1: Educação, Estado e Sociedade na Amazônia, que aborda em seus pressupostos, os contextos escolares e não-escolares e os distintos níveis e modalidades de educação e ensino, com foco no contexto amazônico e correlações regionais. (SEI/UFAM - 1079920 - Decisão)

de pesquisa surgem de questões, indagações e necessidades sentidas na prática profissional. Este também é o caso desta pesquisa. Neste sentido, torna-se importante situar o entrelaçamento do interesse da pesquisadora pelo estudo das trajetórias escolares e de trabalho de jovens de Caburi com sua própria trajetória de formação e trabalho.

Nasci na comunidade de Caburi, mais precisamente às margens do lago, conhecido como cabeceira do São Raimundo, desde cedo a percepção das desigualdades que afetam as pessoas daquele lugar, dentre as quais, as dificuldades para o acesso, permanência na escola e continuidade aos estudos.

Em um cenário como o da comunidade de Caburi dos anos 1990, onde era possível alcançar somente a 8ª série do então primeiro grau, foi com a ajuda e incentivo de meus familiares que surgiu a oportunidade que muitos colegas de escola não tiveram, de prosseguir com os estudos no Município de Parintins. A situação financeira de muitos moradores da comunidade não era das melhores, por isso, havia dificuldades em manter os filhos na cidade.

Nesse sentido, viver a juventude em comunidades no contexto do campo é viver aspectos de um cotidiano com uma combinação de sentidos e de vivência. Eu, como jovem desse contexto, enfatizo que é também ter uma vivência que se pauta na inserção dos afazeres das responsabilidades da vida adulta: o trabalho na roça, na pesca, a criação dos filhos, o casamento. Assim, a comunidade é um traço importante na vida de cada um, mas a Comunidade de Caburi tornou-se pequena para minhas realizações pessoais e profissionais. Foi preciso ir em busca daquilo que mesmo com toda sua capacidade de ajuntamento, não é capaz de oportunizar (Vitória, 2017).

Ingressei no curso de magistério de segundo grau, no ano de 2000, no Colégio Nossa Senhora do Carmo no município de Parintins, percebi as dificuldades em permanecer no município pelas condições financeiras e familiar, fazendo eu ir em busca de trabalhos esporádicos(babá e faxineira) e a problemática de conciliar estudo e trabalho. Mas o curso trouxe também expectativas para os meus familiares que tinham o desejo em ter uma filha professora ou popularmente na linguagem da comunidade de Caburi, uma filha “formada”. O curso do magistério significou muito para minha realização pessoal, dele resultou a paixão em ser educadora.

Escolhi ser professora porque acredito que o magistério é uma das atividades mais bonitas, mais apaixonantes, mais gratificantes que existem. Ádua, sem dúvida, mas indescritivelmente bela. Conhecer nossos alunos, transmitir e receber conhecimento, criar laços, ver o desenvolvimento e contribuir para que ele se dê de forma prazerosa. Aprender

sempre, mostrar ideias novas, caminhos novos e a boa relação com os colegas professores, a admiração e o respeito, talvez seja por isso a tomada de decisão por esta profissão.

Em 2005 surgiu a oportunidade de ingressar na Universidade do Estado do Amazonas-UEA, para cursar a Licenciatura em Normal Superior. Mais uma vez a necessidade de sair da comunidade de Caburi para dar prosseguimento a minha formação e estudar na Cidade de Parintins. Desta vez, os maiores desafios em deixar os meus filhos e familiares, sem ter moradia própria, transporte e outros suportes que são importantes para garantia de boas condições de vida e permanência na universidade. Mas, apostar na continuidade dos meus estudos foi algo que se impôs naquele momento e que ainda é avaliado como a melhor decisão.

Para Lima (2018), admite-se uma realidade da Educação Superior no Brasil como destinada a poucos. De acordo com a autora, são poucos os que conseguem obter uma melhor formação em nível básico, pois precisam fazer a opção entre estudo e trabalho ou que não tem preparação, são poucos que conseguem acessar e permanecer, com qualidade, nesse nível de ensino.

Para auxiliar na permanência dos graduandos no Ensino Superior, o Ministério da Educação (MEC) lançou em 2013 o Programa de Bolsa Permanência (PBP), que concede auxílio financeiro a estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica e de origem indígena e quilombola.

Nesse direcionamento, destaca-se que as políticas de permanência são fundamentais, especialmente, para apoiar a política de cotas, que também foi muito importante para iniciar a democratização do acesso à educação superior no Brasil, mas muitos jovens que ingressam na universidade oriundos de comunidades do campo, não têm acesso a esses programas. O que faz em sua maioria o retorno para a comunidade e a desistência dos cursos universitários e o sonho de cursar a faculdade. A afirmação se dá pelo fato da vivência na comunidade de Caburi por longos períodos e a possibilidade de visualizar essas situações de dar continuidade na formação.

A licenciatura trouxe muitas contribuições para minha práxis educativa. Os conhecimentos adquiridos proporcionaram mudança nas concepções didáticas e pedagógicas, assim poder mediar e buscar sempre a promoção da equidade e inclusão. Somado a isso, a aprendizagem das diversas maneiras lúdicas de ensinar para compartilhar com os estudantes, melhorando a prática, além de adoção de uma consciência crítica, aquisição e aprimoramento dos conhecimentos. Nesse direcionamento, na atuação docente,

a busca em ser marcante com os estudantes, realizando uma prática harmoniosa e dialógica.

Piotto (2010) afirma que, muitas vezes, a entrada na universidade traz mudanças positivas, como o orgulho e a alegria dos pais, alterações de hábitos familiares, estabelecimento de outro tipo de relação e maior aceitação de determinados comportamentos.

Dei continuidade no processo de formação com a realização da segunda Licenciatura no curso de Pedagogia adquirindo subsídios necessários para atuação docente. Após a conclusão do curso, na terra natal Distrito do Caburi tive a possibilidade de conseguir a minha inserção no mercado de trabalho, justamente como professora, o que me provocou bastante receio, devido a inexperiência. O sentimento de medo e angústia em assumir uma sala de aula. A insegurança e medo são sentimentos que fazem parte do cotidiano dos professores ribeirinhos (Almeida; Bassalo, 2021).

Como pondera Ghedin (2007, p. 174) “Sabemos que o desejo para realizar uma ação nasce do compromisso, porém, vale destacar que só conseguimos agir coerentemente se formos capazes de escrevermos com segurança nossa prática e isso significa ter referência concreta para agir”. Todas essas experiências trouxeram reflexão sobre a problemática da juventude em continuar os estudos e ingressar no mercado de trabalho.

A convocação pela Secretaria Estadual de Educação para lecionar no programa Projovem Campo Saberes da Terra, que oferece qualificação profissional e escolarização aos jovens agricultores familiares de 18 a 29 anos que não concluíram o ensino fundamental, me oportunizou o reconhecimento da realidade da juventude rural oriundos de comunidades adjacentes e os desafios de permanecer na escola.

Na minha atuação como professora do Projovem Campo foi possível perceber que as nuances da juventude da comunidade de Caburi estavam intrínsecas com jovens e adultos de outras comunidades que frequentam o Programa. Questões das dificuldades com transporte escolar, acesso à educação, questões familiares em que eram obrigados a estudar com o filho no colo, são jovens e adultos que por alguma razão/ fatores deixaram de estudar. Somando com a minha formação, o programa ofertou um curso de especialização em Educação do Campo pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) onde possibilitou o estudo de diversas disciplinas que contribuiriam efetivamente com o processo de formação profissional.

Finalmente em 06 de agosto de 2018 iniciou uma nova fase na minha formação, o ingresso no Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Amazonas (ProfEPT/IFAM), que visa tanto a produção do conhecimento como

desenvolvimento de produtos, por meio da efetivação de pesquisas que unifiquem os saberes inerentes ao mundo do trabalho, tendo como dissertação intitulada “ De mãos dadas em território camponês tecendo uma proposta educativa e formativa para o trabalho”

A pesquisa de mestrado em 2018 teve a pretensão de analisar a formação de jovens para o trabalho em espaços não-formais de educação. O referido estudo objetivou contribuir com a construção de uma proposta educativa e formativa por meio do planejamento participativo para um Centro Educativo denominado “De Mãos Dadas” localizado em uma comunidade próxima ao Distrito do Caburi, que se configura como um espaço de educação não-formal e desenvolve atividades de cunho teórico-técnico para jovens no contexto do campo com vistas a contribuir com a fixação da juventude no campo e o desenvolvimento do contexto local com foco na sustentabilidade social e econômica.

Ao término do curso, o meu retorno para a escola de atuação localizada na comunidade de Caburi, muitas questões foram surgindo a respeito das relações entre juventude, trabalho e educação no contexto do campo, situação que impôs uma reflexão: de acordo com os resultados da pesquisa de mestrado, os jovens concludentes do ensino médio conseguem uma inserção profissional com incentivo do Centro Educativo, dando a oportunidade de acesso a projetos semi profissionalizantes de artesanato diversificados, com possibilidades futuras de dar um retorno financeiro e investir na formação em universidades privadas e públicas. No contraste, os jovens que concluem o 3º ano do Ensino Médio na comunidade de Caburi, ficam sem uma ocupação, uma expectativa de futuro e o compromisso com o desenvolvimento comunitário, surgindo assim, a intenção de compreender as trajetórias de educação e trabalho dos egressos do Ensino Médio de Caburi, do ano de 2021.

Ao considerar as minhas experiências docentes desenvolvidas nas escolas que ofertam o Ensino Médio, percebe-se a preocupação dos jovens na continuidade dos estudos e na inserção no mercado de trabalho. Tal afirmação é feita pautada na observação do comportamento da maioria dos jovens em que atuamos ao longo dos dez anos de docência, ficando evidente que ao concluírem a última etapa do ensino médio, é perceptível o desânimo e expectativas de futuro na materialidade do trabalho.

Para Jorge Larrossa Bondía (2002), dizer sobre a experiência é dizer sobre o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca, uma travessia, percurso, passagem. Implica dizer que o sujeito da experiência é um ser que se expõe, atravessando um espaço indeterminado, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. Nesse

sentido, a experiência se constitui também como um território de passagem e de transformação. Assim, para mim, pesquisar os jovens de uma comunidade da qual sou parte integrante é uma verdadeira experiência. Compreendê-los, implica um olhar situado sobre minha história, sabendo de antemão das lacunas que virão e de uma compreensão muitas vezes parcial sobre as ações e experiências vividas.

Destaca-se aqui sobre minha atuação no Ensino Médio em que a formação em pedagogia não está direcionada para a atuação nesse nível de ensino. Todavia, pela ausência de professores com formação específica para as disciplinas que compõem o currículo desta etapa de ensino, são realizados “ajustes funcionais”. Em comunidades no contexto do campo esta torna-se uma prática comum nas escolas. Assim, os professores concursados e, principalmente, professores atuantes por meio de processos seletivos temporários, se tornam alternativas para suprir essa lacuna e substituir a expertise de um professor especializado.

A formação de professores no Brasil é um tema crucial para a qualidade da educação. Especificamente no Ensino Médio, enfrentamos desafios significativos, especialmente em comunidades rurais. Ferreira e Cruz (2021), destacam alguns aspectos relevantes sobre este tema, apontando que cerca de 40% dos professores que atuam no ensino médio no Brasil não possuem formação nas disciplinas que lecionam. Na realidade do campo amazônico esta é uma questão premente.

No contexto do campo, o cenário das dificuldades no prosseguimento de estudos e na inserção regulada no mundo do trabalho é mais crítica. De acordo com os estudos de Weisheimer (2005) aponta que a situação de invisibilidade dos/das jovens do campo se configura numa das expressões mais cruéis de exclusão social. Ou seja, nesse processo os/as jovens não se tornam sujeitos de direitos sociais e alvos de políticas públicas, conseqüentemente, não rompem com a situação de exclusão. As duas dimensões, “invisibilidade e migração parecem fortalecer-se mutuamente, criando um círculo vicioso em que a falta de perspectiva tira dos jovens o direito de sonhar com um futuro promissor no meio rural” (Weisheimer, 2005, p. 8).

Wanderley (2009), em estudo sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade no Brasil, argumenta que a permanência no meio rural ou a saída desse meio implica complexas escolhas que envolvem os projetos familiares e as relações que se estabelecem entre a sociedade mais ampla e a vida local e que se traduzem nas expectativas geradas e nas possibilidades efetivas de emprego, de educação, de acesso a bens e serviços básicos.

Entende-se que vários fatores interferem nas escolhas dos jovens de ficarem ou não no meio rural. Esses fatores estão vinculados à educação no meio rural; à diferenciação social; à precarização das condições das unidades produtivas e às questões de gênero e geração nas relações familiares e nos processos sucessórios (Brumer, Rosas; Weisheimer, 2000).

Segundo Malagodi e Marques (2007), as pesquisas têm demonstrado que a juventude no campo envolve grupos com situações sociais, espaciais e históricas diversas, com estratégias de reprodução social, tais como: inserção no trabalho familiar, migração temporária no meio rural, migração para trabalhos urbanos, migração para formação profissional. Portanto, ficar no campo ou sair dele são estratégias complementares, definidas pelas condições objetivas das famílias de agricultores familiares e pelos significados que essas alternativas apresentam aos jovens, na construção de seus projetos de vida, os quais se entende que têm implicações com a dinâmica de circulação dos/das jovens pelos diferentes espaços sociais.

Dalcin e Troian (2009), investigaram as variáveis que influenciam os jovens a permanecer ou sair do meio rural. Entre os 17 jovens entrevistados, presenciou-se a existência de grupos distintos de jovens. Um que se caracteriza pelo desejo de permanecer no meio rural, na comunidade onde reside e assim dar continuidade nas atividades agropecuárias desenvolvidas pela família e outro grupo divergente que desejam sair do meio rural, segundo eles em busca de melhores condições de vida e emprego (Dalcin; Troian, 2009).

Borsoi (2017), aponta que a grande maioria dos jovens no campo não tem realizado uma formação continuada após o ensino médio, sendo que apenas 26% possuem ou estão dando andamento a algum curso técnico, ensino superior ou pós-graduação. É importante levar em conta a criação de oportunidades para a realização de outros anseios, como atividades de formação e acesso às universidades, e de preferência que os jovens possam ser ouvidos sobre as oportunidades que almejam, pois que, por ser do campo, não necessariamente, o jovem tem que seguir uma atividade profissional independente daquilo que é foco dos seus sonhos.

O relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico-OCDE (2022) aponta que quase 36% dos jovens do Brasil não estudam e não trabalham, são jovens de 18 a 24 anos que não desempenham atividade profissional e nem estão matriculados em instituições de ensino, também não conseguem oportunidade para o ensino

superior. Assim, acreditamos que o acionador para entendermos o comportamento recente dos jovens no contexto do campo no mercado de trabalho é segui-los ao longo do tempo, acompanhando suas trajetórias entre as diferentes situações escolares e profissionais.

Como moradora de Caburi e agora também professora, constata-se que a continuidade de estudos e a inserção no mundo de trabalho formal permanece sendo um grande desafio para os jovens Caburienses. A permanência na comunidade, permitiu a visualização que após a conclusão do ensino médio os jovens ficam inativos por longos períodos, restando apenas os chamados “bicos de trabalho” ou trabalhos esporádicos. O entrelaçamento da minha própria trajetória de escolarização e trabalho com a realidade dos jovens caburienses da atualidade, despertou-me para a necessidade de aprofundar os conhecimentos sobre a relação juventude, trabalho e educação naquele contexto e para a possibilidade de, ao compreender as experiências sociais que ali tomam corpo, poder contribuir na compreensão das juventudes dos campos amazônicos. Este é o desafio lançado nesta tese de doutorado.

Todas essas questões trouxeram inquietações. Por isso, decidiu-se investigar, mais sistematicamente, sobre como se configuram as trajetórias de educação e trabalho dos jovens da comunidade de Caburi, Parintins/AM, egressos do ensino médio do ano de 2021.

A pesquisa tem enfoque qualitativo, ancorada em referenciais teórico-metodológicos da pesquisa em educação na interface com a sociologia da educação, dialogando, especialmente com os estudos sobre as trajetórias escolares e de trabalho no Brasil.

A compreensão do significado dessa noção considerando-se o uso que se faz do termo trajetória em outras áreas do conhecimento e mesmo no senso comum, torna-se necessária. Queiroz (1993), ao tratar das definições da noção de trajetória aponta que não são definidas igualmente no âmbito da Sociologia da Educação. O autor descreve que a noção de trajetória escolar não é nova em cada momento da história da Sociologia da Educação, no entanto, a noção foi utilizada de forma diferente. No período que vai das primeiras pesquisas do Ined (Institut National d'Études Démographiques) ao final dos anos 70, a noção de trajetória estava associada às pesquisas longitudinais de grande escala, que acompanhavam um conjunto considerável de alunos ao longo do seu percurso escolar. O objetivo mais ou menos explícito dessas pesquisas era o de evidenciar as desigualdades de oportunidades presentes no sistema escolar.

O segundo período, de acordo com Queiroz (1993) mais precisamente dos anos de 1980, é marcado pelo surgimento de estudos deliberadamente mais limitados, que

selecionam um grupo de trabalhadores ou uma região geográfica específica e estudam detalhadamente as trajetórias escolares presentes nesse grupo ou região. Para esse segundo momento, passou-se a dar maior atenção ao trabalho dos próprios sujeitos na construção de suas trajetórias escolares.

O terceiro período de acordo com o autor, está direcionado para o fato de que grandes estudos estatísticos e as preocupações macrosociológicas com a questão das desigualdades são substituídos por pesquisas macrosociológicas em que o grande desafio passa a ser a construção de um modelo analítico que vá além da dimensão da reprodução da estrutura social pelo sistema de ensino e explique simultaneamente os casos em que o sucesso ou o fracasso ocorrem apesar de serem, do ponto de vista da teoria da reprodução, improváveis.

Para Nogueira e Fortes (2022), a noção de trajetória utilizada em diferentes Ciências como a geometria, meteorologia e astronáutica utilizam o significando, essencialmente, como a linha ou o caminho percorrido por um objeto móvel determinado respectivamente um ponto, definido em termos geométricos, uma massa de ar ou um míssil. Da mesma forma, na linguagem cotidiana, o termo trajetória é utilizado, fundamentalmente, no sentido de caminho, percurso ou trajeto.

Em consenso, na visão de Nogueira e Fortes (2022), qualquer trajetória supõe um ponto ou objeto que se move e um espaço em relação ao qual ocorre o deslocamento. Partindo-se desses dois elementos básicos, é possível caracterizar qualquer trajetória em função da direção, distância percorrida e velocidade alcançada pelo ponto ou objeto móvel no espaço considerado.

Quando se fala de trajetórias dos jovens egressos do Ensino Médio, o assunto em questão é como esse jovem recém egresso tem realizado o movimento em relação a formação e ao trabalho; quais os caminhos percorridos após a conclusão do Ensino médio; quais as suas estratégias e perspectivas, assim compreender como, concretamente, esses jovens do campo amazônico lidam com múltiplas influências sociais e constroem suas trajetórias de formação e de trabalho formal.

A Tese está organizada em quatro capítulos, além da Introdução e as considerações finais. No capítulo 1 apresenta-se o delineamento da pesquisa apresentando os procedimentos metodológicos utilizados para a geração de dados bem como a contextualização do lócus de investigação, apresentação dos participantes envolvidos no processo e os caminhos percorridos que possibilitaram responder aos objetivos propostos.

O capítulo 2 traz a discussão teórica sobre as Trajetórias Escolares e de Inserção no

Mercado de Trabalho dos jovens do campo. O capítulo busca enfatizar como as condições sociais e territoriais influenciam as decisões e possibilidades desses jovens frente ao desafio da continuidade dos estudos após o ensino médio. Ao analisar os contextos de Parintins e Caburi, o capítulo revela as tensões entre o desejo de formação continuada, os vínculos com o território e as exigências do mercado de trabalho.

Capítulo 3 são discutidas especificamente as questões relativas aos marcadores sociais de desigualdades destacando as perspectivas de estudo de trajetórias de escolarização e trabalho dos jovens de Caburi, o local de moradia como marcador social e as expressões das desigualdades no contexto do campo amazônico.

O capítulo 4 retrata especificamente as questões relativas às perspectivas de futuro e estratégias dos jovens de Caburi/Am para continuidade da escolarização e inserção no mundo do trabalho. O capítulo apresenta a discussão dos dados da pesquisa de campo, de maneira a abranger a situação laboral e de acesso à universidade para juventude após o Ensino Médio em comunidades ribeirinhas. Parte-se das contribuições analíticas de estudos que contribuíram e contribuem na análise da condição juvenil em relação ao estudo, trabalho e as desigualdades educacionais e sociais.

Por fim, são tecidas as considerações finais, uma síntese dos achados da pesquisa, as implicações da pesquisa, para os participantes e as contribuições para os estudos da temática Juventude, educação e trabalho na Amazônia.

Estas sessões do trabalho se combinam para sustentar a seguinte tese: As trajetórias dos jovens de Caburi refletem desigualdades estruturais que afetam os jovens das comunidades ribeirinhas amazônicas e se materializam em diversos modos de impedimento à continuidade de estudos e em inserções precárias no mundo do trabalho. Assim, permanecer morando em Caburi no pós ensino médio, por necessidade ou por escolha, impõe limitações aos projetos de escolarização e de inserção profissional, comprovando-se o local de moradia como um marcador social de desigualdades.

CAPÍTULO 1 - PERCURSOS METODOLÓGICOS

A realização de uma pesquisa exige a utilização de diferentes instrumentos para se chegar a uma resposta aos objetivos propostos. Assim, o capítulo faz alusão ao caminho metodológico de construção da tese que conduziram ao desenvolvimento da pesquisa, os instrumentos de produção de dados, o lugar, os sujeitos, o contexto da pesquisa e como ocorreu o processo de análise e contextualização dos dados.

Incorpora-se neste capítulo, o levantamento da produção sobre o tema, tendo em vista que este movimento exploratório, realizado ainda na fase inicial da pesquisa foi fundamental para a redefinição do objeto de estudo.

Na sequência, apresentam-se detalhamentos sobre o método e os procedimentos de coleta, organização e análise dos dados, além da caracterização do campo e dos sujeitos de pesquisa, que concorrem para a devida compreensão dos resultados.

1.1 interlocuções da pesquisa: O objeto de estudo no campo da educação

Entende-se que a produção de conhecimento, seja qual for o campo do saber, pressupõe uma investigação prévia, um inventário fidedigno e sistematizado sobre o que se pensou e o que foi produzido anteriormente, a partir de palavras/termos que têm relação direta com a temática de pesquisa. Para a construção desta tese de doutorado, optou-se por este movimento inicial de pesquisa, partindo do que já foi produzido e problematizado, para seguir com segurança e na certeza da produção de um trabalho com originalidade e com o compromisso com o ineditismo.

O projeto de pesquisa inicialmente voltado para a análise da realidade dos jovens de Caburi, egressos do ensino médio, a partir da categoria nem nem (jovens que não estudam e não trabalham) sugeriu uma busca da produção acadêmica recente que abordasse a situação dos jovens do campo que não estudam e não trabalham. Definiram-se como bases de dados, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações- BDTD e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, considerando que estas plataformas disponibilizam o caminho específico de acesso para os trabalhos catalogados, além de disponibilizar o resultado da pesquisa para download, facilitando a localização e delimitação para a pesquisadora. Foram selecionadas dissertações de mestrado e teses de doutorado no recorte temporal de dez anos, no período entre 2011 e 2021.

Reunir informações sobre o tema exige sempre delimitações na amplitude de informações disponíveis e neste estudo as delimitações são essenciais para estabelecer critérios que ajudem a nortear e fundamentar a tese. Nos quadros 1 e 2 apresenta-se um panorama quantitativo incluindo a palavra-chave Juventude do Campo², sem filtros, com objetivo de ter uma visão macro do número de trabalhos que estão disponíveis nas plataformas BDTD e CAPES.

Quadro 1: Resultado da busca a partir da palavra-chave juventude do Campo na Base BDTD

| PALAVRA-CHAVE | DISSERTAÇÕES | TESES | TOTAL |
|----------------------|---------------------|--------------|--------------|
| Juventude do campo | 3.489 | 1.182 | 4.671 |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados da busca na BDTD, 2022

Quadro 2: Resultado da busca a partir da palavra-chave juventude do Campo na Base CAPES

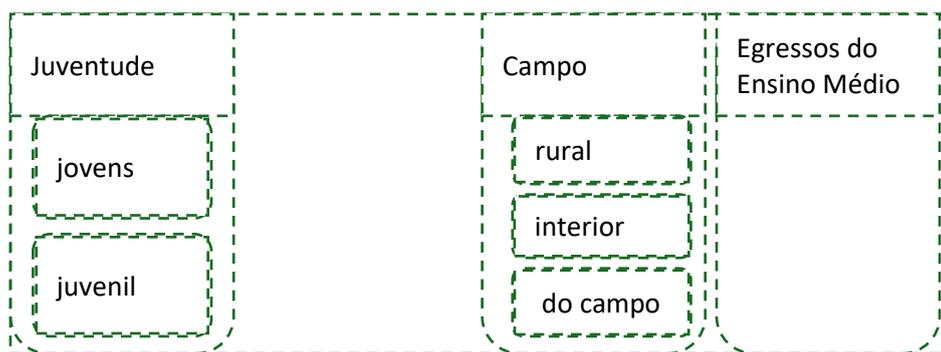
| PALAVRA-CHAVE | DISSERTAÇÕES | TESES | TOTAL |
|----------------------|---------------------|--------------|--------------|
| Juventude do campo | 2.236 | 942 | 3.178 |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados da busca na Base Capes, 2022

Após a realização da busca inicial pela palavra-chave, objetivou-se refinar os descritores específicos para buscar material que atendessem à temática. Durante o processo de busca, foi necessário fazer junções entre essas palavras para que os resultados fluíssem de maneira mais satisfatória. Assim, foram feitas algumas associações do tipo: juventude+campo; juventude + trabalho e a última jovens + egressos do Ensino Médio. Os trabalhos que apresentavam palavras sinônimas também foram considerados.

² Considerando que muitos trabalhos utilizam a categoria juventude rural. Com esta palavra-chave a busca também retornou os trabalhos que utilizam a categoria juventude rural.

Figura 1: Palavras-chave e sinônimos utilizados na busca das produções acadêmicas



Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Com estes filtros, os trabalhos encontrados nas plataformas BTDT e CAPES perfazem um total de 120. No processo de análise destas produções, visando a definição daqueles mais alinhados com o objeto da Tese, realizou-se, inicialmente, o que Bardin (1977) estabelece como leitura flutuante, isto é, estabelecer o primeiro contato com os documentos a serem analisados, captando as ideias gerais e sem maiores preocupações técnicas.

Após esta etapa de pré-análise, foram selecionados 47 (quarenta e sete) títulos para a leitura (Apêndice B), em que posteriormente organizando-se estas produções por título da pesquisa; tipo de publicação – mestrado ou doutorado, metodologia; resultados; resumo e o ano de publicação.

Realizou-se a busca seletiva e crítica nas fontes de informação da produção científica restritas aos estudos e parâmetros próximos às especificidades da proposta de pesquisa, na tentativa de ajudar a definir as categorias de abordagem teórico-metodológicas com objetivo de esclarecer e delimitar a contribuição e originalidade sobre o que se propõe a desenvolver. Assim foram selecionados 16 trabalhos para análise.

Nos 16 estudos analisados, observou-se um destaque para a prevalência de jovens que, após a conclusão do ensino médio, ficam fora do trabalho e dos estudos no Brasil. Os estudos chamam a atenção para os maiores riscos de exclusão desses jovens ao longo da vida, haja vista que períodos longos de inatividade deixam marcas em suas trajetórias laborais e de escolarização. Conforme Silva (2020), ficar sem estudar e sem trabalhar por longos períodos é uma situação comumente associada a problemas como pobreza, desalento, depressão, baixa autoestima e preconceito.

Um destaque na distribuição regional destas produções está no fato dos achados de dois trabalhos da região norte intitulados “juventude, escolarização e projeto de vida: representações sociais dos jovens de Bragança/Amazônia Paraense (Farias 2018) e

Juventude e Trabalho: um olhar sobre os cursos técnicos na empregabilidade dos jovens no município de Parintins, relacionado à realidade dos jovens (Reis, 2015). O quadro 3 apresenta a sistematização dos 16 trabalhos analisados.

Quadro 3 - Produções acadêmicas das plataformas BDTD e CAPES analisadas

| Título | Autor | Instituição | Tipo | Ano |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|-------------|------|------|
| Determinantes da Escolha e do Retorno Ocupacional dos Jovens Brasileiros | Maitê Rimekká Shirasu | UFC | T | 2018 |
| Ser alguém na vida: condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da microrregião de Governador Valadares-MG | Maria Zenaide Alves | UFMG | T | 2013 |
| Juventude, escolarização e projeto de vida: representações sociais dos jovens de Bragança/Amazônia Paraense | Degiane Da Silva Farias | UFPA | T | 2018 |
| O/A Jovem Chamado/A Nem Nem: Produzindo Questionamentos A Partir De Pesquisas Sobre Juventude E Das Experiências De Jovens Pobres | Paulo Roberto da Silva Junior | UFMG | T | 2018 |
| Os Jovens Que Nem Trabalham Nem Estudam No Brasil: Caracterização E Transformações No Período 2004/2015 | Denise Guichard Freire Da Mota | UFRJ | T | 2018 |
| #Cheguei em médio: Educação E Trabalho Desafios De Uma Ação De Integração E As Implicações Da Geração Nem-Nem (2017-2018) | Leilson Barros Oliveira | URCA | D | 2018 |
| Juventudes e trabalho: trajetórias de egressos do programa Jovem Aprendiz | Debora Diana da Rosa | UFSC | D | 2015 |
| Do campo à universidade: análise das trajetórias acadêmicas de jovens oriundos do meio rural | Magna Rita Arcanjo Domingos | UFV | D | 2021 |
| Projetos de vida dos jovens do ensino médio de escola pública | Amanda Félix Da Silva | UFPE | D | 2019 |
| Jovens do Campo Baiano: O lugar da escolarização e do trabalho nas trajetórias e projetos de futuro. | Sicleide Gonçalves Queiroz | UFS | D | 2011 |
| Sobre a vivência da condição juvenil: um estudo com jovens egressos do Projovem Urbano (2008-2010) da cidade do Rio de Janeiro | Márcia Teixeira Pinto | UERJ | D | 2012 |
| Vivências E Experiências Em Educação E Trabalho: Um Estudo De Caso Sobre Jovens Do Campo Egressos Do Curso Técnico Profissionalizante Em Agropecuária /Pronatec Ubaíra-Ba (2012-2014) | Jaqueline Andrade Brito | UFRB | D | 2016 |
| A situação de jovens no Brasil que nem trabalham nem estudam frente a era da informação | Maria do Socorro Rodrigues Silva | PUC GOIÁS | D | 2020 |
| Entre ausências, incertezas e labirintos: a inserção social de jovens que não trabalham nem estudam no Brasil | Tamille Sales Dias | UNB | D | 2016 |
| Uma questão social: Jovens fora da escola e o mundo do trabalho no universo popular | Fabiana Ribeiro Brito trindade | PUC/RIO | D | 2018 |
| Juventude e Trabalho: um olhar sobre os cursos técnicos na empregabilidade dos jovens no município de Parintins | Keuryanne Guerreiro Dos Reis | UFAM | D | 2015 |

Fonte: Elaborado pela autora com base no Banco de dados da BDTD/ CAPES (2021)

No estudo de Reis (2015), mostra a importância da Educação Tecnológica profissional aos jovens no município de Parintins, no que diz respeito às facilidades para a inserção no mercado local quando qualificados. No entanto, os desafios estão da absorção de grande parte destes jovens qualificados nos campos de trabalho, pois as redes de empregabilidade ainda ficam restritas aos apadrinhamentos municipais, que não levam em consideração a qualificação, e tendenciam os jovens a se inserirem no trabalho informal ou ocuparem cargos que não condizem com sua qualificação profissional, percorrendo, portanto, dentro da perspectiva da precarização do trabalho quanto a não valorização profissional destes jovens.

Farias (2018), os jovens são marcados por características de vinculação ao mundo do trabalho, à condição de pai, mãe, ribeirinho, pescador, nativo digital, portanto sujeitos plurais e heterogêneos. Esses jovens conferem à escola, sentidos e significados indispensáveis para a construção dos seus projetos de vida, na medida em que a assumem como um espaço a partir do qual suas projeções ganham possibilidades de concretização.

Domingos (2021), destaca que a elevada proporção de jovens fora da escola e sem emprego no país está associada às desigualdades de renda, gênero e raça presentes na sociedade brasileira, que acabam por privilegiar alguns grupos e limitar outros no acesso à educação de qualidade e melhores oportunidades de emprego.

Alves (2013) e Trindade (2016), advertem que estar sem estudar e sem trabalhar é uma situação transitória e que períodos de inatividade são comuns na trajetória laboral dos jovens, a explicação para que alguns permaneçam nessa situação por períodos mais longos que outros ainda é controversa. O diagnóstico dominante aponta que ser pobre, negro, ter baixa escolaridade e ser mulher com filhos são características que aumentam as chances de os jovens estarem na situação conhecida como nem nem.

Os apontamentos de Mota (2018); Rosa (2015); Brito (2016) e Oliveira (2019) expressam significativas contribuições para as discussões em torno da juventude no campo que não estudam nem trabalham na formalidade, ainda assim denunciam o pouco espaço ocupado pela juventude como objeto de investigação, sobretudo, no campo, que é o lugar de onde falamos e construímos nossos discursos em torno dessas questões.

Diante dos achados destas produções e com o processo de amadurecimento do olhar investigativo sobre a realidade a ser pesquisada, surgiram novas questões, instigando uma redefinição do objeto de pesquisa que passou a centrar-se nas trajetórias de inserção profissional e continuidade dos estudos após o ensino médio para os jovens que permanecem

em Caburi. As alterações foram submetidas via emenda ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFAM e aprovadas. (Anexo A). Ressaltamos que a análise desta produção foi muito relevante para a pesquisa que foram somadas com as próximas leituras.

Com o redirecionamento do projeto, buscou-se o aprofundamento da temática juventude do campo a partir de produções que discutem as relações dos jovens com a educação, o trabalho e a questão da permanência no local de moradia após a conclusão do ensino médio.

Assim, partimos de uma revisão da literatura mais abrangente, incluindo também livros, artigos, dissertações e teses sobre o tema. Realizamos a busca seletiva e crítica nas fontes de informação da produção científica restritas aos estudos e parâmetros próximos às especificidades da proposta através da imersão em plataformas de pesquisa Scielo; Capes; BDTD e Repositório da Ufam, envolvendo as categorias: Juventude, educação, trabalho, Ensino Médio e ensino superior.

Mapeamos as produções acadêmicas tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. Constatamos na leituras que, apesar da extensão e profundidade dos problemas sociais que afetam a juventude na sociedade brasileira, a carência de estudos pautados nas trajetórias de educação e trabalho de jovens rurais egressos do ensino médio é incipiente no campo científico que ainda hoje se privilegiam os estudos dos jovens da zona urbana.

Com essa nova leitura o trabalho direcionou para as trajetórias de educação e trabalho dos jovens da comunidade de Caburi, Município de Parintins/AM egressos do ensino médio.

Vale ressaltar que, foi necessário fazer junções entre palavras para que os resultados fluíssem de maneira mais satisfatória. Assim, refinamos os descritores específicos na primeira junção envolvendo os termos: Juventude + educação + ensino médio e na segunda junção das palavras-chave: Juventude + ensino superior + trabalho. Os critérios de seleção foi trabalhos publicados no Brasil nos anos de 2011 a 2021.

Realizamos as leituras dos resumos e selecionamos trabalhos com as devidas delimitações essenciais para estabelecer critérios que nos ajudaram a nortear e subsidiar a mudança do foco da pesquisa. Com uma leitura mais aprofundada, a base dos estudos estão fundamentadas em (ALVES, 2016; RIBEIRO, 2019 ;CASTRO, 2009 ; SILVA,2009; SILVA, 2020; BRUMER, 2000; WEISHEIMER, 2000; MEDEIROS, 2015; DOMINGOS, 2021, PAIS, 2016; BRITO, 2016, SOUZA, 2023; LIMA, 2018; DAYRELL, 2015) dentre

outros.

As pesquisas apresentadas foram analisadas e serviram de base para uma maior compreensão do pensamento, posicionamento teórico, caminhos metodológicos, e os resultados encontrados, foram considerados para reconstrução desta proposta sobre juventude e as relações de educação e trabalho.

Sobre o acesso ao mercado de trabalho em Parintins, Souza (2023), enfatiza que apesar dos avanços que a juventude vem conquistando, muitos são os desafios que os cercam, quando tratamos de políticas públicas e o acesso ao mercado de trabalho. O público juvenil é alvo recente de debate dentro da agenda pública, por isso é essencial a reflexão acerca das inquietações da juventude. Em um cenário atual de crise econômica, que ocorre desde 2015 no Brasil e agravada pela pandemia da Covid-19, o mundo do trabalho sofre grandes transformações. Tais mudanças afetam com mais intensidade os jovens, pela falta de oportunidades e exigências impostas. Em Parintins-AM, o drama do desemprego vivido pelos egressos, traz à tona uma realidade incerta para os estudantes concluintes do Ensino Médio.

Os resultados da pesquisa de Souza (2023), revelam que o cenário atual de incertezas, oriundo da crise econômica, o desconhecimento e a inexistência de políticas e programas de renda e trabalho afetam diretamente a expectativa de futuro profissional tanto dos estudantes recém formados em Parintins-AM. A realidade em que vivem os jovens é diferente e complexa, os egressos vivem no seu cotidiano com a angústia da falta de trabalho na cidade, o que afeta diretamente sua perspectiva de futuro.

Weisheimer (2020), ao tratar sobre trajetórias de trabalho de jovens, parte do pressuposto que os projetos profissionais dos jovens traduzem, como um indicador, a avaliação que eles fazem das suas chances de permanência na agricultura familiar, das possibilidades de reprodução das unidades produtivas das quais participam e de suas disposições à sucessão geracional nessa atividade. A compreensão é de que a formulação de projetos profissionais é propícia aos jovens à medida que eles podem fazer um esforço de reflexividade com vista a estabelecer objetivos de inserção no mundo do trabalho. Entretanto, isso não ocorre no âmbito das escolhas pessoais, mas resulta, antes, do balanço entre as experiências adquiridas na trajetória dos jovens em contraste com seu campo de possibilidades, o qual atua como condicionante estrutural sobre seus projetos.

Em relação ao acesso ao Ensino Superior de jovens de localidades distantes do município, Lima (2018) fortalece a discussão trazendo dados que revelaram uma realidade

de Ensino Superior que recebe estudantes de várias localidades, apontando para uma expressiva participação de jovens na faixa etária de 18 a 24 anos, e que estão vinculados aos programas e às ações que auxiliam na sua permanência na universidade.

Lima (2018), constatou que a interiorização ampliou de fato o acesso de jovens das camadas populares e que os auxílios executados no âmbito do Programa Nacional de Assistência Estudantil são indispensáveis à permanência desses alunos no Ensino Superior, sobretudo, o auxílio moradia, acadêmico e Restaurante Universitário. Dentre as principais causas de retenção e abandono dos cursos apontadas pelos grupos, destacou-se: os problemas emocionais e financeiros dos estudantes acarretados pelo distanciamento das famílias dos jovens oriundos de outras localidades.

Nesse entendimento, admite-se que a ampliação da participação do jovem na Educação Superior deve ser acompanhada por medidas políticas que possam fazer frente aos desafios que, por força das desigualdades sociais, esses estudantes terão que enfrentar quando forem inseridos nos meios universitários; caso contrário, o projeto de democratização desse nível de ensino nas camadas populares sofrerá inúmeras e profundas limitações.

Apesar de novas abordagens e enfoques emergirem sobre a juventude, educação e trabalho, nota-se que ainda são limitadas as pesquisas que buscam compreender as trajetórias de jovens que após o Ensino Médio permanecem nas comunidades ribeirinhas e não dão continuidades aos estudos, pois apesar de haver pesquisas sobre diferentes aspectos, os temas mais recorrentes são a tendência migratória dos jovens, em grande parte justificada por uma visão relativamente negativa da atividade agrícola e dos benefícios que ela propicia e os problemas existentes sendo transferência para a juventude.

1.2 Aportes e desenvolvimento da pesquisa de campo

Este estudo configura-se dentro de uma abordagem qualitativa, que busca compreender o fenômeno social das trajetórias de escolarização e trabalho de jovens do campo no pós-ensino médio, a partir de uma aproximação com jovens de uma comunidade amazônica, considerando elementos estruturais e subjetivos que atravessam suas experiências.

Sem abrir mão do diálogo com a vasta bibliografia que contribui para a compreensão das trajetórias em um aspecto mais abrangente, o estudo priorizou o desenvolvimento de uma pesquisa de campo, com a finalidade de compreender os desafios destas articulações

entre educação e trabalho a partir da perspectiva dos próprios jovens.

Bogdan e Biklen (1994, p.47-50), descrevem a investigação qualitativa como sendo descritiva e os dados emergem nos locais de acontecimento dos fenômenos estudados, em um processo direto entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa e assim é possível apreender suas percepções.

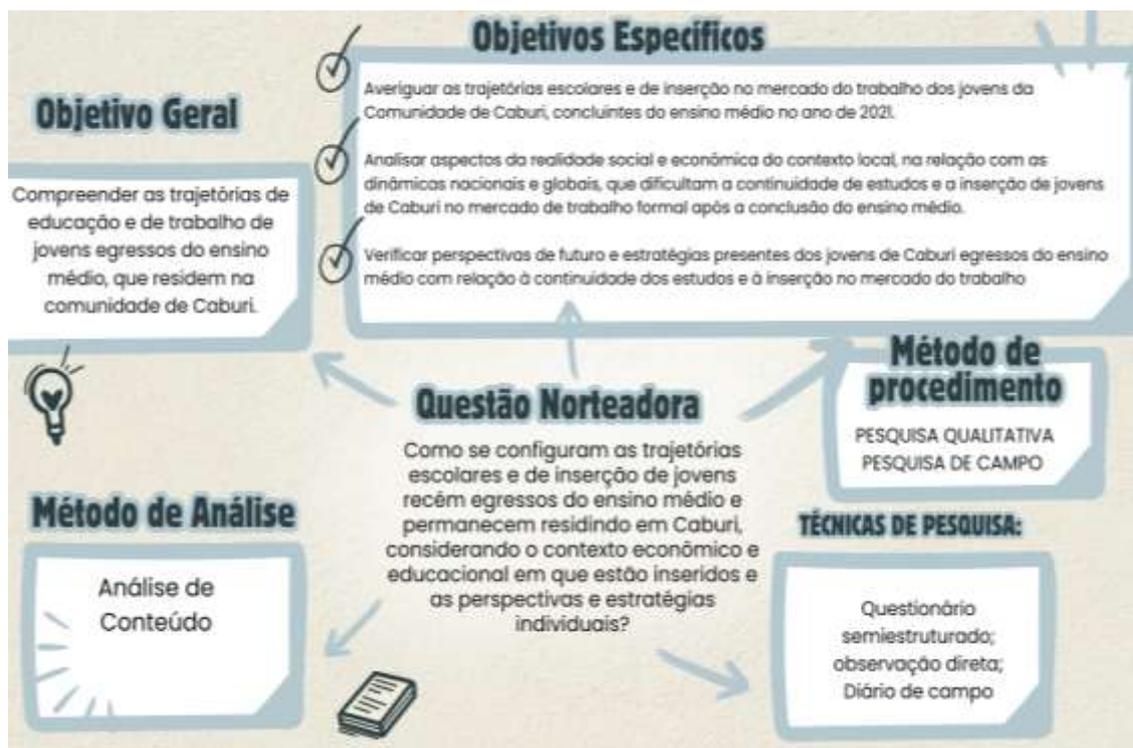
Ao interagir com os participantes da pesquisa estamos participando de suas vivências, visto que são os principais sujeitos desse processo de investigação, pois a abordagem qualitativa permite compreender o sentido e o significado dos fatos a partir do relato e da subjetividade dos sujeitos.

A opção pela pesquisa de campo deu-se pela possibilidade que oferece de maior concretude às argumentações relacionadas às trajetórias de educação e trabalho dos jovens egressos, especialmente por meio da observação do contexto para coleta de dados em campo, agregando impactos pertinentes e sobretudo no sentido de facilitar a aproximação prática.

Lüdke e André (1986), destacam que os dados coletados nas pesquisas qualitativas são predominantemente descritivos analíticos, devendo, pois, o pesquisador considerar que a descrição deve possibilitar um diálogo com o objeto, desse modo descrevemos no desenho da tese como planejamos caminhar, para em seguida apresentar a forma como conseguimos trilhar o caminho e as experiências vivenciadas. A figura 2 apresenta o desenho da pesquisa.

A pesquisa de campo foi realizada no período de março de 2022 a outubro de 2023. Inicialmente, fez-se necessário o levantamento dos concluintes do ensino médio no ano de 2021 na escola estadual que oferece esta etapa da escolarização de modo presencial em Caburi. A fim de cumprir as exigências do CEP/UFAM, apresentou-se o projeto à Coordenadoria Regional de Educação para obtenção de anuência para execução da pesquisa por parte das instituições: Escola estadual de Caburi e Coordenadoria Regional de Educação de Parintins-Amazonas. (Anexo B)

Em 2022, apresentamos as intenções do estudo na escola e solicitamos informações necessárias para escolha dos sujeitos e acesso a documentos oficiais de interesse dentre os quais indicamos: lista dos estudantes do 3º ano Ensino Médio de 2021, dos turnos matutino e vespertino e relatório individual dos estudantes. Fomos bem recebidos pelo gestor da escola, obtivemos anuência e todas as informações necessárias para conhecer os jovens egressos de 2021.

Figura 2: Desenho de Pesquisa/ O caminho da pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Após aprovação do CEP, partiu-se para o contato com os egressos a fim de mobilizá-los a participar da pesquisa. No total eram 53 (cinquenta e três) egressos de 2021 cadastrados nas fichas de matrícula, mas nem todas as fichas constavam números telefônicos e endereços para contato, o que dificultou o andamento da pesquisa. Além disso, a escola informou que os estudantes não tinham acesso à internet e aparelhos eletrônicos para comunicação virtual, o que causou uma certa preocupação. Apesar de não constar todas as informações necessárias nas fichas, buscamos informações pela comunidade e alcançamos êxito na localização dos egressos.

Garantindo o cumprimento dos critérios primários de inclusão dos sujeitos da pesquisa e qualificação da amostra, o recrutamento final foi realizado mediante os critérios de inclusão e exclusão (Quadro 4) e após a organização e seleção resultando em um total de 30 (trinta) jovens com idades entre 18 e 25 anos, residentes na Comunidade de Caburi e que concluíram o ensino médio no ano de 2021 com os quais seria realizada a etapa de aplicação de questionário semiestruturado (Apêndice A).

Quadro 4: critérios de inclusão e exclusão de participantes:

| | |
|-----------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Critérios de Inclusão | <ol style="list-style-type: none"> 1) Ser egresso de escola pública do Ensino Médio no ano de 2021; 2) Manifestar interesse em participar da pesquisa; 3) Ter entre 19 a 29 anos. 4) Ser residente do Distrito de Caburi, no Município de Parintins-AM/Brasil. |
| Critérios de Exclusão | <ol style="list-style-type: none"> 1) Mudar-se da comunidade de Caburi para outro local. 2) Faltar, sem justificativa, a três agendamentos de coleta de dados marcados com antecedência pela pesquisadora; 3) Manifestar intenção de desistência da participação na pesquisa. |

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

A definição da amostra levou em consideração o levantamento exploratório em uma escola estadual pertencente à comunidade de Caburi, no Município de Parintins, como também os propósitos da pesquisa e as condições objetivas para sua realização, prevalecendo os critérios qualitativos aos quantitativos na seleção dos sujeitos

Ainda que o questionário semiestruturado se tratasse de um instrumento que, a princípio, poderia ser respondido de modo autônomo pelos sujeitos, portanto sem o auxílio da pesquisadora, o conhecimento prévio da realidade pesquisada, dada a implicação social e profissional da pesquisadora, e as primeiras incursões em campo, sugeriram que uma aplicação presencial e individual com suporte de ferramentas e técnicas da pesquisa etnográfica, seriam essenciais para o alcance dos resultados da pesquisa.

Os etnógrafos observam e pesquisam as vidas rotineiras das pessoas por eles estudadas, com o objetivo de discernir padrões previsíveis dessas experiências humanas vividas. Assim, a Etnografia,

[...] é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades. O modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como a sua cultura. Estudar a cultura envolve um exame dos comportamentos, costumes e crenças aprendidos e compartilhados do grupo (ANGROSINO, 2009, p. 16).

Nesta perspectiva, Mattos; Castro (2011, p. 45) corroboram que fazer etnografia

É dar voz a uma minoria silenciosa; é caminhar em um mundo desconhecido; é abrir caminhos passando das contingências para a autodeterminação, para inclusão na escola, na vida social, no mundo da existência solidária e cidadã. Fazer Etnografia é um pouco de doação de ciência, de dedicação e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer Etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais.

Magnani (2009), por sua vez, entende que a Etnografia é uma maneira própria de operar, em que o pesquisador entra em contato com o universo de um grupo de pessoas não apenas para permanecer ali, mas para fazer uma relação de suas teorias com aquelas

compartilhadas pelo grupo estudado para, a partir disso, encontrar um modelo novo de entendimento.

Para Angrosino (2009, p. 34), a Etnografia “[...] é um método de pesquisa que busca definir padrões previsíveis de comportamento de grupo. Ela é baseada em trabalho de campo, personalizada, multifatorial, de longo prazo, indutiva, dialógica e holística”.

Analisando e refletindo sobre a abordagem etnográfica como pesquisa científica, Mattos e Castro (2011) ressaltam que fazer Etnografia implica:

- 1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura; 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado (MATTOS; CASTRO, 2011, p. 49).

Em seus estudos, André (2012, p. 28-29) aponta que, para uma pesquisa ser caracterizada como etnográfica, é preciso ficar atento a alguns preceitos: 1) uso de técnicas tradicionais da Etnografia como observação participante, entrevistas e análise documental pelo pesquisador; 2) interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado, sendo o pesquisador o principal instrumento para coleta e análise de dados; 3) ênfase no processo, naquilo que está acontecendo e não no produto ou nos resultados finais; 4) preocupação com o significado; 5) trabalho de campo em contato direto e prolongado com o objeto de estudo; 6) descrição e indução, o pesquisador tem acesso a dados descritivos.

Lakatos e Marconi (2003, p. 186), definem como uma forma específica de pesquisa qualitativa que ocorre no ambiente natural onde os fatos acontecem. Ir a campo significa pôr em diálogo as teorias com as práticas. Assim, fomos à campo, em busca de informações e conhecimentos relacionados com o problema e em busca de evidências que pudessem contribuir para a elucidação das questões de pesquisa.

Segundo Paugam (2015), a observação sociológica é realizada in vivo e não in vitro, ela se confronta com situações reais e está a serviço de uma construção do objeto e na observação direta, o pesquisador pode definir as categorias de coleta que são adaptadas aos fins que ele pesquisa. Assim, foi realizada a visita nas casas dos sujeitos para aplicação de questionários semiestruturados e o testemunho dos fenômenos, registros das impressões em diário de campo, fotografias do ambiente, elementos considerados necessários para a pesquisa.

Paugam (2015), pontua ainda que observação direta é um método essencial que dá acesso ao que se esconde, a fim de retratar o encadeamento das ações e das interações ou

ainda para apreender o que não se diz, ou que é percebido sem ser dito. Optou-se pela observação direta que permite uma dedicação exclusiva à coleta de dados. Dessa forma, o pesquisador, pode percorrer livremente os diferentes pontos de vista da situação que ele busca estudar.

O observador de acordo com Paugam (2015) deve, pois, munir-se de formas de representação de si e elaboradas, que antecipam seu desapego pessoal em relação às apostas sociais do ambiente estudado e seu interesse em expressá-las. Mesmo o observador conhecido como tal pode, à custa de paciência e de negociação, participar das atividades e conversações ordinárias, acedendo assim a dados que o questionário semiestruturado não proporcionou na pesquisa in lócus, às vezes sentada ou em pé, os sujeitos conversavam sobre suas trajetórias e em certos momentos deixavam transparecer alegrias, tristezas e aspirações, a partir desses elementos surge o diário de campo, possibilitando respostas que não estavam descritas no questionário.

Uma das principais características da observação direta é a sua objetividade, uma vez que o pesquisador se limita a observar e registrar o que está acontecendo, sem influenciar o comportamento dos sujeitos estudados. Dessa forma, é possível obter informações autênticas e fidedignas sobre o objeto de estudo.

Paugam (2015), ao tratar do diário de campo relata que um diário bem cuidado é um texto pesado, desordenado e repetitivo. Longe de qualquer poesia, ele narra os fenômenos, os acontecimentos, as atitudes, as relações, os diálogos, em sua banalidade e recorrência. O diário de campo nos apontamentos do autor é uma ferramenta essencial na coleta de dados e observações, ele serve como um registro detalhado e sistemático das experiências, reflexões, insights e descobertas do pesquisador durante o processo de investigação. O uso do diário de campo como técnica suplementar possibilitou uma escrita sociológica das impressões e observações dos comportamentos dos sujeitos e do ambiente estudado.

Para Spink (2003), o trabalho de campo é uma estratégia importante de pesquisa, uma vez que envolve a articulação de proposições teóricas com a experiência empírica na produção de saberes contextualizados. Frequentemente, em estudos exploratórios com viés qualitativo utiliza-se a escrita de diários de campo como ferramenta metodológica para registro e posterior análise da experiência do(a) pesquisador(a) e dos(as) participantes.

Pensar a implicação do(a) pesquisador(a) é reconhecer-se em um paradigma de pesquisa no qual os sentidos da intervenção são sempre problematizados e toda a ação de produção de conhecimento é entendida como intervenção no campo social. Neste sentido, é

importante questionar os efeitos destas ações e realizar a análise das implicações a partir da desnaturalização das dicotomias entre sujeito e objeto e manter vivas as tensões sempre presentes entre subjetividade e ciência (Paulon, 2005).

Para evitar um menor índice de retorno do questionário, optou-se pela aplicação direta em dias alternados de acordo com a disponibilidade dos sujeitos, com um planejamento para início e término da coleta para evitar o prolongamento. Assim, durante a aplicação do questionário sendo 20 (vinte) aplicados com presença da pesquisadora e 10 (dez) com datas marcadas pelos sujeitos para recebimento do material.

1.3 O campo de estudo

Constitui-se como local de pesquisa a Agrovila de São Sebastião do Caburi localizada no Município de Parintins. A escolha da Comunidade de Caburi como local de pesquisa deve-se a dois fatores: a viabilidade da realização da coleta de dados, dada a inserção da pesquisadora no local, e a relevância do estudo do tema para a comunidade.

Parintins é um município brasileiro no interior do estado do Amazonas. Localizando-se no extremo leste do estado, distante 369 quilômetros da capital Manaus. Também conhecida como “ilha tupinambarana”, é reconhecida pelo festival de Boi Bumbá e se caracteriza por abrigar balneários localizados à beira de lagos. Não é possível chegar até o município por via terrestre. A ilha fica no meio da floresta amazônica e na beira do Rio Amazonas. Dessa forma, existem meios de chegar por via aérea e via fluvial (barcos maiores e lanchas) (Bartoli, 2012). A figura 3 apresenta a vista aérea do Município de Parintins.

Figura 3 – Vista aérea do Município de Parintins (AM)



Fonte: Equipe de comunicação da Prefeitura de Parintins (2021).

Segundo dados do IBGE (2022), o Município de Parintins possui dois distritos (Vila Amazônia e Mocambo) e 115 comunidades rurais, incluindo a Comunidade de São Sebastião da Agrovila do Caburi, distribuídas ao longo do Rio Amazonas e seus afluentes. O Distrito do Caburi³ está localizado a 60 km em linha reta da cidade de Parintins, em via fluvial. A comunidade corresponde a uma área de aproximadamente 1.140 Km² e sua população está em torno de 2.112 habitantes, segundo (Filho; Gama, 2024).

Entendemos que a vivência de nascer e viver numa comunidade ribeirinha apresenta especificidades quanto ao acesso ao ensino superior, diante disso é relevante entender mais sobre o contexto mais amplo da comunidade de Caburi.

O acesso para a comunidade da Agrovila do Caburi a partir da sede principal do Município de Parintins é feito em embarcações motorizadas, típicas da região amazônica, com saídas semanais regulares da rampa do mercado municipal, pela manhã, ou outros horários. As lanchas e motores rabeta também facilitam o acesso à região caburiense, principalmente no período da vazante dos rios quando o percurso fica mais difícil devido ao fechamento da entrada que dá acesso ao lago do Distrito do Caburi (Rodrigues, 2005).

As diferentes embarcações predominantes da região são a base para que haja movimento/ circulação, sejam elas lanchas rápidas, barco regional, bajara⁴, rabeta, canoa, cada uma presta um grande serviço à sociedade que necessita transitar pelas estradas fluviais da Amazônia. De acordo com Bastos (2006) o transporte em sua diversidade de modais é o grande responsável pelo movimento de circulação de pessoas e mercadorias. Nesse contexto é possível afirmar que cada embarcação mencionada apresenta características próprias e uma utilidade específica quanto ao seu uso.

A Agrovila do Caburi, assim como outras comunidades no Estado do Amazonas sofreu influência da igreja católica no seu processo de formação. Desde o processo de colonização até os dias atuais, a igreja católica se faz presente nas relações socioculturais nas comunidades ribeirinhas.

Ao aproximar da Agrovila do Caburi utilizando as embarcações, depara-se primeiramente com a imagem da Igreja de São Sebastião (Silva, 2009). A figura 4 mostra a localização via satélite da comunidade de Caburi e as comunidades adjacentes. A figura 5 apresenta a vista aérea de Caburi e a figura 6 mostra a vista de Caburi a partir da chegada à

³ Na definição oficial, Caburi não é considerado um Distrito e sim uma Comunidade Rural. Todavia, neste estudo, sensível ao modo nativo de se auto identificar, optou-se por adotar os termos Distrito de Caburi e Agrovila de Caburi.

⁴ Nome dado pelos moradores de Caburi para uma canoa maior, com cobertura e motorizada.

Comunidade pelo rio.

Figura 4 – Mapa de localização da comunidade de Caburi, Parintins-AM



Fonte: Google Maps, 2021

Figura 5 - Vista aérea de Caburi, Parintins-AM



Fonte: Brilhante, 2023

Figura 6 - Vista de Caburi a partir da chegada à Comunidade pelo rio



Fonte: Equipe de comunicação de Caburi, 2023

A história da Agrovila é contada por moradores antigos que relatam a origem de seu nome. Segundo os relatos de moradores, a agrovila denominou Caburi devido um cabo chamado Ari e aproximadamente 20 militares entrarem lago adentro em busca de aldeias para punir e prender indígenas responsáveis pela morte de um militar chamado Cabo Vilela. Ari e sua tropa foram emboscados por indígenas das tribos do lago. Este fato ficou conhecido na região como “o caso do lago Cabo Ari” que mais tarde o linguajar do povo foi transformando até ao que se pronuncia hoje Caburi (Rodrigues, 1993).

Rodrigues (1993), relata que em 1905 um casal que buscava terras férteis para agricultura chegou ao lago do Caburi, D^a Caranã, uma portuguesa casada com um brasileiro, nordestino Diogo. O local era desabitado, tendo somente vestígios de habitantes de tempos remotos. O casal fixou residência na cabeceira do lago chamado Ribeira, sendo considerados portanto, os primeiros moradores que chegaram à localidade.

No ano de 1926 houve um grave surto de malária, sucedendo grande mortandade de gente. A febre na época não tinha cura, era prevenida apenas. Essa epidemia dizimou grande parte da população. Algumas famílias abandonaram suas casas, dezenas de sepulturas foram feitas à beira do lago, de aproximadamente 30 famílias restaram apenas 19 ao todo. Nos anos seguintes, novos habitantes surgiram, trabalhadores autônomos ou empregados, nesse período quem dominava 50% das atividades era um fazendeiro bastante rico, João da Mata (Pontes, 2019).

Nos anos seguintes sobreviveu novamente à epidemia. No ano 1938, uma senhora chamada Rosa Carapaní, fez uma promessa ao Santo São Sebastião, no qual, se acabasse a peste, as mortes parassem na localidade, ela mandava confeccionar uma imagem do santo e rezar a “ladainha anualmente”. E acreditam que Deus ouviu seus pedidos, pois a doença foi parando. E a promessa foi cumprida no ano seguinte, sendo confeccionada a imagem na cidade de Faro, Estado do Pará. Com a chegada da imagem em 1940, o festejo com a reza da “Ladainha”, no dia 19 de janeiro começou a ser realizado anualmente até os dias de hoje (Pontes, 2019).

Segundo Rodrigues (2005), a população caburiense é considerada uma população hospitaleira e diversificada com características próprias, formada por pescadores, pequenos pecuaristas e agricultores. A localidade recebe diretamente a influência de um clima equatorial por está inserida no Estado do Amazonas e porque sua planície é cortada pela linha do Equador, sendo quente e úmido.

Durante este período ocorre a descida das águas dos rios e outros cursos d'água, dificultando o acesso à comunidade. O trajeto até a comunidade de Caburi segue um percurso em que as lanchas e barcos aportam na chamada “beira do Amazonas” ou “Boca do Caburi, ambos os termos são conhecidos popularmente pelos ribeirinhos, moradores das comunidades próximas e principalmente por ser a porta de entrada para a Agrovila do Caburi (Fonseca, 2018). Em seguida, fazem um percurso a pé carregando malas e produtos, ao mesmo tempo as barajas deslizam pelo furo até alcançar um lugar com mais profundidade e colocarem novamente os passageiros. As figuras de 7 a 9 demonstram o percurso realizado pelos moradores de Caburi no período da vazante dos rios até a comunidade.

Figura 7 : Trajeto inicial a partir de lanchas, com a descida na beira do Rio Amazonas.



Fonte: pesquisa de campo, 2023

O regime fluvial caracteriza duas estações durante o ano: A estação chuvosa com chuvas abundantes nos meses de janeiro e fevereiro, sendo os mais chuvosos, o que influencia na subida dos cursos d'água dos rios, igarapé, lagos e outros. Com isso destacam-se as estações seca ou estiagem com poucas chuvas sendo o período de menor quantidade de chuvas por volta de agosto e setembro.

Figura 8 : Trajeto realizado a pé pelos moradores até o igarapé de Caburi



Fonte: pesquisa de campo, 2023

Figura 9 : Percurso através das barajas pelo igarapé, até a comunidade de Caburi.



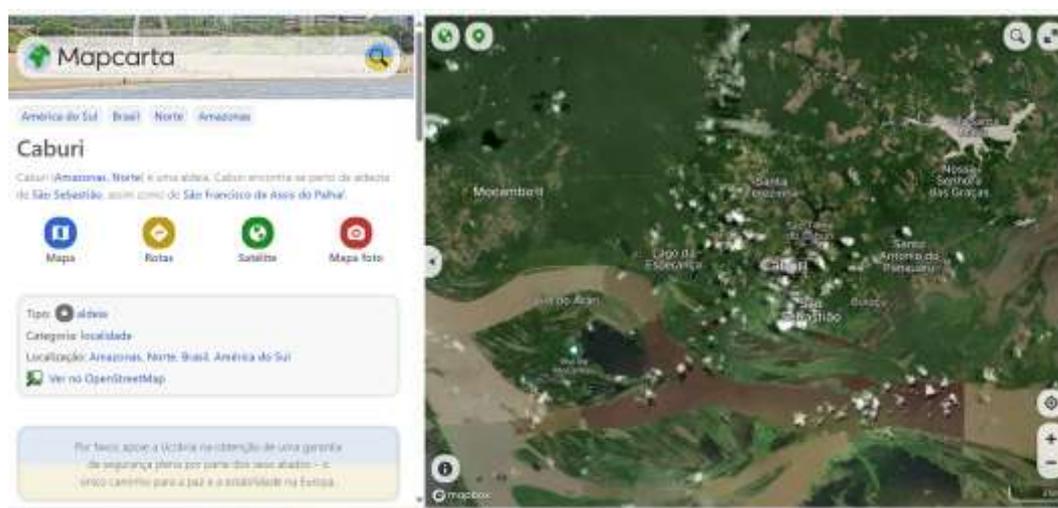
Fonte: pesquisa de campo, 2023

Antes da mudança nominal para Agrovila, a comunidade de Caburi recebia a

denominação de “vilarejo” por se tratar de um lugar com casas distantes uma das outras, sem asfaltamento e uma infraestrutura e não possuir uma organização social ou liderança política(presidente da comunidade). Foi oficialmente fundada em 1980, com a elevação à categoria de Agrovila. Nesse período houve um grande avanço no que concerne ao desenvolvimento da infraestrutura local, com a abertura de novas vias públicas, asfaltamento das ruas e a implantação de sistema de abastecimento de água e energia elétrica. (Rodrigues, 2005)

Em algumas fontes de pesquisas é possível identificar Caburi como uma aldeia e as comunidades adjacentes, como podemos observar na figura 10 apresenta a representação geográfica de Caburi

Figura 10 : Mapa de localização de Caburi representado como aldeia



Fonte: MapCarta, 2024

Segundo o dicionário online de Português (2024), o termo “aldeia” é substantivo, uma povoação de pequenas proporções, menor do que a vila. Assim, de acordo com Souza (2022) é comum que algumas pessoas confundam aldeia com vila, mas ambos são conceitos distintos.

Existem poucas casas e pouco trânsito nas aldeias devido a que vivem poucas pessoas ali. Como boa parte das pessoas que vivem nesses locais se dedicam à agricultura, então é comum haver muito espaço verde por ali.

Por sua vez, uma vila é um aglomerado populacional que possui um tamanho intermediário, com uma economia que é quase auto suficiente, com o setor terciário (de

comércio e serviços) tendo uma expressiva relevância ali. Mas é também uma povoação, não classificada como uma cidade (Souza, 2022).

Ressaltamos que conceituamos vilarejo e agrovila apenas para fazer uma distinção dos termos sem se ater aos conceitos formais geográficos. Os apontamentos de Mayk Alves (2020), fundador do Portal Vida no Campo e Agro, discorre no portal que, vilarejo é um substantivo masculino que significa uma vila pequena, um lugar habitado por poucas pessoas, em uma área rural, sem uma organização social ou administrativa. Um vilarejo é caracterizado por sua tranquilidade, longe do movimento das grandes cidades. A palavra vilarejo vem de vilar, que significa "relativo a vila", mais o sufixo(ejo), que indica diminutivo. Assim, antes da fundação em 1980, Caburi era considerado apenas como um vilarejo.

Alves (2020), a agrovila é composta por casas e infraestrutura básica, como escolas e postos de saúde, para atender as necessidades da população local. Para o autor, a principal função de uma agrovila é proporcionar um local de convívio social e facilitar o acesso às atividades diárias. É uma comunidade que, além de ser um local de moradia, também possui uma vida em conjunto, compartilhando recursos e serviços, fortalecendo o sentimento de comunidade e cooperação entre os moradores. existência de uma agrovila contribui para o desenvolvimento das áreas rurais, já que proporciona melhores condições de vida aos trabalhadores, promovendo maior permanência e engajamento nas atividades agrícolas. Além disso, a agrovila também é vista como uma forma de preservar a cultura local e valorizar a identidade rural, mantendo tradições e costumes que são passados de geração em geração.

Destacamos que os termos “comunidade” e “comunidades ribeirinhas” são bastante utilizados em Parintins, assim como no estado do Amazonas. Para Silva (2014, p. 14) “em grande parte dos espaços rurais no Amazonas utilizamos o termo ‘comunidade’ para nos referirmos às concentrações populacionais da área rural, tanto as localizadas em terra-firme como na várzea”.

Nesse pensar, as populações que habitam as comunidades rurais são reconhecidas nesta parte da Amazônia, como populações ribeirinhas, mesmo esta denominação seja mais utilizada para qualificar moradores de áreas rurais e que tem uma forte relação com a água, dada a dinâmica da vida dá-se em função do regime das águas, das épocas de cheia e seca na Amazônia. Tais transformações são corriqueiras e tornam-se fatores essenciais na compreensão da dinâmica cultural e na forma como eles se relacionam com o território.

Assim, concordamos com Loureiro (2001), ao afirmar que a experiência social dos amazônidas da comunidade do Caburi é permeada por uma realidade composta por sistemas fluviais e matas onipresentes na forma de vida desses moradores, cenário em que o rio é um componente presente na vida desses sujeitos amazônicos, pois ele envolve tudo – a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e destruição das terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos e a sociabilidade.

Com o passar dos anos a comunidade de Caburi foi crescendo cada vez mais em todos os seus aspectos. Na infraestrutura recebeu ampliação do número de ruas, asfaltamento, sarjetas, meio fio, porto flutuante para atracação de embarcações, banco postal, expresso Bradesco, abertura de mais estradas e extensão elétrica através do Programa Luz Para Todos que dá acesso às outras comunidades (Rodrigues, 2005).

No campo da agricultura, criação de mais uma colônia denominada São Joaquim, além da que já existia a colônia São Pedro, surgimento da Cooperativa dos Produtores Rurais da Agrovila do Caburi- COOPRAC, juntamente com a Usina de Açúcar Mascavo para beneficiamento da cana-de-açúcar, caminhão para o transporte dos agricultores até as colônias. Além de outras associações recentemente fundadas como: Associação Evangélica dos Comunitários da Agrovila do Caburi-ASSECOMAC e a Associação de Moradores e Agricultores Familiares do Caburi-AMAFIC.

Na área da educação, além da Escola Municipal São Sebastião, mais três escolas foram construídas, sendo a Escola Municipal Walkiria Viana Gonçalves, que atende o Ensino Fundamental de 1ª a 9ª série, o Centro Educacional infantil Tia Dodó, que atende a faixa etária de 3 a 5 anos e 11 meses de idade e a Escola Estadual Caburi que atende o Ensino Fundamental de 1ª a 9ª série, Ensino Médio Regular e por Mediação Tecnológica. Na área da saúde a comunidade possui o Posto Denizal Pereira, funcionando diariamente. Conta ainda com mais uma ambulância para o transporte de pacientes até a cidade de Parintins para aqueles que não puderem ser atendidos na localidade.

Com relação aos meios de transporte, antigamente se fazia em embarcações pequenas que duravam de 5 a 6 horas. Atualmente, é feito por embarcações maiores e, até mesmo de lancha com duração de 1 hora e meia a 3 hora de viagem até o município de Parintins. As embarcações pequenas e médias que navegam pelo lago do Caburi transportam pessoas e mercadorias e, ao mesmo tempo, recolhem, comercializam, trocam ou vendem produtos regionais.

No aspecto religioso a Igreja São Sebastião é referência, pois é considerada a maior

igreja do interior do município, com uma estrutura invejável. Na localidade ainda predomina a religião católica com maior número de fieis. Mas nos últimos anos outras religiões vêm ocupando espaço como: a Assembleia de Deus, da Promessa e Adventistas (Rodrigues, 2005).

Rodrigues (2005), quanto aos meios de informação e comunicação há um Sistema de internet instalado nas residências. Possui dois sistemas de vozes: a Voz Comunicadora e Voz Paraíso as quais são responsáveis por divulgar e informar assuntos pertinentes à realidade local. Um marco atualmente na rede de informação e comunicação é a data do dia 11 de janeiro de 2024, que constitui-se como histórica pela instalação da rede móvel da operadora Claro.

O trabalho e renda é baseada na agricultura de subsistência, centrada no cultivo da mandioca, sendo que uma parte do que é produzido é comercializado ali mesmo e outra parte é vendida no Município de Parintins. Apesar de haver uma cooperativa de agricultores e associações na localidade não há uma organização específica de produção onde já se tem um destino da venda dos produtos.

Assim, de acordo com Silva (2012), a renda familiar está baseada na agricultura e na pesca, mas podemos observar crescente pluralidade nas atividades econômicas dos moradores com a execução de várias atividades do meio rural (agricultura, extrativismo, pesca e criação) combinadas com outras tantas do meio urbano (emprego público, pequeno comércio e prestação de serviços). Em ambos os casos há complementação do sustento da família com renda social (aposentadorias, pensão e bolsa família).

A Agrovila do Caburi assim como toda região amazônica possui uma diversidade de vegetação rica em recursos naturais. O relevo caburiense é caracterizado por terras firmes e terras de várzeas. As várzeas são terrenos que ficam sempre próximos dos rios que ficam inundados na época das cheias. Essas terras são extremamente férteis.

Na época de cultivo, muitos moradores da comunidade se deslocam até as proximidades dos rios causando uma grande concentração de pessoas. Quando passa esse período elas retornam à comunidade. Silva (2012) elaborou duas tabelas com os produtos e espécies cultivadas pelas famílias da comunidade de Caburi.

A figura 11 mostra as duas tabelas de produtos e espécies cultivadas pelas famílias da comunidade de Caburi elaboradas por Silva (2012).

Figura 11 : Tabelas com os produtos e espécies cultivadas pelas famílias da comunidade de Caburi.

Tabela 01: Espécies cultivadas nos agroecossistemas da comunidade do Caburi, Parintins-AM.

| Espécies | Nome científico | Nome vulgar e variações |
|----------------|-------------------------------------|------------------------------------------------------------------|
| Cana-de-açúcar | <i>Saccarum officiarum</i> L. | ceo |
| Mandioca | <i>Manihot sculenta</i> Crantz | amarela, amarelinha, judinha, pingo de ouro, seis-mês, importada |
| Melancia | <i>Citrullus vulgaris</i> Schrad | - |
| Macaxeira | <i>Manihot sculenta</i> Crantz | pão, menina |
| Batata | <i>Ipomoea batatas</i> L. | - |
| Abacaxi | <i>Ananas comusus</i> (L.) Merr. | - |
| Banana | <i>Musa spp.</i> | clonada, branca, casca roxa, grande, casca verde |
| Feijão caupi | <i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp. | - |

Tabela 2: Produtos oriundos da agroindústria familiar e destino da produção das famílias da Agrovila do Caburi, Parintins-AM.

| Produtos | Destino da Produção | |
|------------------|---------------------|-----------------|
| | Consumo | Comercialização |
| Beiju | x | |
| Farinha | x | x |
| Goma | x | |
| Mel de cana | x | x |
| Massa de carimam | x | |
| Tapioca | x | |
| Tucupi | x | |

Fonte: Silva, 2012

No que concerne aos aspectos políticos, a comunidade organiza eleições a cada dois anos para escolha de diretores formada pelo diretor presidente, diretor financeiro, diretor secretário, diretor educativo e o conselho fiscal. Os candidatos apresentam suas propostas de mandato, democraticamente os comunitários votam e elegem o que melhor apresentar o plano de trabalho.

Segundo alguns historiadores, um deles indicado membro da Academia Brasileira de Letras, Adelson Rodrigues (2005) desde a sua fundação, passaram pela presidência muitos comunitários, que de forma diferenciada buscaram o desenvolvimento de todos os setores: Educação; Saúde e Saneamento; Transporte; Comunicação; Segurança e Lazer. Além do presidente da comunidade, há também um administrador indicado pela Administração Municipal de Parintins para contribuir com os trabalhos organizativos e políticos.

A localidade de Caburi possui infraestrutura da cidade, as ruas são asfaltadas recebendo os nomes em memória a representantes da comunidade que contribuíram com o desenvolvimento e colaboradores nas atividades comunitárias. Filho e Gama (2024). A Figura 12 mostra o croqui dos nomes das ruas de Caburi.

Figura 12: Croqui dos nomes das ruas de Caburi/Am.



Fonte: City Population,2024

A Agrovila possui sistema público de abastecimento de água e energia elétrica fornecida pelas mesmas empresas que prestam esses serviços à cidade de Parintins, tem escolas, creches, postos de saúde dentre outros equipamentos urbanos, porém não possui prefeituras locais e ainda existe a falta de alguns serviços essenciais para que elas recebam a denominação de cidade (Silva, 2009).

De ordem jurisdicional a agrovila do Caburi e sua relação com o município de Parintins, ainda exercem forte ligação com a cidade, no que diz respeito ao advento de mercadorias alimentícias, materiais de construção e principalmente universidades públicas. Outro fator importante que predomina nessa ligação está conexo na razão da agrovila não possuir prefeitura própria, apesar das mesmas apresentarem características de pequena cidade (Silva, 2012).

Atualmente a comunidade de Caburi não é mais administrada por um presidente de comunidade, mas por uma associação denominada de AMAFC (Associação de Moradores e Agricultores Familiares do Caburi), onde o presidente passou a ser escolhido democraticamente através do voto. O objetivo da mesma é, sobretudo, a organização compreendendo todos os aspectos que envolvem a vida cotidiana como a melhoria na Educação; Saúde e Saneamento; Transporte; Comunicação; Segurança e Lazer (Silva, 2012).

Em relação à vivência da juventude de Caburi, é marcada por intensas transformações, tanto no âmbito pessoal quanto no social. Na comunidade Caburi, localizada em uma região que preserva tradições culturais e enfrenta desafios socioeconômicos, a vivência juvenil se constroi em um contexto de interseção entre modernidade e tradição.

A comunidade Caburi apresenta características que refletem uma rica herança cultural, com práticas tradicionais ligadas ao modo de vida ribeirinho e à relação estreita com o meio ambiente. Segundo Pierre Bourdieu (1983), o "habitus" é um conjunto de disposições duráveis que orientam comportamentos e percepções dos indivíduos. No caso da juventude de Caburi, o habitus é moldado por experiências cotidianas que envolvem a relação com a natureza, o trabalho comunitário e as tradições orais transmitidas entre gerações.

Os jovens da comunidade enfrentam desafios relacionados ao acesso limitado a serviços de educação, saúde e oportunidades de trabalho, o que pode impactar suas perspectivas de futuro. Em Caburi, essa reflexividade se manifesta na busca por equilíbrio entre manter tradições e integrar-se a novas dinâmicas sociais e tecnológicas.

Hall (1997), discute a construção da identidade como um processo dinâmico e não fixo. Para a juventude de Caburi, a identidade é forjada em um espaço de resistência cultural, onde as práticas tradicionais são mantidas vivas mesmo diante da influência da globalização. As festividades locais, a música, o artesanato e a língua são elementos essenciais para a afirmação dessa identidade.

A vivência da juventude na comunidade Caburi é um reflexo das interações entre tradição e modernidade, desafios e resistências, constroem suas identidades e projetam seus futuros, reafirmando suas raízes culturais enquanto exploram novas possibilidades.

A vivência da juventude na comunidade Caburi traz ainda características singulares revelando que a juventude ribeirinha possui identidades e culturas diversas, construídas no dia a dia na comunidade. Os jovens têm uma rotina parecida em determinados aspectos como

a participação em campeonatos promovidos na comunidade, no envolvimento das lideranças religiosas, grupos de jovens como JURAC (Juventude renovada no amor de Cristo) e festividades culturais.

As figuras 13, 14 e 15 apresentam os espaços em que a juventude de Caburi está frequentemente em movimento.

Figura 13: Participação da juventude no desporto(campeonatos, torneios) na comunidade.



Fonte: Pesquisa de Campo,2023

Figura 14: Participação da juventude nos movimentos religiosos.(Grupo Jurac)



Fonte: Pesquisa de Campo,2023

Figura 15: Participação da juventude nos movimentos sociais e festivos.(Festival de Verão de Caburi).



Fonte: Pesquisa de Campo,2023

O cotidiano da juventude no meio rural como demonstrado nas figuras 13, 14 e 15, tem no trabalho, na família, na religião, na educação e no lazer suas principais manifestações e seu expressivo contingente na região norte e sua identidade tem sido reforçada.

Os projetos de vida dos jovens de Caburi têm no trabalho e na educação a sua centralidade. Novaes et al (2016), revela em seu estudo que a pertinência dessa assertiva é que a vida da juventude do campo não é uma idealização abstrata, romântica, mas vivenciada na concretude da realidade, que é complexa, contraditória e desigual. Nesse cenário, a educação desponta como uma possibilidade vital de melhoria da qualidade de vida.

Jackeline Freire (2024), postula que é em seus múltiplos aspectos ambiental, econômico, social, cultural -na Amazônia que as juventudes amazônicas tecem seu cotidiano, sua identidade e seus projetos de vida e que as juventudes amazônicas só podem ser compreendidas na dinâmica que marca a região, cujo processo histórico de antropização foi pontuado por conflitos e o contexto atual é agudizado por contradições e desigualdades.

Desse modo, esses espaços assumem o lugar com significado para os jovens e está implicada a dimensão das relações que se dão no interior das instituições: escola, igreja e família. Um afluente explorado por Victoria (2017) é a juventude, tomando como ponto de partida a questão do que é ser jovem em uma comunidade ribeirinha. O conceito de juventude “se define pela sua inserção nos diferentes espaços sociais e culturais nos quais ele se

apresenta” (Victoria, 2017, p. 104) e “[...] ser jovem se materializa na dinamicidade das relações que construo no meio social no qual protagonizo a vida” (Victoria, 2017, p. 106). Em sua análise, o autor coloca as experiências como elemento constitutivo da “produção histórica” do indivíduo jovem, experiências que são construídas nas relações sociais e culturais no cotidiano, sendo este o espaço-tempo no qual o jovem experimenta os sentidos da vida em comunidade, ressaltando suas “peculiaridades e dinamicidade cultural” (Victoria, 2017, p. 106).

Assim, sobre compreendendo as especificidades das diferentes experiências de ser jovem em espaços locais, Castro, 2023, p. 2, destaca que

No momento em que os dados do Censo brasileiro começam a ser apresentados e no qual o país retoma a discussão sobre políticas públicas comprometidas com a diversidade social, parece interessante fazer debates sobre as especificidades regionais e locais, reivindicando que elas se tornem parte na elaboração de políticas de desenvolvimento. Nesse sentido, é importante falar sobre políticas públicas para a juventude, compreendendo as especificidades das diferentes experiências de ser-jovem em espaços locais, sobretudo quando esses espaços, por estarem nas margens da sociedade nacional brasileira, demandam atenções específicas.

A histórica invisibilidade da juventude rural tem sido rompida. Cercas que impunham processos de exclusão acentuados aos jovens das águas, das florestas e do campo têm sido superadas por iniciativas do poder público em diferentes esferas: federal, estadual e municipal, aliadas à intervenção militante de entidades e movimentos sociais (Freire, 2002).

Muitos são os desafios e entre eles se destaca a necessária formulação e implementação de políticas públicas capazes de superar as assimetrias regionais construídas historicamente no país. As análises de Novaes (2007) e Sposito e Carrano (2007) são importantes na compreensão de políticas públicas de juventude no Brasil.

Nesse contexto, as múltiplas identidades e diversidades juvenis como: jovens negros e negras, a juventude do campo, os povos e comunidades tradicionais precisam também ser reconhecidos como prioritários nas políticas públicas de juventude.

Moreira e Leão (2024) apontam que os jovens do campo, ao terminarem o ensino médio, tornam-se invisíveis às políticas públicas de assistência, assim como sua condição juvenil, e essa invisibilidade influencia diretamente na construção social do indivíduo que, muitas vezes, integra-se ao quadro de jovens com baixas expectativas profissionais e remunerações.

Com vivências juvenis afetadas por problemas, como a discriminação social e espacial que se diferenciam quanto ao pertencimento associativo (grupos religiosos,

políticos, culturais), os jovens têm nesses demarcadores de identidades aproximações com jovens socialmente separados e o afastamento de outros jovens socialmente próximos e, assim, engajam-se à realidade que os circunda (Novaes, 2007).

Assim, ser jovem na atualidade e ter como cenário a vida no campo e suas recentes transformações é diferente do que era ser jovem nas gerações passadas, pois os problemas e desafios encontrados são outros e a singularidade histórica pela qual estão passando ajuda a estruturar seus projetos de vida de maneira diferente do jovem urbano. Com singularidades em relação à família que, ao mesmo tempo, é unidade de produção e, por isso, deve ser levada em conta em seu projeto de vida, os jovens do campo se articulam para não perderem a comunicação com a família e com os amigos.

1.4 Apontamentos do questionário semiestruturado

Para o levantamento de dados relacionados às trajetórias dos jovens egressos do ensino médio que permaneciam morando em Caburi, optou-se, como já mencionado, pela aplicação de um questionário semiestruturado.

Em relação ao questionário, Marconi & Lakatos (2009), pontuam que permite alcançar um maior número de pessoas, econômico, possibilita a padronização das questões e uma interpretação mais uniforme dos respondentes, o que facilita a compilação e comparação das respostas escolhidas, além de assegurar o anonimato ao interrogado.

A partir da aplicação do questionário elaboramos um percurso investigativo para alcançar os objetivos e resultados da pesquisa e compreender o que os sujeitos tinham a dizer sobre suas trajetórias de escolarização e inserção profissional no pós-médio.

Na imersão da pesquisa, para minimizar os riscos da participação e para prevenção do Covid 19, seguiram-se todos os protocolos de biossegurança em consonância com os decretos aprovados pelas autoridades locais, diretrizes da Organização Mundial de Saúde e o Plano de Biossegurança aprovado pela Universidade Federal do Amazonas tais como: o distanciamento de 1 metro; uso de máscaras e álcool em gel. Informando sempre que se sentissem desconfortos com as perguntas, do questionário dificuldades ou desinteresse e invasão de privacidade, era possível interromper a participação e, se houvesse interesse, conversar com a pesquisadora sobre o assunto.

O contato com os sujeitos da pesquisa foi estabelecido através da identificação dos endereços listados na ficha individual dos estudantes. Considerando que a forma de contato nem sempre é realizada de forma rápida pela dificuldade em encontrar pessoalmente os

egressos, por ainda estarmos em vigência da Covid 19.

Inicialmente optamos por um questionário online por ser um instrumento disponível a qualquer momento e de fácil acesso, mas esbarramos na dificuldade do acesso à internet dos egressos, pois ao salvar os números de contato constava que não tinham whatsapp, o número disponível na lista dos egressos era somente para constar na documentação do estudante, o que precisou de um espaço de tempo maior para identificação dos sujeitos.

Diante da inviabilidade de aplicarmos o questionário online, solicitamos a troca da técnica de pesquisa para um questionário semiestruturado, com respaldo de todos os cuidados necessários para proteção do Covid 19. Realizamos a troca dos instrumentos de pesquisa no CEP/CONEP no qual foi deferido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

Os questionários foram entregues aos egressos com data e hora marcada pelos sujeitos de acordo com a disponibilidade. No caso de não aceitação em participar o convidado recebia uma mensagem de agradecimento e em caso afirmativo, era assinado o termo de aceite e direcionado para responder às questões divididas em três blocos temáticos: O primeiro está relacionado à busca de informações sobre os **DADOS PESSOAIS E FAMILIARES**; o segundo sobre a **TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO** e o último referente a **TRAJETÓRIA DE TRABALHO**.

Durante a incursão na documentação dos estudantes, a escola nos informou que, na lista de egressos 2021, havia jovens que não residiam em Caburi por terem sido aprovados no vestibular e outros que residiam em comunidades vizinhas, desde o período que cursavam o ensino médio. Cautelosamente, fomos fazendo a varredura na lista nominal e iniciamos uma verificação minuciosa dos endereços para definição da entrega dos questionários.

De acordo com a lista nominal dos egressos fornecida pela secretaria da escola, um total de 53 concluintes do ensino médio em 2021, dos quais 23 não residiam mais em Caburi, 13 por terem ingressado em cursos superiores na UEA e UFAM em Parintins e 10 por serem moradores de comunidades vizinhas desde o ensino médio. Restaram então 30 jovens que atendiam ao critério de permanecer morando em Caburi após a conclusão do ensino médio.

Buscamos ter uma visão macro dos sujeitos, porém compreendemos as limitações do instrumento. Após a identificação dos egressos, selecionamos o grupo participante e iniciamos o trabalho de campo. Para uma coleta sistemática, realizamos o agrupamento dos sujeitos em três grupos para aplicação do instrumento de pesquisa. Iniciamos a entrega dos questionários no período de março a outubro de 2023, tendo como direcionamento para o agrupamento dos endereços próximos.

Quadro 5: Agrupamento dos endereços próximos para entrega/aplicação dos questionários semiestruturados aos participantes

| GRUPO | Período | Descrição |
|-------|--------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|
| G1 | Março a abril de 2023 | Jovens com endereços nas ruas: Santo Antonio, 15 de setembro; Parintins e Camila Pereira |
| G2 | Maió a junho de 2023 | Jovens com endereços nas ruas: Joao da Mata; Central e 04 de agosto |
| G3 | Agosto a outubro de 2023 | Jovens com endereços nas ruas: Graciliano de Menezes; José Roberto; beco da Ceam |

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Para resguardar a identidade dos participantes, adotou-se um sistema de códigos, organizando-se uma planilha com os principais dados de perfil dos 30 participantes da etapa de campo (Quadro 6).

Quadro 6 - Síntese do perfil dos sujeitos participantes da pesquisa

| Nº | Código de identificação | Sexo | Idade | Estado Civil |
|----|-------------------------|-----------|-------|---------------|
| 01 | JEM AD | Masculino | 22 | Solteiro |
| 02 | JEM AL | Masculino | 20 | União estável |
| 03 | JEM AN | Masculino | 20 | Solteiro |
| 04 | JEM CA | Feminino | 21 | União Estável |
| 05 | JEM BR | Masculino | 20 | Solteiro |
| 06 | JEM ED | Masculino | 22 | União estável |
| 07 | JEM EV | Masculino | 20 | Solteiro |
| 08 | JEM IR | Feminino | 20 | União estável |
| 09 | JEM JO | Masculino | 19 | Solteiro |
| 10 | JEM KA | Feminino | 19 | Solteira |
| 11 | JEM LE | Feminino | 20 | União Estável |
| 12 | JEM LI | Feminino | 20 | Solteira |
| 13 | JEM MA | Masculino | 20 | Solteiro |
| 14 | JEM RA | Masculino | 22 | Solteiro |
| 15 | JEM VI | Masculino | 20 | União estável |
| 16 | JEM YA | Feminino | 20 | Solteira |
| 17 | JEM SU | Feminino | 20 | Solteira |
| 18 | JEM EVE | Masculino | 21 | União Estável |
| 19 | JEM CA | Feminino | 20 | União Estável |
| 20 | JEM CO | Feminino | 19 | União Estável |
| 21 | JEM EDI | Masculino | 20 | Solteiro |
| 22 | JEM EL | Feminino | 20 | Solteira |
| 23 | JEM EX | Masculino | 20 | Solteiro |
| 24 | JEM KE | Feminino | 20 | União Estável |
| 25 | JEM LIE | Masculino | 20 | Solteiro |
| 26 | JEM MAR | Masculino | 21 | União estável |
| 27 | JEM RAF | Masculino | 21 | Solteiro |
| 28 | JEM RO | Feminino | 20 | União Estável |
| 29 | JEM SIL | Feminino | 19 | Solteira |
| 30 | JEM YO | Masculino | 20 | Solteiro |

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Durante a fase de aplicação dos questionários aos egressos buscamos sempre proporcionar ao respondente uma situação de liberdade, em que o sujeito pudesse ser estimulado a apresentar francamente suas opiniões, agindo sempre com educação, sendo amistosa e tendo imparcialidade.

Através da observação, adquirimos informações sobre nosso ambiente ativamente, usando o sentido da visão e ou outros meios técnicos, com a câmera do celular. Assim observamos o fenômeno estudado e mergulhamos na realidade dos sujeitos a observar, a fim de conhecer melhor essa realidade social e cultural dos sujeitos.

É relevante ressaltar que a aplicação do questionário semiestruturado foi realizada levando em consideração a ideia de conversas, termo adotado por Spink (2008), que descreve a importância da postura do pesquisador no cotidiano, inserido como parte do processo. A posição normalmente adotada nas pesquisas é o distanciamento entre entrevistador e entrevistado, produzindo respostas em que sozinhas não dão conta de auxiliar na compreensão de questões complexas como as que envolvem a educação. Já a opção pelo modelo de conversas permitiu o estabelecimento de um diálogo entre as partes, tornando possível o desenvolvimento de determinadas questões com maior profundidade.

1.5 Apontamentos do diário de campo

O estudo etnográfico é um exercício que se baseia na observação direta a respeito dos comportamentos culturais de um grupo social. Assim, para o enriquecimento da pesquisa de campo, lançamos mão de técnicas e ferramentas da pesquisa etnográfica, nomeadamente a observação direta e o diário de campo.

Segundo Triviños (1987), no âmbito das ciências sociais, as anotações realizadas no diário de campo podem ser entendidas como todo o processo de coleta e análise de informações, isto é, compreenderam descrições de fenômenos sociais, explicações levantadas sobre os mesmos e a compreensão da totalidade da situação em estudo. É um documento que apresenta tanto um “caráter descritivo-analítico”, como também um caráter “investigativo e de sínteses cada vez mais provisórias e reflexivas”, ou seja, consiste em “uma fonte inesgotável de construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento profissional e do agir através de registros quantitativos e qualitativos” (Lewgoy & Arruda 2004).

Recomenda-se que, para a boa estruturação do diário de campo, é preciso que o pesquisador saiba que tipo de informação será necessário registrar. Por exemplo, pode ser

importante registrar informações que descrevam o local onde o trabalho de campo é desenvolvido, quais informações o ajudarão a entender o que se observa, e que outras informações o pesquisador gostaria de ter ao analisar suas anotações depois de uma semana, um mês ou um ano.

Lewgoy & Arruda (2004), destacam a importância de registrar os dados de uma forma organizada e que contenha a maior quantidade de detalhes possíveis, como a descrição do cenário escolhido, o número de participantes da pesquisa e suas características socioeconômicas, a cronologia dos eventos (anotar data, local e hora de ocorrência do evento), descrições dos comportamentos e interações, registros de conversas e outras interações verbais

O diário de campo é importante para o processo etnográfico, para que vários componentes da pesquisa não sejam esquecidos. A escrita contínua no diário de campo também é importante porque as perspectivas e interpretações que frequentemente mudam ao longo da duração do processo de trabalho de campo. Isso ocorre porque interpretações precoces são muitas vezes norteadas por paradigmas que o pesquisador traz para o campo. À medida que ele ou ela passa pelo processo de aprendizagem do sistema cultural em estudo, eles muitas vezes acham que interpretações posteriores dos mesmos fenômenos diferem daquelas interpretações anteriores.

Assim, construímos o diário de campo para ser o lugar de registro dos movimentos, das leituras, dos tempos, espaços e das observações que ocorrem, enfim, tudo aquilo que não podia visualizar no questionário, o que vimos, ouvimos e vivemos. No diário, foi registrado aquilo que ouvimos, vemos, sentimos e experimentamos no trabalho de campo. Algumas anotações foram registradas ainda no cenário da atividade da pesquisa, no espaço de casa algumas horas depois da atividade de campo. Para organizar registros durante a imersão na pesquisa em campo, foi criado um roteiro/tabela que teve como base o estudo de Oliveira (2014) sobre diário de campo. Esta criação oportunizou uma fluidez na leitura e interpretação de algumas questões que foram significativas para a análise e escrita do texto final.

O quadro 07 demonstra os aspectos descritivos das anotações do diário de campo e o quadro 8 apresenta os aspectos reflexivos das anotações do diário de campo.

Quadro 07: Aspectos descritivos das anotações do diário de campo

| ASPECTOS | DESCRIÇÃO |
|------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Retratos do sujeito | Aparência física, formas de vestir, estilo de falar e agir, maneiras |
| 2. Reconstrução do diálogo | Conversas privadas do sujeito que estão para além das narrativas da/na entrevista. |
| 3. Descrição do espaço físico | Desenhos, croquis, fotografias do espaço |
| 4. Relato de acontecimentos particulares | Quem esteve no local da aplicação, de que maneira esteve, como se envolveu. |
| 5. Descrição das atividades | Descrição detalhada dos comportamentos, olhares, gestos, etc. |
| 6. O comportamento do observador | Anotar seu comportamento, suas impressões, suposições, enfim tudo que possa intervir nas informações coletadas, consequentemente na análise e escrita da pesquisa. |

Fonte: Oliveira(2014), adaptada pela pesquisadora

Quadro 08: Aspectos reflexivos das anotações do diário de campo

| Aspectos | Reflexões |
|---------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Reflexão sobre a análise | Temas que emergiram, conexões entre eles, o que aprendeu, pensamentos acerca das questões que surgem, etc. |
| 2. Reflexão sobre o método | Procedimentos e estratégias utilizadas, decisões tomadas no plano de estudo. |
| 3. Reflexões sobre conflitos e dilemas éticos | Análise entre o documento apresentado como proposta ética da pesquisa e os caminhos tomados pela pesquisadora. |
| 4. Reflexões sobre o ponto de vista do observador | Refletir sobre as ideias preconcebidas da pesquisadora acerca dos sujeitos envolvidos na pesquisa – colaboradores/as. |
| 5. Pontos de classificação | Adicionar, corrigir e dimensionar as anotações que foram feitas anteriormente. |

Fonte: Oliveira(2014), adaptada pela pesquisadora

Os quadros 7 e 8 mostram que é preciso entender a importância de utilizar o diário de campo como instrumento nas descrições da pesquisa. Neste caminho de buscas, passamos a perceber que a prática do diário de campo como instrumento de registro de informações na pesquisa científica ainda é recente, embora sua existência, enquanto instrumento de registro de acontecimentos pelos sujeitos sociais, seja anterior ao uso científico.

As conversas durante a imersão da pesquisa eram descritas no diário de campo e o material coletado foi utilizado somente para esta pesquisa e armazenado em local seguro sob guarda e responsabilidade da pesquisadora; os resultados serão divulgados sem a identificação dos participantes.

Na abordagem das trajetórias dos jovens egressos, sob o viés da pesquisa qualitativa, optou-se pela técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Para a autora, a Análise de

Conteúdo objetiva analisar o que foi dito em meio do Questionário e do Diário de Campo, construindo e apresentando concepções em torno do objeto de estudo. A análise do material coletado seguiu um processo rigoroso frente às fases definidas por Bardin (2011), como: Pré-análise; Exploração do material e Tratamento dos resultados. A validação do conhecimento científico e sua legitimação por meio da Análise de Conteúdo passaram por uma apropriação e compreensão dessas fases em uma ação sistemática.

A pesquisa de cunho qualitativo tem seu foco de interesse voltado para o indivíduo e para suas relações e interações com o ambiente. Do pesquisador, por sua vez, supõe contato direto e prolongado com o ambiente e a situação que está sendo investigada, num intenso trabalho de campo. Com isso, temos um método que se debruça com as formas de percepção do mundo, de comunicação, de autoconhecimento e de conhecimento dos problemas humanos. Trata-se de um método, como disse Bogdan e Biklen (1994), em que o investigador interpreta o mundo com base nas interações, assim como constroi significados através de interações e partilha de experiências.

Essa imersão do indivíduo em relações e interações com o ambiente, segundo Bogdan e Biklen (1994), traz para o contexto da pesquisa qualitativa, alguns riscos, entre eles, a subjetividade do investigador quando empregada ou vista de forma equivocada. Para esses autores, cabe ao investigador construir conhecimento e não o de dar opiniões sobre determinado contexto ou fenômeno. Como forma de superar esse limite, o investigador qualitativo tenta reconhecer e confrontar as suas opiniões próprias e preconceitos, como forma de lidar com eles. Por mais que se mantenha a flexibilidade, a criatividade e a reflexão própria do pesquisador nos estudos qualitativos, não cabe invenção e distorção de resultados. Portanto, garantir a autenticidade dos resultados é aspecto fundamental (Bogdan, Biklen, 1994).

Assim sendo, percebendo a configuração da abordagem qualitativa e sua articulação no universo da pesquisa científica, tipos de pesquisas, instrumentos e técnicas de análise de dados são articulados com tal abordagem. Como recorte, optamos neste estudo pela técnica de análise de dados, a Análise de Conteúdo defendida por Laurence Bardin.

Nesse segmento, a análise de conteúdo é compreendida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que objetiva analisar diferentes aportes de conteúdo sejam eles verbais ou não-verbais, por meio de uma sistematização de métodos empregados na análise de dados.

A técnica de pesquisa Análise de Conteúdo defendida por Bardin (2016) se estrutura

em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização e codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. A validade dos achados da pesquisa é resultante de uma coerência interna e sistemática entre essas fases, cujo rigor na organização da investigação inibe ambiguidades e se constitui como uma premissa fundante.

A Análise de Conteúdo, baseada em Bardin (2016), realizada a partir dos escritos registrados no diário de campo. Na ocasião, durante a aplicação dos questionários semiestruturados com os participantes, dialogamos com eles em diversos ambientes. Assim, foram feitas anotações sobre o que os sujeitos expressaram, bem como a transcrição da fala de alguns deles. Posteriormente, reunimos e organizamos todas as anotações e passamos a seguir as três etapas da técnica de Bardin (2016): a pré-análise, a exploração do material e a inferência.

Nesse contexto, iniciou-se o trabalho escolhendo os documentos a serem analisados constituindo o corpus da pesquisa. Definimos o campo do corpus de relatos no diário de campo. Consideramos todos os elementos desses campos com o objetivo de configurar e esclarecer o contexto e as condições presentes nas mensagens para assim satisfazer os critérios de exaustividade, da representatividade (a amostra representa o universo); homogeneidade (os dados referem-se ao mesmo tema, obtidos por técnicas iguais e colhidos por indivíduos semelhantes); pertinência (os documentos estavam adaptados ao conteúdo e objetivo da pesquisa) e exclusividade (um elemento não foi classificado em mais de uma categoria).

Logo, a primeira fase da Análise de Conteúdo consistiu na leitura flutuante do diário de campo, por intermédio da qual destacamos os excertos que mais condizem com o nosso objeto de estudo e com as problemáticas abordadas na pesquisa. Com isso, alcançamos 33 recortes relevantes para a investigação, os quais foram denominados de Unidades de registros. Essas, por sua vez, foram alocadas em quadros para submissão da etapa seguinte.

Nesse caso, antes de partir para a descrição das etapas posteriores, expomos o quadro 9 com o intuito de demonstrar as unidades.

Quadro 9 – Unidades de registro totais

| Participante | Unidades de registro |
|----------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| JEM AD | <p>“[...] já terminei o ensino Médio, mas a pescaria me ajuda muito, tem dias que faço um dinheiro bem legal”.</p> <p>[...] apesar da expressão de cansado, gostava de estar ali naquele ambiente. gosta de ficar perto dos pais dele, do convívio familiar e que ele tem uma namorada que gosta muito.</p> <p>o espaço familiar dele, cheio objetos específicos de pescaria. Percebi que o jovem gostava mesmo daquele ambiente, a felicidade em estar ali.</p> |
| JEM ALL | <p>[...] por ter formado uma família impossibilitou a continuidade dos estudos. Sua expressão de cansaço e fadiga era visível. Seu olhar deixava transparecer as dificuldades financeiras e estruturais.</p> <p>Na leitura da questão 18 do questionário, que trata sobre os fatores que dificultam a continuação dos estudos na educação superior para quem conclui o ensino médio em Caburi, o jovem questionou se poderia marcar quatro opções das cinco que estavam ali descritas, pois todas se encaixavam na realidade dos jovens de Caburi.</p> <p>O Jovem ALL comentou que fazia de tudo para ver a família dele feliz. Comentamos sobre os estudos, ele disse “vou ajudar no que for preciso para ver meus filhos estudando, eu não tenho como continuar estudar, vou abrir mão para” dar oportunidade para eles”.</p> |
| JEM AN | <p>O jovem confessou que pretendia estudar para ajudar sua mãe, mas a situação financeira não permitia o acesso à universidade</p> <p>Ele contou que pediu ajuda a uma tia que mora no município de Parintins para se hospedar, se caso passasse no vestibular, mas foi em vão porque a tia rejeitou o pedido, alegando que não se responsabilizava por ele e seria muito gasto para ela. Então desistiu de fazer a inscrição</p> <p>“[...] observo às vezes esses jovens daqui do Caburi, que os pais têm até comércio, mas não querem estudar, Eu quero muito continuar meus estudos para ver também minha mãe feliz, mas aqui em Caburi é difícil, não tem universidade e também o tecnológico é até o 3º ano também, não dá nem para gente continuar nossa formação”</p> |
| JEM CA | <p>Ela carregava um bebê e percebi que ela tinha vontade de continuar os estudos, mas com a gravidez não teve mais oportunidade de trabalho e estudo.</p> <p>“Ficou tudo complicado, acabei engravidando e não pretendo entrar na faculdade, porque como vou deixar minha filha pequena, sem moradia em Parintins? Aqui é difícil não temos acesso ao Ensino Superior. Prometeram uma faculdade rural, mas acho que vai ficar no papel mesmo. Triste, mas essa é a nossa realidade”</p> |
| JEM BR | <p>Perguntei se ele recebia por estar ali. Respondeu que sim, que não era bem um salário segundo ele, mas sim uma gratificação. O jovem respondeu o questionário e às vezes parava para realizar o atendimento dos clientes.</p> <p>“Para a gente seguir em uma faculdade, teria que ter uma universidade na comunidade, pois só os filhos de professores ou que tem gado seguem para Parintins. [...] não vou deixar meu trabalhinho para passar fome em Parintins por 4 anos. Ou eu estudo ou eu trabalho”</p> |
| JEM ED | <p>“Desde que saí da escola do 3º ano do ensino médio, não me preocupei muito em continuar meus estudos, eu fiquei empolgado com a pescaria e conheci uma moça que acabei casando-me com ela, formando um laço familiar”.</p> |
| JEM EV | <p>O participante perguntou se poderia acrescentar mais fatores, porque ele relatou que são muitos que não cabem em uma folha de papel.</p> <p>“[...] os jovens do interior não têm esses benefícios que os jovens da cidade têm. Como vão sair de sua comunidade sem expectativa de manutenção no município.”</p> <p>O jovem relatou que até passaria nos vestibulares, pois se dedica e, durante seus estudos, teve notas boas, mas por não ter uma universidade na comunidade, não poderá seguir com seus estudos, pois sua família não dispõe de condições financeiras para sustentar ele em Parintins.</p> |

| | |
|----------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| JEM IR | “Mesmo estando em uma união estável, sem filhos, eu estou me esforçando para conseguir pagar uma faculdade online, mas tá difícil...Vendo meus tucumãs, cheiro verde. Meu companheiro também pesca e tenta me ajudar, mas temos que comer todos os dias e “ lá se vai minha vontade de estudar ” |
| JEM LE | A egressa comentou que engravidou ainda estando na escola. Foi muito difícil continuar os estudos, queria desistir, mas sua mãe deu forças e conseguiu concluir. Ela relatou que quando sua filha completou 1 ano ela engravidou novamente dificultando ainda mais a continuação dos estudos. E afirma: “Tenho minhas responsabilidades familiares, por isso não pretendo mais estudar”. |
| JEM LI | Na comunidade não tem nenhum programa de apoio ao jovem, porque segundo ela é difícil ir para o município de Parintins. Se tivesse um programa que oferecesse cursos de preparação para o mercado de trabalho, muitos jovens não ficariam aqui em Caburi. <i>“Se já é difícil para mim que tenho apoio dos meus pais, imagina para os outros meus colegas que não terão essa oportunidade.”</i> |
| JEM MA | [...] empolgado em continuar seus estudos, faz cursinhos pela internet, mas o acesso é somente disponibilizado no mercado municipal e ainda divide o celular com os demais membros da família. |
| JEM RA | “Tenho um sonho de dar continuidade aos estudos, mas os caminhos da vida impedem, porque tem que dar o sustento para o irmão menor órfão. Preciso pescar e fazer bicos para não ficar sem o alimento. Somos eu e ele, não posso abandonar meu irmão e não tenho como levar ele até onde tem a faculdade” |
| JEM YA | Em nenhum momento foi realizada alguma intervenção ou explicação sobre o acesso ao Ensino Superior durante o Ensino Médio. “Quando eu terminei o Ensino Médio, eu não tinha noção como seria o vestibular, o Enem, essas coisas aí, isso não foi explicado para ninguém. Uma professora que sempre comentava lá na escola que tinha que fazer a inscrição e tal, mas eu também não dei ouvidos. Eram situações que eu não sabia que existia, lá no final do 4º bimestre que comentaram a respeito disso”. |
| JEM SU | “Concluímos o Ensino Médio no meio de uma agonia da covid 19; nem estudávamos mais. Essa pandemia me desmotivou de estudar, fiquei mais em casa com meus pais que estão idosos e comecei a ganhar meu dinheiro fazendo crochê e pintando guardanapos, com essa minha renda não posso pagar uma faculdade, só dá para comprar as coisas para gente sobreviver”. |
| JEM CO | Na aplicação, a jovem conversou sobre a continuação dos estudos, que não tinha planos em continuar pois já tinha uma filha para criar e ela é acostumada com a vida simples da comunidade. Que gosta de jogar bola, de ir às festas e em Parintins não ia poder estudar com filhos. |
| JEM KE | Não se preocupava muito em continuar os estudos. Ela disse que namorava um rapaz da sua sala e ao término do ensino médio engravidou e sua mãe disse que ali tinha encerrado para ela a esperança de ser alguém na vida. Então agora ela cuida dos filhos e da casa e não tem tempo para pensar em estudo. |
| JEM MAR | Não tenho como associar um horário para estudar on-line, meu trabalho na agricultura e as responsabilidades de casa como pai de família, tudo seria perfeito, mas como dizem os mais velhos <i>“Isso não me pertence mais”</i> . |
| JEM RAF | “Gosto do que faço: de cuidar dos gados na fazenda onde meu pai trabalha. Depois que terminei o ensino médio, comecei a ajudar meu pai na criação de gado e isso tirou o foco de continuar meu estudo. Mas faço um trabalho que gosto e não pretendo ingressar no mercado de trabalho formal, porque me sinto feliz na pecuária”. |

Fonte: autoria própria (2024).

Com base nesses recortes, passamos à etapa seguinte: a exploração do material em que foram escolhidas as unidades de codificação, adotando-se os procedimentos de codificação (unidades de registro) em razão de características comuns, classificação (os

temas, e categorização (que permitiu reunir maior número de informações à custa de uma esquematização e assim correlacionar classes de acontecimentos para ordená-los).

Com a unidade de codificação escolhida, o próximo passo foi a classificação em blocos que expressaram determinadas categorias (foram retiradas as descrições nos relatos do diário de campo) que confirmam proposições presentes nas questões norteadoras e referenciais teóricos inicialmente propostos. Assim, num movimento contínuo as categorias foram se tornando cada vez mais claras e apropriadas aos propósitos do estudo.

Delimitamos primeiramente aquilo que Bardin (2016), denomina de Unidades de contexto, alcançando o total de 24 delas (Quadro 10). Essas nos ajudaram a situar de forma coletiva o conteúdo expresso nas Unidades de Registro, bem como nos auxiliaram na compreensão das chamadas Categorias Iniciais.

Quadro 10 – Unidades de contexto e Categorias iniciais

| Nº | Unidades de contexto | Categorias iniciais |
|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | O trabalho como necessidade financeira do jovem | A inserção precarizada do jovem no mundo do trabalho em virtude da necessidade financeira da família |
| 2 | A fadiga laboral no contexto da necessidade financeira | |
| 3 | A precarização do trabalho como alternativa de suprir as necessidades financeiras | |
| 4 | A dificuldade financeira como empecilho para acessar o ensino superior | |
| 5 | A responsabilidade precoce de o jovem assumir o sustento da família e sacrificar a continuidade dos seus estudos | |
| 6 | O sacrifício de si para oportunizar melhores condições aos filhos | |
| 7 | A identificação positiva com o trabalho manual | A identificação positiva do jovem com o trabalho manual e a recusa ao prosseguimento nos estudos |
| 8 | A identificação positiva com o trabalho manual aprendido no seio familiar e a recusa à continuação dos estudos como escolha | |
| 9 | A identificação positiva com o espaço laboral e com os instrumentos de trabalho | |
| 10 | O apego à família e às relações emocionais | O apego do jovem às relações pessoais e ao seu espaço de origem |
| 11 | O apego às relações familiares e ao trabalho que garante o sustento | |
| 12 | A constituição familiar precoce como empecilho aos estudos | Fatores impeditivos advindos da constituição familiar |
| 13 | A gravidez como empecilho para prosseguir nos estudos do nível superior | |
| 14 | A gravidez como fator de anulação do prosseguimento aos estudos | |
| 15 | O excesso de dificuldades dos jovens para ter acesso ao nível superior de ensino | |
| 16 | A dificuldade de moradia fora da comunidade como fator de empecilho no acesso ao nível superior | O deslocamento do jovem da comunidade |

| | | |
|----|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 17 | O horizonte de um futuro de dificuldades ainda piores fora da comunidade | como fator impeditivo para cursar o nível superior fora da comunidade |
| 18 | A desilusão com a realidade da Comunidade que não oferta o curso superior em uma instituição local. | A desilusão do jovem com a ausência de incentivo para cursar o nível superior na comunidade em que reside |
| 19 | A necessidade de programas que incentivem a formação para o mundo do trabalho. | |
| 20 | A desilusão do jovem com a continuidade dos estudos e a aceitação da realidade que o cerca. | |
| 21 | A compreensão de que somente aqueles que possuem condição financeira é que podem acessar o nível superior. | O acesso ao ensino superior como oportunidade dada apenas às famílias com condições financeiras |
| 22 | A auto análise das dificuldades que os jovens de baixa renda enfrentam. | |
| 23 | A dificuldade de conseguir estudar de forma adequada para tentar a aprovação nos exames de acesso ao nível superior. | Dificuldades de ordem informativa ou instrumental para o acesso ao nível superior |
| 24 | A pouca informação dada aos jovens sobre o acesso ao nível superior durante o período escolar. | |

Fonte: autoria própria (2024).

Quadro 11 – Articulação entre Categorias iniciais e finais

| Nº | Categorias iniciais | Categorias finais |
|----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | A identificação positiva do jovem com o trabalho manual e a recusa ao prosseguimento nos estudos | 1) O caráter afetivo e intimista de fatores que influenciam a decisão dos jovens para um horizonte no curso superior |
| 2 | O apego do jovem às relações pessoais e ao seu espaço de origem | |
| 3 | A desilusão do jovem com a ausência de incentivo para cursar o nível superior na comunidade em que reside | 2) O local de moradia como marcador para o acesso ao nível superior |
| 4 | Dificuldades de ordem informativa ou instrumental para o acesso ao nível superior | |
| 5 | A inserção precarizada do jovem no mundo do trabalho em virtude da necessidade financeira da família | 3) A dificuldade financeira como fator motriz do não acesso ao ensino superior e a inserção precarizada no trabalho |
| 6 | O acesso ao ensino superior como oportunidade dada apenas às famílias com condições financeiras | |
| 7 | Fatores impeditivos advindos da constituição familiar não planejada | |
| 8 | O deslocamento do jovem da comunidade como fator impeditivo para cursar o nível superior fora da comunidade | |

Fonte: autoria própria (2024).

As 24(vinte e quatro) Unidades de contexto foram agrupadas por similaridade e passaram a receber uma nova nomenclatura, procedimento próprio da geração das Categorias Iniciais. Por consequência, o resultado do agrupamento foi o alcance de 8 Categorias, as

quais estão postas na última coluna do quadro 10 e na primeira coluna do quadro 11. Contudo, restava ainda outro agrupamento mais amplo, de modo a reunir categorias que ainda possuíam aproximação ou equivalência (Bardin, 2016). Nessa esteira, estruturamos o quadro 11, o qual representa a última etapa de articulação entre as categorias.

O quadro 12 apresenta as categorias finais

Quadro 12 : Categorias finais

| Categorias finais | |
|-------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1) | O caráter afetivo e intimista de fatores que influenciam a decisão dos jovens para um horizonte no curso superior |
| 2) | O local de moradia como marcador de desigualdade para o acesso ao nível superior |
| 3) | A dificuldade financeira como fator motriz do não acesso ao ensino superior e para a inserção precarizada no trabalho |

Fonte: autoria própria (2024).

Com relação ao processo de geração das Categorias finais, destacamos as seguintes descrições:

a) As categorias iniciais 1 e 2 foram aglutinadas em razão do caráter afetivo que ambas demonstraram mediante a fala dos jovens. Nesse caso, destacamos uma espécie relação afetiva, de alguns participantes, com as pessoas, com o espaço de vivência ou ainda com o próprio trabalho que desempenham. Dessa maneira, o fato de não buscarem a continuidade dos estudos está atrelado à uma relação forte com os familiares, com o trabalho manual, com a comunidade de Caburi ou em virtude de alguma relação amorosa.

b) As categorias iniciais 3 e 4 foram agrupadas pela equivalência existente entre alguns fatores próprios da realidade em que os jovens estão inseridos na comunidade. Entre esses estão a carência de pólos universitários públicos ou privados que oferecem cursos superiores na localidade dos participantes, uma vez que o deslocamento para a sede do município de Parintins é oneroso. Além disso, essas categorias também revelam a própria ausência de planejamento e infraestrutura da comunidade, tendo em vista que a cultura escolar nem sempre promove de maneira eficaz a possibilidade de acesso ou um plano de estudo que proporcione o ingresso no curso superior.

c) As quatro categorias iniciais 5, 6, 7 e 8 foram agrupadas em uma única categoria final em virtude da aproximação de seus conteúdos e da equivalência entre os seus contextos. Tais indicadores (aproximação e equivalência) são descritos pela própria autora (Bardin, 2016) que dá base a essa etapa de análise. Diante disso, as quatro categorias apresentaram como eixo principal a dificuldade financeira enfrentada pelos jovens recém-formados no

ensino médio. Essa dificuldade advém da constituição familiar não planejada ou da própria configuração familiar na qual eles sempre estiveram inseridos. Em outras palavras, o jovem não possui renda para se manter fora da comunidade estudando, tampouco manter uma família enquanto cursa o nível superior. Assim, resta a ele trabalhar de maneira informal para conseguir uma renda mínima à subsistência.

A partir dessas configurações passamos a analisar as três categorias finais geradas, buscando a terceira fase da Análise de Conteúdo: a inferência. Esta será apresentada nas subseções seguintes.

CAPÍTULO 2 TRAJETÓRIAS ESCOLARES E DE INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DOS JOVENS DO CAMPO

Este capítulo discute, sob uma perspectiva sociológica, as trajetórias escolares e os processos de inserção no mercado de trabalho de jovens residentes em áreas rurais, com foco empírico no município de Parintins e no Distrito do Caburi. Parte-se de considerações sobre a juventude enquanto categoria social historicamente construída e atravessada por desigualdades de classe, território e acesso a direitos.

O texto busca enfatizar como as condições sociais e territoriais influenciam as decisões e possibilidades desses jovens frente ao desafio da continuidade dos estudos após o ensino médio, frequentemente limitada por fatores como a ausência de instituições de ensino superior próximas, a necessidade de contribuir com o sustento familiar e as fragilidades nas políticas públicas voltadas à juventude do campo. Ao analisar os contextos de Parintins e Caburi, o capítulo revela as tensões entre o desejo de formação continuada, os vínculos com o território e as exigências do mercado de trabalho.

2.1 Considerações sobre a noção de juventude

Muitos questionamentos sobre a condição juvenil têm colocado pesquisadores e teóricos em busca de explicações que sustentem as mudanças percebidas nessa fase da vida. Assim, “a juventude é um conceito que apresenta várias perspectivas entrelaçadas aos sentidos e representações sociais sobre ‘ser jovem’, que se refletem, em termos teóricos, num mosaico de concepções que invisibilizam estes sujeitos” (Bassalo, 2012, p. 10).

A relação entre juventude e educação é um campo de investigação fundamental para compreender os processos de socialização, construção de identidade e produção de desigualdades no Brasil e na América Latina. A escola, tradicionalmente vista como o principal espaço de formação das juventudes, tem sido desafiada por múltiplas transformações sociais, culturais e tecnológicas que redefinem o papel do jovem na sociedade contemporânea. De acordo com Marília Pontes Sposito (2006), é necessário compreender a juventude como categoria relacional e histórica, e não apenas como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta.

Um aspecto, menos explícito, porém não menos importante, nos debates relacionados aos jovens do campo tem sido a persistência de uma certa situação de invisibilidade social a que estão submetidos os jovens no meio rural.

Troian e Breitenbach (2018), pontuam que é necessário precisar referências de cunho acadêmico relacionadas ao entendimento do que é um jovem, quem pode ser chamado de jovem e quais especificações podem ser utilizadas para reconhecer a juventude também é de suma relevância para compreensão da população do campo. Troian e Breitenbach (2018), utilizaram cinco aspectos para melhor conceituar a juventude: modo de vida ou cultura, faixa etária, ciclo de vida, representação social e geração.

[..] estão bem demarcadas a juventude, a vida adulta e a velhice. A categoria juventude aparece como fase anterior à vida adulta. Essa fase da vida é, em geral, precedida de alguma espécie de rito de passagem: o fim dos estudos, o casamento, a chegada de filhos ou, ainda, o acesso ao mercado de trabalho.

Dessa maneira, além de um contingente do poder público, o conceito de juventude engloba uma disparidade de acontecimentos complexos e singulares que dificultam a conceituação de forma clara (Sandes; Alves, 2021). Os estudos sobre essa categorização contribuem na definição de perspectivas de planejamento de políticas públicas para a formação educacional, mercado de trabalho, ações em saúde e previsões demográficas de uma nação (Sandes e Alves, 2021).

Outro tema relevante nos estudos da juventude está relacionado ao aumento da presença feminina na esfera educacional, marcando a centralidade da imagem da jovem mulher na atual sociedade, em busca de melhores condições existenciais e autonomia, simbolizando maior participação na educação. Em contrapartida, não se pode ignorar a existência marcante de mecanismos de exclusão e de inclusão. Tais mecanismos são explicados por Weller (2005, p. 108), quando menciona que “é comum encontrarmos publicações sobre juventude e culturas juvenis que compreendem a categoria juventude como um todo”, ou seja, que não fazem uma distinção entre jovens do sexo feminino e do masculino.

Nunca é demais sublinhar que os estudos sobre juventude vêm se configurando numa importante preocupação entre os pesquisadores e profissionais de várias áreas, uma vez que apontam para questões de âmbito sociocultural, educacional e econômico. Neste sentido, torna-se importante compreender a juventude como uma variável complexa, na medida em que, se distingue pelas suas maneiras de existir em diferentes tempos e espaços sociais e requer, portanto, um espaço social próprio (Pais, 2016).

Abramo, (1997), localizando no tempo o conceito juventude, alude às características que marcaram os conflitos geracionais, permeada por novos valores, hábitos e gostos, era entendida como um problema, sendo identificada como geradora de uma crise de valores e

de um conflito de gerações, tudo isso tornou inevitável o confronto com os setores da sociedade, incapazes de entender e muito menos ainda aceitar mudanças em curso. Esta autora considera a juventude como um problema social, uma fase difícil, perturbadora e turbulenta da vida, em função dos sentimentos que desencadeia nos jovens, como transgressão e rebeldia, e, portanto, necessita do amparo dos adultos.

Na década de 50 e início da de 60 do século XX, se caracteriza, nos países mais avançados economicamente, a separação entre jovens e família, enfatizando a busca daqueles por autonomia e mais liberdade. Dessa forma, as décadas de 60 e 70 foram assinaladas pelos movimentos estudantis juvenis, pelo consumo intenso da música, ocasionando um rompimento com as regras estabelecidas, com as formas de dominação. Já as décadas de 80 e 90 marcam o resgate de valores à sombra da homogeneidade da cultura adulta.

Por conseguinte, a juventude presente nessa fase histórica se configura como uma categoria social, formada por símbolos contemporâneos e marcada pelo resgate de valores à sombra dos valores adultos. Segundo Abramo (1997), nesse período, a juventude aparece como retrato projetivo da sociedade. Percebe-se, nessa breve trajetória histórica, que o conceito de juventude não possui uma definição única, nem estática, pois em cada período, em cada momento histórico, cada geração traz marcas próprias dentro do contexto social, portanto os sujeitos são influenciados pela sociedade em que vivem e, por isso, comportam-se, pensam e agem de maneira diferenciada.

Conforme Pais (2016), existem diferentes juventudes e diferentes olhares, diferentes teorias que explicam a juventude, de acordo com suas abordagens. Se for considerar a corrente geracional, trabalhada por teóricos pertencentes à chamada Sociologia das Gerações, concebe-se o termo juventude através da demarcação social, isto é, compreende-se a juventude como uma fase na vida do sujeito que se inicia com o término da infância e se encerra com o início da idade adulta. Essa se caracteriza como uma fase que vislumbra elementos homogêneos, aspectos etários e comportamentos generalizantes.

É a compreensão da juventude como um período apenas de transição. É mergulhando nessa perspectiva de incompletude que a corrente geracional concebe a fase da juventude, o jovem, um sujeito incompleto, que depende do futuro, ou melhor, de seu ingresso na vida adulta para ser reconhecido socialmente.

Já a corrente classista compreende a juventude como um grupo social heterogêneo, cada qual com diferentes culturas, classe social, econômica e política. Pode-se dizer que

considera a juventude como uma fase de transição, reprodução de papéis sociais. Segundo Pais (2016), essa maneira de conceber a juventude coloca sempre a transição dos jovens pelas desigualdades sociais. Assim, o sistema educativo e a condição social dos jovens acabariam por determinar que os filhos de operários se tornassem operários. Em face da existência real desse pensamento clássico sobre a juventude ainda atualmente, compreendemos, como concebe Pais (2016) uma cultura juvenil, com traços comuns e diferenciados ao mesmo tempo. Para Carrano (2000), a juventude deve ser compreendida como uma complexidade variável: os jovens são diferentes porque diferentes são seus modos de viver, diferentes são seus espaços e tempos sociais, diferentes são suas identidades.

Segundo Pierre Bourdieu (1983), a juventude é apenas uma palavra, pois, na realidade, existem várias ou pelo menos duas juventudes, a burguesa e a das classes populares, que tem entre si suas diferenças cruciais, em todos os setores de suas vidas. Utilizar o termo juventude para falar de jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns e relacionar esses interesses a uma idade biologicamente definida, para ele é uma manipulação evidente e um formidável abuso da linguagem. (Bourdieu, 1983, p.2). A crítica de Bourdieu se dá pelo fato de que muitos usam o termo de maneira genérica para designar diferentes realidades. Podemos comparar sistematicamente as condições de vida, o mercado de trabalho, a administração de tempo dos jovens que trabalham e dos jovens que estudam, nas palavras de Bourdieu teremos (...) de um lado as coerções do universo econômico real, apenas atenuadas pela solidariedade familiar, do outro as facilidades de uma economia de assistidos quase lúdica (Bourdieu, 1983, p. 2).

Esses dois universos não praticam nada em comum, são lugares sociais diferentes, são dois extremos de "possibilidades oferecidas aos jovens" (Bourdieu, 1983, p. 3). Portanto, existem diferenças marcadas entre os dois segmentos de jovens que também influenciam na politização deles. Bourdieu em seu texto, Gosto de classe e estilo de vida (1983), acredita que esta realidade social é determinada pelas diferentes posições no espaço social, que correspondem ao estilo de vida de cada indivíduo, são a retradução simbólica das distintas condições de existência. Essas condições de existência são caracterizadas pelas práticas e pelas propriedades, ou seja, são as expressões do estilo de vida, desta forma, compartilham do mesmo operador prático, que seria o habitus, outro conceito definidor das práticas culturais (Bourdieu, 1983).

Quando nos referimos a jovens estudantes, a jovens trabalhadores, a jovens em

contexto urbano ou a jovens em contexto rural, percebemos que existem diferentes sentidos atribuídos à juventude.

Reportamo-nos, assim, a diferentes juventudes. Neste sentido, é crucial investigarmos a juventude a partir da sua heterogeneidade. Ora, em boa verdade, não existe uma só juventude, mas sim diferentes juventudes (Fernandes, 2001; Bourdieu, 2003; Santos, 2014). Desta forma, a juventude deve ser olhada na sua diversidade. Seguindo estas perspectivas teóricas, cremos que seria mais apropriado pensar na juventude como uma realidade socialmente construída, na qual se poderia obter várias leituras, a partir das condições culturais, sociais, económicas e políticas. Quer isto dizer que, a juventude é uma noção construída socialmente, que não pode ser definida tendo em consideração critérios exclusivamente biológicos, psicológicos, sociológicos, entre outros.

Uma das razões é que o próprio objeto de estudo – os jovens – vive em plena movimentação buscando se adaptar às mudanças do mundo, em especial, me parece, a do mundo do trabalho. “Construir uma definição da categoria juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais” (Dayrell, 2003, p. 41). Foi a partir do século XIX e meados do século XX que a noção conquistou espaço nas discussões científicas e na agenda pública (Souza; Paiva, 2012), embora variando de um país para outro.

Juventude nunca foi um conceito dado e acabado, mas sim fruto de uma histórica representação específica dessa população, realizada seja no âmbito da comunidade científica, seja pelos formuladores de política públicas, ou no âmbito do senso comum. Não por acaso, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), não ficou de fora dessas preocupações e incorporou que o termo juventude deve considerar fatores relacionados a intensas transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam de acordo com as diferentes classes sociais, culturas, épocas, etnias, gênero, dentre outros aspectos determinantes (Unesco, 2004).

Consideramos, portanto, “juventudes amazônidas” sob uma condição diversa, que considera, por exemplo, as singularidades étnicas, biológicas e de gênero. Ao mesmo tempo, apontamos que a dimensão de classe social tem centralidade nesta construção histórica, pois entendemos que os jovens de origem trabalhadora constituem grupo submetido à condições de maior precariedade social, em distinção aos jovens das classes dominantes.

Assim, o conceito de juventude, ao longo da história, foi abordado em discursos e debates sob diferentes pontos de vista, dando margem para o surgimento de diversas

compreensões e definições do termo. É importante ressaltar ainda que, embora não haja uma única definição, os conceitos e compreensões do termo embasam, por exemplo, políticas públicas e produções teóricas referentes aos sujeitos jovens. Não obstante, essas definições também implicam no modo como os jovens são socialmente vistos e compreendidos.

Victória (2017), enfatiza que o conceito de juventude é diferente no contexto amazônico ribeirinho. Os jovens valorizam a fé religiosa, a formação acadêmica, o trabalho, o lazer, os sonhos de êxodo, os laços familiares e a vida na comunidade. Essa vivência é marcada por saberes transmitidos de geração em geração, alimentando a cultura local. A vivência da juventude em comunidades ribeirinhas é multifacetada, repleta de desafios e belezas, e merece ser explorada e compreendida em toda a sua complexidade.

Para Castro (2009, p. 189), o jovem rural “carrega o peso de uma posição hierárquica de submissão, em um contexto ainda marcado por difíceis condições econômicas e sociais para a produção familiar”. É neste contexto que o jovem rural está inserido, um tempo histórico no qual as mazelas da sociedade capitalista se intensificaram no campo brasileiro.

Macedo e Ribeiro (2018), ponderam que grande parcela da população juvenil apresenta reais dificuldades de concretização de seus projetos de vida, visto que a sua esfera social determina os limites até onde esse jovem pode ir à sociedade e contribui para a marginalização dos setores mais pobres, em que o acesso a políticas de educação bem como ao mercado de trabalho formal apresentam-se de maneira escassa.

2.2 Breve contextualização sobre educação e trabalho no município de Parintins e no Distrito do Caburi

A relação entre educação e trabalho nos municípios da Amazônia, como Parintins e seu Distrito do Caburi, apresenta características particulares devido ao contexto geográfico, econômico e social da região.

A realidade educacional das comunidades rurais, em Parintins, é uma das poucas políticas públicas que chega aos cidadãos. As grandes distâncias e o alto custo de deslocamento desafiam o acompanhamento dos órgãos executivos dos sistemas de ensino sobre as escolas e seus professores.

O município de Parintins enfrenta desafios históricos quanto ao acesso à educação superior e ao mercado de trabalho, especialmente para as juventudes do campo. A estrutura educacional e econômica da região reflete desigualdades persistentes que limitam a mobilidade social e profissional dos jovens amazônidas, afetando diretamente seu futuro e o

desenvolvimento regional.

As dificuldades de acesso à educação superior no campo amazônico são multifatoriais, envolvendo questões como a escassez de instituições de ensino, dificuldades de deslocamento e barreiras socioeconômicas. De acordo com Oliveira e Souza (2019), a baixa interiorização das universidades e institutos federais na região impede que muitos jovens tenham acesso ao ensino superior, uma vez que os centros educacionais estão concentrados nas cidades e nas capitais do estado do Amazonas.

Além disso, o ensino remoto ou híbrido, que poderia ser uma alternativa viável, encontra limitações estruturais significativas, como a precariedade da conexão à internet e a falta de equipamentos adequados (Silva et al., 2021). A exclusão digital e o alto custo do ensino privado também contribuem para a reprodução das desigualdades educacionais, impedindo que os jovens do campo amazônico ingressem e permaneçam no ensino superior.

O mercado de trabalho em Parintins é caracterizado pela baixa oferta de empregos formais e pela predominância de atividades ligadas à agricultura familiar, ao extrativismo e ao setor informal (Costa; Nascimento, 2020). A falta de qualificação profissional, decorrente do limitado acesso à educação, restringe as oportunidades de inserção dos jovens em setores mais dinâmicos da economia, reforçando um ciclo de precariedade e exclusão social.

As oportunidades formais de emprego são, muitas vezes, condicionadas à migração para os centros urbanos, o que gera o fenômeno do êxodo juvenil, em que os jovens deixam suas comunidades em busca de melhores condições de vida. No entanto, essa migração nem sempre resulta em melhoria de vida, pois esses jovens enfrentam dificuldades de adaptação, marginalização e, muitas vezes, informalidade no trabalho urbano (Pereira, 2018).

Para enfrentar esses desafios, algumas ações são essenciais. A expansão de políticas de interiorização da educação superior, incluindo universidades e institutos federais, pode proporcionar um acesso mais equitativo ao ensino. Programas de incentivo à permanência estudantil, como bolsas e auxílios, também são fundamentais para reduzir a evasão universitária (Oliveira; Souza, 2019).

No mercado de trabalho, políticas de incentivo ao empreendedorismo rural, capacitação profissional e investimento em infraestrutura tecnológica são estratégias importantes para fomentar o desenvolvimento local e criar oportunidades para os jovens sem que precisem abandonar suas comunidades.

O enfrentamento das desigualdades educacionais e laborais no campo amazônico requer um conjunto de políticas públicas que considerem as especificidades regionais e

promovam a inclusão das juventudes na continuidade dos estudos e acesso ao mercado de trabalho.

Nesse cenário, a juventude no contexto do campo e as relações que estabelece com o trabalho, a educação tem se tornado, nos últimos anos, tema de atenção dos pesquisadores que visam não só compreender as relações do jovem com o mundo do trabalho e a educação, todavia a proposta de alternativas que possam vir a oferecer possibilidades para a minimização dos graves problemas que os jovens enfrentam para inserção, permanência e valorização no trabalho.

Nessa relação entre juventude e trabalho, muitos estudiosos na atualidade estão em conformidade nas constatações das profundas transformações que assolam o mundo do trabalho culminam no fenômeno do desemprego que atinge milhões de pessoas com índices preocupantes principalmente demonstrados pelo desemprego juvenil.

Dias (2009), revela que a vida em sociedade determina, de alguma maneira, quem somos, a forma como pensamos e orientamos nossos projetos de vida, de acordo com o papel que desejamos desempenhar nessa sociedade. O autor revela que o projeto de futuro em espaços rurais envolve diversos aspectos e demanda o conhecimento da realidade complexa na qual os jovens estão inseridos.

Para Bassalo e Souza (2020), o jovem está inserido num tempo, numa sociedade, num contexto histórico-social e a vivência da juventude tem sido cada dia mais precária e cheia de ausências, tornando a vida do jovem dura e sem perspectivas para o futuro. Felícia Madeira (1998) nas afirmações sobre o desemprego juvenil enfatiza que aqueles que pertencem a famílias com menos recursos materiais são os que efetivamente têm dificuldade de entrar e permanecer no mundo do trabalho.

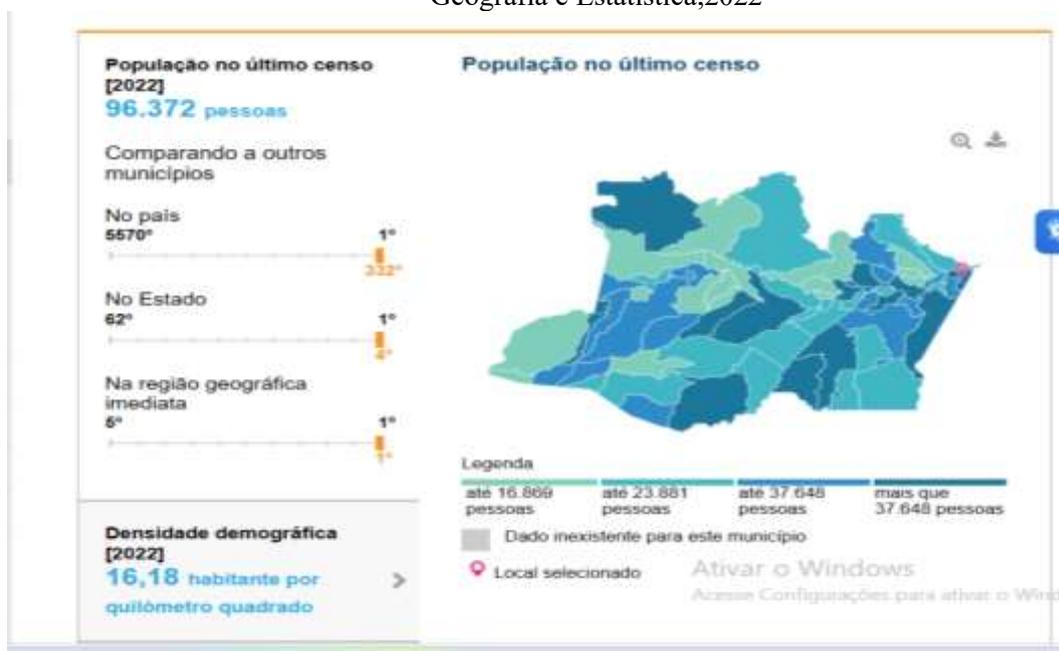
Nesse contexto, Dayrell (2014) pondera que a maioria dos seres humanos se alimentam dos projetos que realizam. É isso que permite fugir dos determinismos e improvisos, organizando e planejando nossas ações futuras e têm enormes desafios a enfrentar no delineamento dos seus projetos de vida. Por isso, de acordo com Paulo Freire (1996) a educação não deveria se restringir à transmissão de saberes, mas valorizar a conexão dos conhecimentos com o cotidiano e criar espaços que promovem a descoberta de seus interesses.

As relações de educação e trabalho no município de Parintins tem ligação com a chegada do mês de junho. A economia ascendente nos dias festivos, pois inúmeros microempreendedores e artistas têm a oportunidade de mostrar e auferir vantagens com sua

arte, como o exemplo do artesanato comercializado nesses dias, e que engloba uma série de benefícios à população (Saunier, 2003).

Dados do IBGE (2010) mostram que a população parintinense cresceu consideravelmente. A população total foi estimada, no ano de 2022, em 96.372 pessoas, com densidade demográfica de 16,18 hab/km², sendo 69.890 residentes na zona urbana e 32.143 residentes na zona rural (IBGE, 2022). É a segunda cidade mais populosa do estado com 115 363 habitantes, segundo as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022).

Figura 16 – Percentual da população de Parintins de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022



Fonte: IBGE, 2022.

De acordo com o panorama (IBGE, 2022) em 2022, o salário médio mensal era de 1.7 salários-mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 6.1%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 34 de 62 e 25 de 62, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficou na posição 3962 de 5570 e 4851 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa, tinha 46.8% da população nessas condições, o que o colocava na posição 55 de 62 dentre as cidades do estado e na posição 1911 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

A questão da juventude, o município de Parintins pouco enfatizou o público juvenil para inserção no mercado de trabalho e continuidade dos estudos e tem tratado historicamente esse

público dentro da dimensão familiar, sem considerar as particularidades dos jovens parintinense, um exemplo, é a desativação da Secretaria de Juventude em Parintins, que não recebe recurso para sua manutenção e desenvolvimento local integrando-a à Secretaria de Educação com poucos ou quase nenhum incentivo para o fortalecimento de políticas à juventude (Souza, 2023).

Figura 17: Dados do trabalho e rendimento da população em 2021

| Brasil / Amazonas / | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|
| Parintins | |
| Selecionar local | |
| Código do Município 1303403 | |
| Gentílico parintinense | |
| Aniversário 15 de outubro | |
| Prefeito FRANK LUIZ DA CUNHA GARCIA | |
| POPULAÇÃO | |
| TRABALHO E RENDIMENTO | |
| Salário médio mensal dos trabalhadores formais [2021] | 1,7 salários mínimos |
| Pessoal ocupado [2021] | 8.340 pessoas |
| População ocupada [2020] | 6,1 % |
| Percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo [2010] | 46,8 % |

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE,2021

Nos estudos de Bassalo e Souza (2020) realizado sobre os modos como os/as jovens estudantes percebem as dificuldades e a positividade em ser jovem de um bairro popular, as autoras que constatarem que a desigualdade econômica, mais especificamente a falta de oportunidades de emprego e a baixa renda familiar dificultam o acesso a necessidades básicas e oportunidades de crescimento. As autoras apontam ainda que as inexistências de políticas públicas, de infraestrutura atingem diretamente a condição da juventude.

Para Abramovay (2005), uma verdadeira política de desenvolvimento rural deve associar a atribuição de ativos aos jovens dos quais o mais importante é uma educação de qualidade, com o estímulo a um ambiente que estimule a formulação de projetos inovadores que façam do meio rural, para eles, não uma fatalidade, mas uma opção de vida.

Cabe ressaltar que ao considerarmos a heterogeneidade e as trajetórias dos jovens do campo surgem preocupações, entre elas, questões ligadas à educação e trabalho. As trajetórias de jovens egressos do ensino médio apontam para fenômenos sociais mais amplos, expressam que as experiências e as localizações dos indivíduos, pelo espaço social, não são aleatórias, não se dão por acaso, mas obedecem a forças estruturantes mantenedoras de uma sociedade dividida por

classes.

Temos visto que a inserção dos jovens no mercado de trabalho está muito relacionada com a questão da educação. Nesse sentido é que Abramovay (2004) aponta que uma das principais dificuldades que os jovens enfrentam é a falta de capacitação apropriada às demandas exigidas pelo mercado de trabalho.

Na comunidade de Caburi de acordo com dados da Secretaria de Produção e Abastecimento de Parintins (Sempa, 2022), há uma prevalência de jovens trabalhando em pequenos comércios, sendo assim é um dos setores com mais oportunidades de trabalho para os jovens por exigir pouca qualificação, oferecer salários baixos e associar os produtos à vitalidade e à beleza, próprias da juventude. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos- Dieese(2022), cerca de 25% dos inseridos no comércio são jovens entre 16 e 24 anos cuja inexperiência, bem como a necessidade de ter uma renda, pressiona-os a aceitar, muitas vezes, extensas jornadas de trabalho, abrindo mão de direitos trabalhistas.

Não podemos deixar de mencionar o trabalho informal, que sem dúvida contempla parte significativa das ocupações no município, isso devido a inexistência de políticas públicas eficazes, que fazem com que a massa de trabalhadores desempregados busque novas estratégias para a sua sobrevivência que geralmente são desenvolvidas no âmbito do trabalho informal, sob condições precárias, considerando a ausência de proteção social. Segundo Tavares (2004) a informalidade cumpre o papel de mascarar o nível de desemprego e manter a legitimação do capital visto que esta forma de trabalho que é ilusoriamente identificada como independência e autonomia, constitui-se na verdade mecanismos pelos quais os trabalhadores exploram a sua própria força de trabalho para o capital e são lesados em seus direitos.

Discutimos a permanência dos jovens em comunidades amazônicas, por entender que o campo ou o meio rural enfrenta dificuldades para oportunizar acesso ao mundo do trabalho para amplos segmentos populacionais e isso de forma direta faz com que a formação escolar assuma uma importância fundamental, principalmente para os jovens. É importante destacar em Silva (2020) que entre os desafios centrais que as juventudes do campo enfrentam, estão a falta de qualificação e novas oportunidades de trabalho e a situação de “invisibilidade” desses jovens, quando não são contemplados pelo Estado através de políticas públicas específicas para e da juventude.

Pais (2016), argumenta que as próprias representações sobre o trabalho estão atualmente marcadas por instabilidades naquilo que se apresenta como turbulência, flexibilidade e impermanência nas trajetórias juvenis. Isso não significa que o trabalho não seja uma esfera

importante na vida dos indivíduos, mas ganha novas dimensões. Desse modo, é visível a própria diversidade e a heterogeneidade que caracterizam o mercado de trabalho atualmente no Brasil, conseqüentemente, levando a diferentes situações vividas por jovens trabalhadores e jovens trabalhadoras.

O estudo de Pais (2016) com jovens portugueses, intitulado *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro*, vem reafirmar sua tese de que, embora o trabalho continue mantendo o significado de obrigação, de esforço e até de sofrimento, o certo é que alguns diagnósticos recentes mostram uma outra realidade, a atitude dos jovens em relação ao emprego e trabalho aparece de forma ambivalente, revelando diversos sentidos sobre o trabalho.

Não podemos deixar de mencionar o trabalho informal, que sem dúvida contempla parte significativa das ocupações no município, isso devido a inexistência de políticas públicas eficazes, que fazem com que a massa de trabalhadores desempregados busque novas estratégias para a sua sobrevivência que geralmente são desenvolvidas no âmbito do trabalho informal, sob condições precárias, considerando a ausência de proteção social. Segundo Tavares (2004), a informalidade cumpre o papel de mascarar o nível de desemprego e manter a legitimação do capital visto que esta forma de trabalho que é ilusoriamente identificada como independência e autonomia, constitui-se na verdade mecanismos pelos quais os trabalhadores exploram a sua própria força de trabalho para o capital e são lesados em seus direitos.

Silva (2020) destaca que, as políticas sociais contribuem efetivamente para diminuir os problemas sociais que afetam os jovens, podendo estas usufruir de um pleno sistema de ensino e do processo de aprendizagem que lhes é destinado e que vem abrir importantes oportunidades para a sua transição para a vida adulta.

Nesse contexto, para os sujeitos que vivem no campo não tem sido nada fácil a inserção dos jovens no sistema educacional e laboral, pois são excluídos de políticas públicas que garantem efetivamente o direito à educação e trabalho. Para Caldart (2012, p. 262), a educação do campo por tratar de práticas e lutas contra hegemônicas exige teoria e análise da realidade concreta, ou seja, a bandeira de luta que a constitui, reafirmando uma concepção de educação de perspectiva emancipatória, vinculada a um projeto histórico, às lutas e à construção social e humana de longo prazo.

Abramovay et al. (2002) e Silvestro et al.(2001) discutem questões relacionadas às aspirações e expectativas de jovens filhos de agricultores quanto ao seu futuro profissional, às diferentes estratégias familiares adotadas, aos conflitos que surgem quando da individualização das trajetórias de realização profissional, bem como aos diferentes determinantes que interferem

nesse processo, além da questão relacionada com o viés de gênero, que tende a acompanhar o processo sucessório e parece responder, em grande parte, pela intensidade do êxodo das jovens agricultoras.

Hage (2005), através do estudo realizado sobre as expectativas da juventude do campo, o autor buscou compreender os desafios que os jovens enfrentam na tentativa de assumir o protagonismo e a direção de suas vidas, a partir de sua formação em uma escola de ensino médio e considerando as políticas implementadas para a permanência dos jovens nas comunidades em que moram. No estudo a comprovação de que o meio rural na Amazônia enfrenta dificuldades para oportunizar acesso ao mundo do trabalho.

Importante ressaltar que o acesso à educação tem sido percebida como condicionante do futuro profissional dos jovens, portanto, ao concluir o Ensino Médio representaria o crescimento dessas oportunidades. Para os jovens no contexto do campo, a conclusão do Ensino Médio representa um momento significativo, uma vez que muitos passam a compor a geração mais escolarizada de suas famílias. No entanto, o término dessa etapa de estudos acarreta um impasse diante da falta de perspectivas, pelo menos a curto prazo, por ser a última fase de estudos sem certeza alguma de ingresso no mercado de trabalho.

Se fazer educação no Brasil já é uma tarefa complexa por si só, fazer educação na região amazônica é ainda mais desafiador. Não são apenas os problemas estruturais da educação brasileira, presentes em alguns lugares mais que outros, que dificultam a realização das atividades educacionais na região. Além das dificuldades compartilhadas por grande parte das escolas brasileiras, aqui deve-se levar em consideração também os chamados “fatores amazônicos” (Fas, 2017,p. 1).

Assim, tais fatores impõem noções de espaço/tempo diferenciadas, necessidade de interpretação adequada acerca das formas de trabalho e de ocupação territorial (ribeirinhos, indígenas, seringalistas, quilombolas, garimpeiros, entre outros) (Crus, 2016).

No mesmo sentido, Crus (2013) a garantia do acesso e de condições infraestruturais de permanência dos estudantes a um processo formativo que responda às suas demandas e aspirações deve, diferenciadamente ser pensada. Convém ter presente, que todos esses fatores estão imbricados em situações fornecedoras de dados que podem impedir, mas também fortalecer a gestão e o empenho dos sistemas de ensino na busca de uma educação equitativa e que atenda aos interesses de formação das juventudes amazônicas em relação às exigências do mundo contemporâneo.

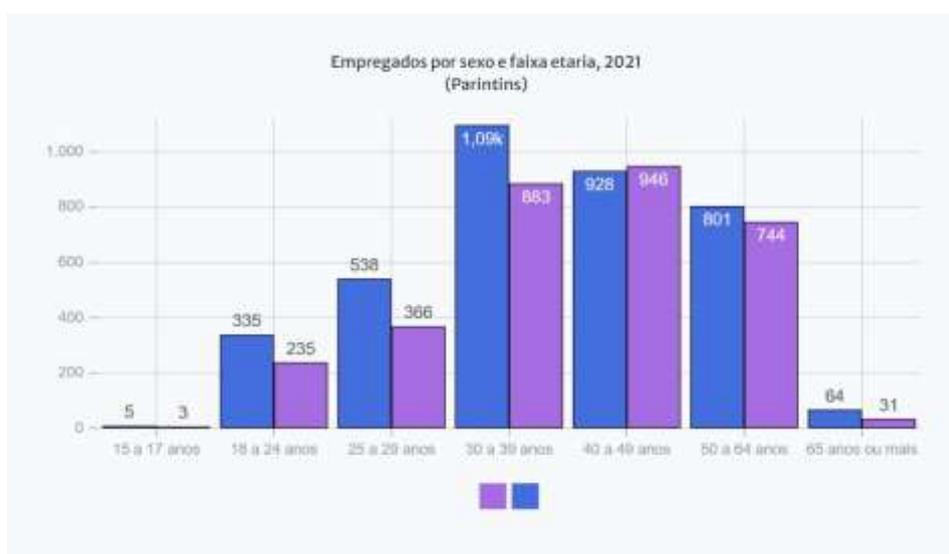
De acordo com a Plataforma Juventudes e Trabalho- QEdu (2023) traz um retrato das

juventudes em grande parte não possui seus direitos garantidos, como uma educação de qualidade e o acesso a um trabalho digno capaz de promover o pleno exercício da cidadania. aponta ainda que a baixa qualificação e a pouca experiência dificultam a inserção digna no mercado de trabalho. Muitas vezes os jovens (principalmente os menos escolarizados) só encontram oportunidades na informalidade, trabalhando sem carteira assinada, como autônomos informais ou apenas fazendo “bicos”, em condições mais precárias, com baixos salários e com poucas perspectivas de futuro.

Nesse contexto, considerando a ideia de inserção da juventude parintinense no mercado de trabalho, os dados do último Censo Demográfico do IBGE (2010) revelam que ela se dá de forma precária, precoce e desqualificada. Estes dados indicam a necessidade de construção de caminhos no pós-médio que assegure a inserção escolar e profissional para a juventude em contexto do campo.

Dados fornecidos por RAIS (Relações Anuais De Informações Sociais) no gráfico abaixo mostra a distribuição dos empregados na cidade de Parintins por faixa etária. Em 2021, as trabalhadoras do sexo feminino eram de 3.208 empregados (46%) com uma remuneração média de R\$ 1.838,30, enquanto a parte masculina era de 3.765 (54%) com uma remuneração média por pessoa de R\$ 1.764,13. O Gráfico 1 apresenta empregados por sexo e faixa etária, 2021 no município de Parintins.

Gráfico 1: Empregados por sexo e faixa etária, 2021 no município de Parintins



Fonte: Dados fornecidos por RAIS, 2021

De acordo com os dados da Rais, no Amazonas e, mais especificamente em Parintins,

é uma realidade a distribuição de renda extremamente desigual e que apesar dos múltiplos olhares e interesses, inclusive, de organismos internacionais, a educação nunca esteve e, aliás, não está no foco de prioridades de seus interesses, pelo menos não em termos de garantia de direitos sociais. “É urgente pensar mecanismos de redistribuição econômica que permitam corrigir as desigualdades contrastantes entre estados, municípios e regiões do país” (Oliveira, 2011, p. 335).

Oliveira (2011) preconiza que no Brasil, o grande fosso e desequilíbrio pelas regiões do país são refletidos nitidamente em vários aspectos básicos, como saúde, saneamento, segurança, habitação, educação etc. No que trata a educação, a situação se agrava ainda mais quando o que está em causa é a educação do campo, que historicamente os camponeses tivessem o direito à educação usurpado e carregam, portanto, as marcas de um tratamento desigual, discriminatório e excludente.

De acordo (Souza, 2023), as universidades públicas presentes no município de Parintins estão incluídas: Universidade do Estado do Amazonas (UEA), que é uma instituição pública estadual de ensino superior, que oferece mais de vinte cursos, foi criada pela lei estadual n.º 2.637 de 12 de janeiro de 2001, que proporcionou às fundações educacionais de ensino superior instituídas pelo estado. Em Parintins, o Centro de Estudos Superiores (UEA) possui os cursos de Pedagogia, História, Geografia, Física, Matemática, Letras (Português), Química, Ciências Biológicas, Tecnologia em Turismo, Direito, Saúde Coletiva, Ciências Econômicas e Tecnologia em Gestão Pública (Souza, 2023).

Outra referência de ensino superior é o Instituto Federal do Amazonas (IFAM). O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas foi criado mediante integração do Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas e das Escolas Agrotécnicas Federais de Manaus e de São Gabriel da Cachoeira.

A Universidade Federal do Amazonas (UFAM) começou como campus avançado em parceria com a UNERJ, até sua implantação em 1998 com o curso de administração e biologia, sua instalação oficial como Campus no município foi em 2007, possuindo os seguintes cursos: Serviço Social, Comunicação Social-Jornalismo, Administração Organizacional, Pedagogia, Zootecnia, Educação Física e Artes Plásticas, entre outros cursos que estão em processo de implantação, como o curso de Medicina (Souza, 2023).

No setor de educação e capacitação profissional, o município dispõe ainda de unidades do SENAI, SENAC e SESI e CETAM, em função disso, os índices de alfabetização e capacitação profissional do município estão entre os mais altos de todo o Estado do

Amazonas. Nesse cenário, a realidade da inserção de jovens no mercado de trabalho e continuidade dos estudos no município de Parintins de acordo com Souza (2023) é complexa. Por se tratar de uma região de abrangência continental entrecortada por rios e atravessada por múltiplos condicionantes conhecidos como fator amazônico, que consiste no conjunto de características geográficas que afetam diretamente o acesso à educação e trabalho para comunidades no contexto do campo.

Como a juventude começou a ser valorizada recentemente, a preocupação do Estado com este segmento da sociedade é recente. Na verdade, somente com as mobilizações de organizações internacionais que deram início a sensibilização do Estado para o desenvolvimento de políticas públicas que abarcasse os jovens. Assim, após a instituição do Ano Internacional da Juventude em 1985 e as constantes reivindicações das organizações como a Organização Internacional da Juventude, a questão da juventude começou a fazer parte do cenário de discussões, sobretudo na década de 1990, nos países latino-americanos (Castro et al., 2009). Porém, como quase todas as coisas no Brasil contam com um processo moroso, somente em 2004 deu-se um movimento de amplo diálogo entre o governo e os movimentos sociais para tratar da necessidade de implantar a política de juventude no país. O desafio era gigante, pois a política precisava abarcar os mais diferentes tipos de contextos, classes sociais e espaços onde esses jovens estavam inseridos.

Para Castro et al. (2009), perante as dificuldades de inserção no mercado de trabalho vivenciada pelos jovens, ficam algumas alternativas. De um lado priorizar as políticas de incentivo à inserção ao mercado de trabalho, desenvolvendo cursos profissionalizantes e aperfeiçoamentos voltados ao mundo do trabalho. Por outro lado, investir em educação e assim postergar a entrada deste jovem no mercado de trabalho, porém com mais chances de sucesso quando isso ocorrer. Ainda existe um terceiro tipo é aquele que busca conciliar o reforço escolar com a atuação no mercado de trabalho. Infelizmente, desde muito cedo a educação profissionalizante tem sido pensada para os jovens pobres, constituindo-se em medidas paliativas e um mecanismo de educação para o trabalho. Zaluar (1994) pontua que, os programas e projetos esportivos e de educação pelo trabalho, tinham como pretensão complementar ou até mesmo substituir os processos educativos formais, em especial para as classes mais pobres.

Dessa forma, entende-se que ser jovem no meio rural brasileiro implica enfrentar um campo desigual. Um campo que se aproxima espacialmente da cidade, mas que enfrenta muitas hierarquias que permanecem reproduzidas na sociedade brasileira. Essas hierarquias

são vivenciadas na diferença de acesso a bens e serviços, mas se expressam também em práticas que estigmatizam o ser do campo. Nesse sentido, é complexo falar em juventude em meio aos diversos significados que cercam este conceito, principalmente, no que se refere aos jovens do campo.

2.3 Perfil dos sujeitos da pesquisa

Como mencionado anteriormente, os sujeitos de pesquisa são um grupo de jovens egressos do Ensino Médio público no ano de 2021, pertencentes ao Distrito de Caburi no município de Parintins/AM. Os nomes dos jovens são codificados pelas letras **JEM (Jovens Ensino Médio)** seguido da sílaba inicial dos sujeitos com intuito de manter a identidade dos participantes da pesquisa.

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe com consentimento livre e esclarecido dos participantes que manifestem a sua anuência à participação na pesquisa. Assim, a cada abordagem com os jovens participantes apresentamos as finalidades da pesquisa, bem como o detalhamento dos procedimentos que seriam utilizados, ou seja, a aplicação do questionário semiestruturado e anotações no diário de campo.

Os jovens egressos estão na faixa etária dos 18 a 25 anos. Cientes das limitações ao conceito de juventude a partir de uma demarcação cronológica, a pesquisa centrou esforços em assegurar um olhar sobre a perspectiva de juventude do campo e, desse modo, foi utilizado o debate de Dayrell (1999) que conceitua juventude como ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. De um lado há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo/ciclo da vida. Em linhas gerais, pode-se dizer que a entrada da juventude se faz pela fase que chamamos de adolescência e é marcada por transformações biológicas, psicológicas e de inserção social.

A partir da coleta e análise dos dados apresentamos o perfil dos colaboradores da pesquisa. Partindo da categoria 1 do questionário, os perfis apresentados são compostos de variáveis aglutinadas em **Dados Pessoais e Familiares** (idade; sexo; cor/raça, estado civil); configuração familiar (com quem moram atualmente, escolaridade do pai/mãe e renda familiar) fatores considerados importantes para mapear o perfil dos jovens egressos de 2021 que residem no Distrito do Caburi, delimitando a identidade dos sujeitos.

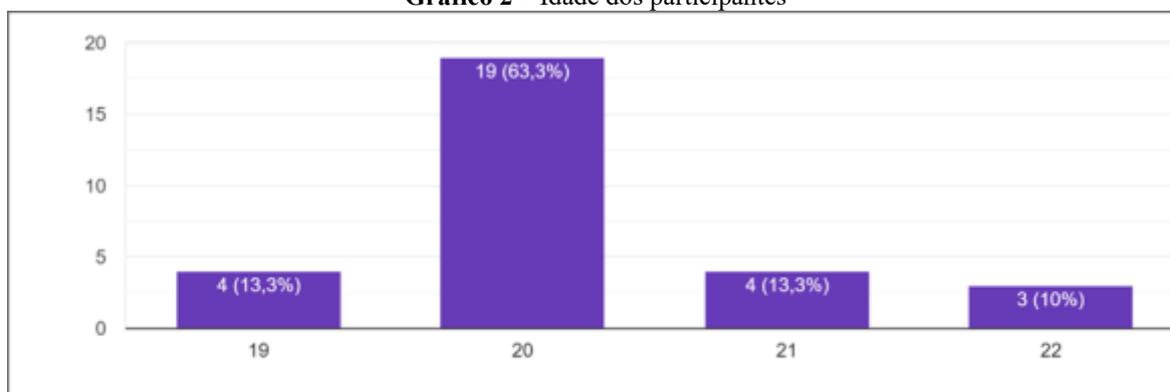
As perguntas do questionário, de modo geral, se caracterizaram pela múltipla escolha

dos itens, o que possibilitou aos entrevistados assinalarem a opção que melhor condizia com a sua realidade. A partir disso, foi possível gerar gráficos para uma leitura ampla acerca do perfil dos participantes, bem como a característica de formação escolar, continuidade dos estudos e questões relacionadas ao mundo do trabalho. Dessa feita, passamos a expor e a descrever os resultados obtidos com a aplicação.

As respostas referentes às questões 1, 2 e 3 demonstraram que a faixa etária dos entrevistados ficou entre 19 e 22 anos. Além disso, 53,3% dos respondentes autodeclararam-se como sendo do sexo masculino.

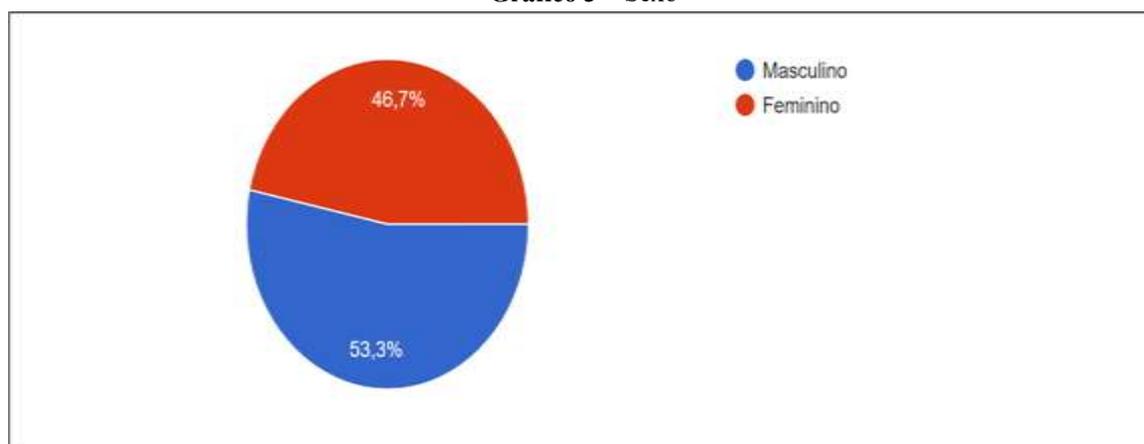
No que tange ao estado civil dos referidos sujeitos, 60% deles afirmaram estar solteiros, enquanto 40% confirmaram a união estável. Todas essas informações estão detalhadas nos gráficos 2, 3 e 4 que seguem a partir daqui:

Gráfico 2 – Idade dos participantes

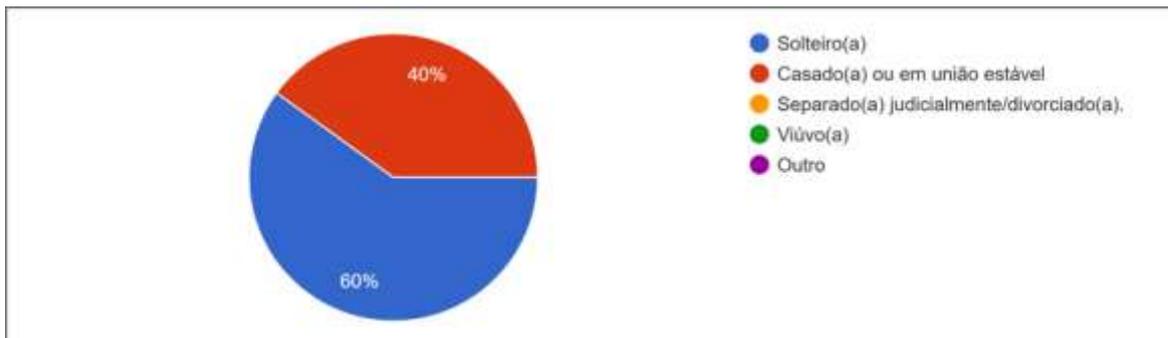


Fonte: Dados da pesquisa, 2023

Gráfico 3 – Sexo

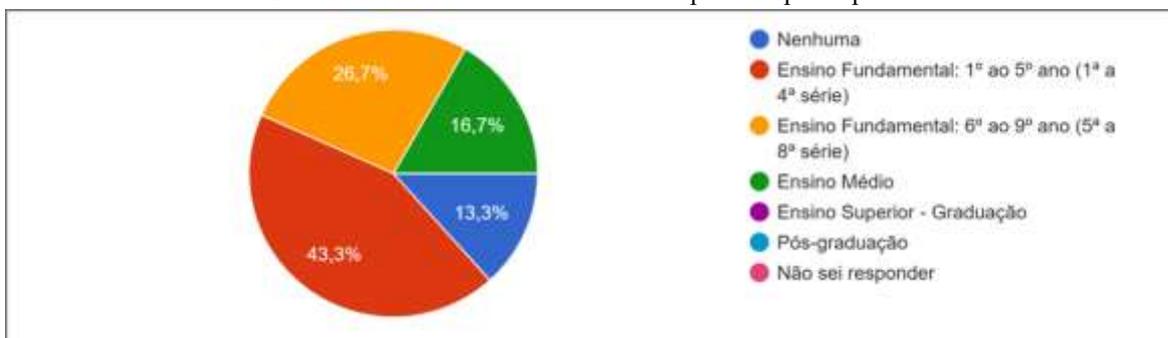


Fonte: Dados da pesquisa, 2023

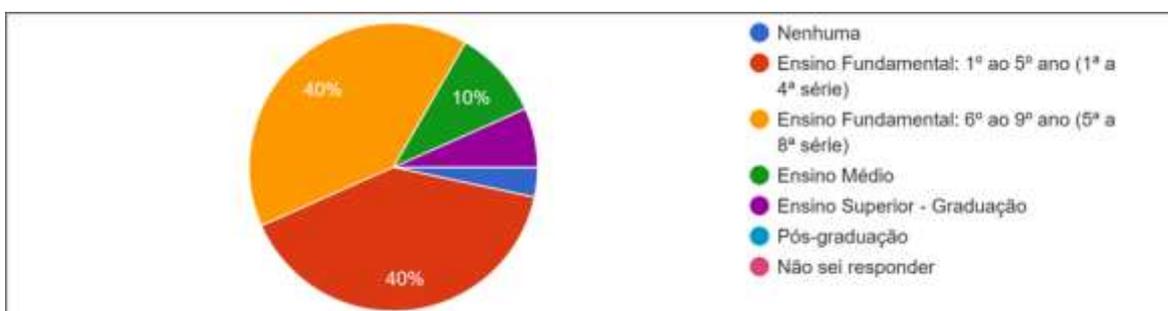
Gráfico 4 – Estado civil dos participantes

Fonte: Dados da pesquisa, 2023

As perguntas de número 4 e 5 revelaram que, tanto o pai quanto a mãe dos participantes, de forma geral, se escolarizam até o Ensino Fundamental I (de 1º ao 5º ano), alcançando o percentual de 43,3% com o pai e 40% com a mãe. Nesse caso, chamam a atenção também nos resultados o fato de nenhum deles indicar o nível superior na escolarização paterna, e, no caso da pós-graduação, nenhuma confirmação relativa a ambos. Com isso, apresentamos os Gráficos 5 e 6 que descrevem de forma específica o que foi apontado com relação ao nível escolar dos progenitores.

Gráfico 5 – Escolaridade referente aos pais dos participantes

Fonte: Dados da pesquisa, 2023

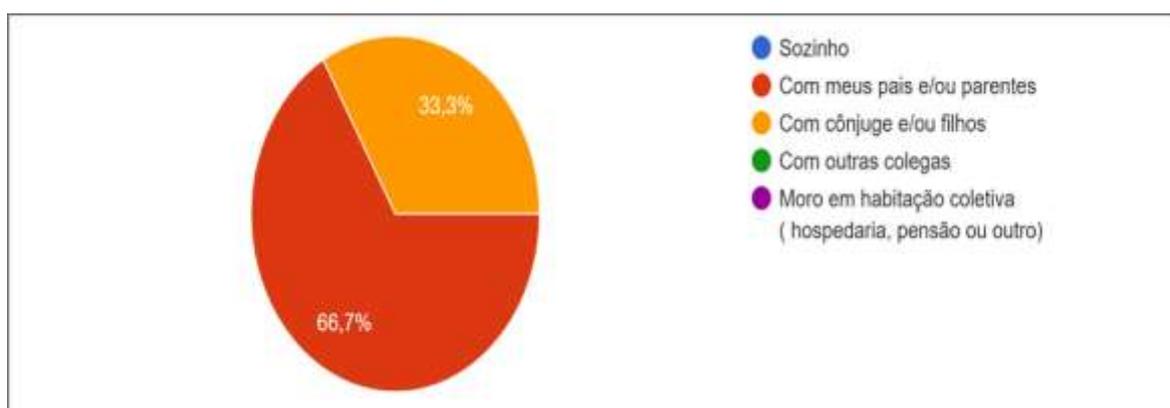
Gráfico 6 - Escolaridade referente às mães dos participantes

Fonte: Dados da pesquisa, 2023

As perguntas de número 6 e 7 fazem referência ao convívio domiciliar dos

participantes. Com isso, vemos, por meio dos Gráficos 7 e 8, que 66,7% deles moram com os pais e/ou parentes. Enquanto, 33,3% residem com seus cônjuges e/ou filhos. Ademais, as respostas obtidas na pesquisa também revelaram que em mais de 80% das casas dos respondentes residem de 4 a 6 pessoas. Tal informação pode influenciar a análise de renda que ainda será apresentada aqui. Por ora, expomos os Gráficos 7 e 8 para ilustrar as informações apresentadas.

Gráfico 7 – Relação familiar dos participantes



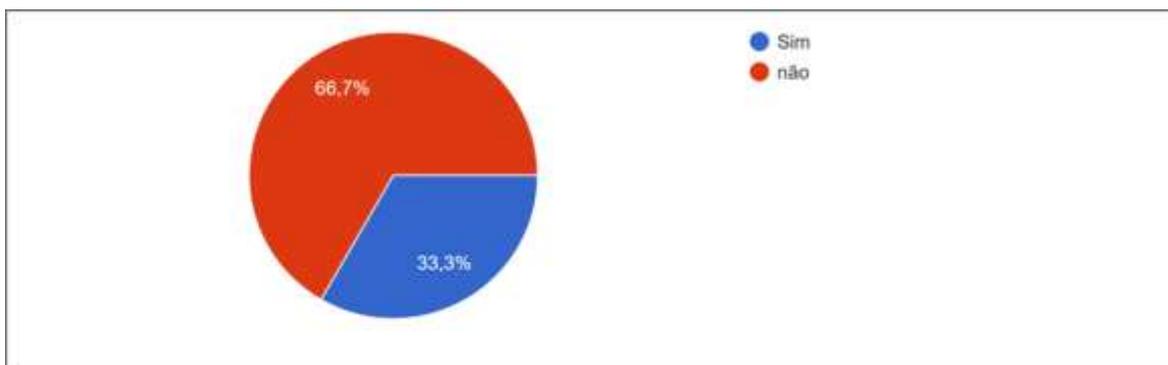
Fonte: Dados da pesquisa, 2023

Gráfico 8 – Quantidade de pessoas que moram na mesma casa que os participantes



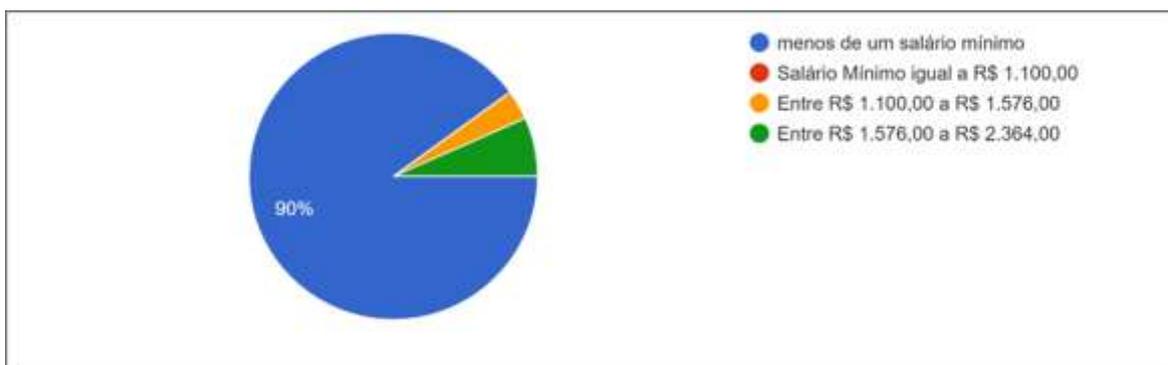
Fonte: Dados da pesquisa, 2023

No que se refere à pergunta 8, relativa ao fato de os participantes possuírem filhos ou não, 66,7% afirmaram que não, percentual que coincide exatamente com a quantidade de respondentes que apontou ainda morar na casa dos pais, conforme já visto na pergunta 6. O Gráfico 9 ilustra isso:

Gráfico 9 – Referência a filhos

Fonte: Dados da pesquisa, 2023

A pergunta de número 9 fecha a seção de perfil pessoal dos participantes, possibilitando enxergarmos uma realidade evidente, isto é, a de que 90% dos entrevistados vivem em um contexto familiar cuja renda é de menos que um salário-mínimo. Tal informação está explícita no Gráfico 10:

Gráfico 10 – Renda familiar geral e somada de todos os residentes da casa dos participantes

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Com base nas 9 perguntas apresentadas, compreendemos que os 30 sujeitos que participaram da pesquisa têm, de forma ampla, o seguinte perfil: jovens que vivem com os pais e outros parentes, enquanto não possuem filhos; do contrário, saem de casa para constituir família com seus cônjuges. Além disso, vemos ainda que o nível de escolaridade dos pais é baixo, mostrando em alguns casos até a ausência de estudo formal, sobretudo quando avaliamos os dados relativos à figura paterna. E, no que se refere à situação econômica, as respostas nos levam a perceber um contexto de dificuldade financeira, considerando que a maior parte das famílias possui entre 4 e 6 pessoas residindo na mesma casa com menos de um salário-mínimo por mês.

Os jovens egressos acompanhados nesta pesquisa residem na comunidade e foram

estudantes da Escola Estadual de Caburi, uma área localizada do município de Parintins, no Estado do Amazonas. Contudo, apesar de terem semelhanças na idade, no sexo, na raça/cor e na quantidade de pessoas na moradia, é importante salientar que são jovens que apresentam atividades cotidianas particulares e diferentes perspectivas de análise do espaço e de vida – o que reforça a teoria da existência das distintas juventudes.

É pertinente a análise de Carneiro (2005), de que é importante termos em mente a impossibilidade de traçar um perfil da juventude rural brasileira ou de construir um padrão, um tipo ideal, do jovem rural. Assim, também não é possível traçar um perfil da juventude rural amazônica, mas há muitos elementos que potencializam reflexões sobre a juventude numa perspectiva multidimensional, entendida como grupos cambiantes, situados em espaços sociais e temporalidades que lhes atribuem múltiplos significados.

Nesse sentido, o comportamento encontrado no decorrer da pesquisa de campo que aqui trazemos para a discussão são jovens que, em sua maioria, almejam continuar seus estudos e, assim, arrumar empregos com melhor remuneração na cidade, porém associam seu desenvolvimento à estabilidade que encontram nos lugares onde moram. Tais relações serão o foco das discussões do próximo tópico, no qual procuramos compreender as trajetórias de educação e trabalho dos jovens do Distrito do Caburi, no município de Parintins.

Assim, a participação dos sujeitos redonda em preciosa contribuição para a legitimação da pesquisa, visto que a visibilidade dos atores juvenis possibilita análises mais reais acerca das ações e efeitos das políticas públicas direcionadas às comunidades juvenis. Afora a contribuição cidadã para a ampliação e o avanço das reflexões científicas acerca dos temas voltados à juventude, educação e trabalho no campo amazônico.

CAPÍTULO III JUVENTUDES E MARCADORES SOCIAIS DE DESIGUALDADES

O presente capítulo tem como objetivo analisar as juventudes a partir da interseção com os marcadores sociais de desigualdades, com ênfase nas trajetórias de escolarização e trabalho, nas condições de moradia e nas especificidades do contexto amazônico. Parte-se da compreensão de que as juventudes constituem um campo social heterogêneo, cujas experiências são profundamente atravessadas por desigualdades estruturais de classe, gênero e território. Inicialmente, são apresentadas as principais perspectivas teóricas e empíricas sobre as trajetórias escolares e de inserção laboral, destacando os condicionantes sociais que influenciam os percursos e as possibilidades dos sujeitos juvenis. Na sequência, discute-se o local de moradia como um marcador relevante na produção e reprodução das desigualdades sociais, com atenção aos efeitos da territorialização das políticas públicas e às desigualdades no acesso a direitos e oportunidades. Por fim, são discutidas as expressões das desigualdades vividas pelas juventudes no contexto do campo amazônico, onde se entrelaçam elementos de invisibilização, resistência e pertencimento, revelando as especificidades de ser jovem em regiões marcadas por profundas assimetrias sociais e territoriais.

3.1 Perspectivas de estudo de trajetórias de escolarização e trabalho

No Brasil, o forte movimento juvenil da década de 1990 contribuiu significativamente para o surgimento dessa nova concepção da juventude. Nessa década, bastante crítica no processo socioeconômico mundial, observou-se uma crise do Estado de Bem-Estar social nos países desenvolvidos, o que refletiu em índices elevadíssimos de desemprego e precarização das relações de trabalho, inclusive no Brasil. Nesse período, há um acirramento da desigualdade social e uma deterioração das condições de trabalho e de sobrevivência, agravando vários problemas sociais como fome, criminalidade, violência e pobreza (Alencar, 2008).

Instigados pelo cenário das conjunturas recentes que se encarregaram de colocar novos ingredientes aos desafios interpretativos de atentar para o problema da inclusão em geral e dos jovens, Guimarães, Brito e Comin (2020) realizam um estudo sobre dados da Organização Internacional do Trabalho, que incluiu o Brasil num amplo leque de países em estudo. Um levantamento inovador por amostra representativa nacional foi desenhado de modo tal que permitia recompor retrospectivamente até o início dos anos 2000 as trajetórias

no mercado de trabalho dos cerca de 3 mil jovens entrevistados. O estudo analisa esses anos de convergência virtuosa, procurando entender como se combinam expansão econômica e desigualdades sociais, quando as observamos pelo prisma das trajetórias juvenis no mercado de trabalho.

No estudo de Guimarães, Brito e Comin (2020), os autores procuram responder uma indagação principal sobre a ampliação dos direitos da juventude: pode a expansão evitar as desigualdades? Os autores enfatizam que as transições ocupacionais, ao configurarem padrões para as trajetórias individuais, nos deixam entrever o peso de determinantes estruturais da desigualdade, que se expressam no entrecruzamento das múltiplas transições em jogo e no modo como diferentes marcadores sociais (de classe, sexo, raça, idade) as afetam, desigualando os destinos dos jovens, mesmo sob contextos de expansão econômica e de significativa ampliação de direitos. O ano de 2014, primeiro que se segue aos dados analisados, marca uma inflexão importante na dinâmica da economia brasileira, que embarca numa crise cujos desdobramentos nos acompanham até o momento atual.

Em um contexto histórico, as práticas e as expectativas juvenis mudam ao longo do tempo, devido às transformações culturais, demográficas e na organização dos sistemas produtivos. Dubar (2001) afirma, por exemplo, que a inserção profissional dos jovens é um problema “moderno”. Nos países capitalistas centrais, seu surgimento remonta à separação entre a escola e o trabalho, iniciada no século XIX, e à desestruturação dos mercados de trabalho após a crise do modelo fordista, quando a inserção ocupacional dos jovens se tornou um problema público na segunda metade do século XX. Já no Brasil, as mudanças estruturais que definem a condição juvenil assumiram outras feições.

Punch (2002), registra que as transições que caracterizam a juventude assumem maior complexidade diante da carência de oportunidades de trabalho e educação no campo. Além disso, nos territórios rurais, é mais intensa a convivência entre etapas de escolarização básica e inserção laboral. Nesse caminho, Rocha (2008, p. 536) destaca, com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2004 (Pnad), que entre os jovens do campo, “a entrada na escola é mais tardia, há maior coexistência de trabalho e escola em idades baixas”, fenômenos que a autora sugere como possivelmente relacionados aos indicadores de escolaridade. Junto a isso, cabe registrar que o acesso das populações do campo a outros níveis e etapas educacionais ainda é muito desigual e inferior ao registrado entre grupos urbanos.

A inserção no mundo do trabalho ocorre em fases distintas para os indivíduos ao se

considerar o local de residência. Os dados da Pnad para os anos de 2004 e 2014 indicam que os jovens residentes no campo começam a desempenhar atividades laborais em faixa etária menor que os das áreas urbanas. Em adição a tal fenômeno, irrompem características peculiares ao trabalho no campo: predominantemente braçal, submetido a intempéries climáticas, marcado por baixo rendimento e composto por forte grau de informalidade, características que podem colaborar com as condições de exclusão educacional.

Apesar de alguns indicadores apresentarem, nos últimos anos, melhora na qualidade do emprego rural, ainda persistem condições bastante precárias em relação aos ocupados rurais em geral. A elevada informalidade, a inserção intermitente em diferentes etapas do processo produtivo, a segmentação dos trabalhadores, a rotatividade por diferentes culturas, entre outros, acabaram por contribuir muito para acentuar a precarização do trabalho (Dieese, 2014, p. 25).

As proposições do PNE (Plano Nacional de Educação, 2014) irrompem em um contexto no qual se reconhece a “insuficiência de políticas educacionais específicas para o campo como uma das principais causas da desigualdade entre a escolaridade média rural e a urbana” (Brasil, 2014, p. 32). Nesse sentido, a adequação das ações às peculiaridades dos habitantes do campo e à vida nos espaços rurais emerge como requisito para a efetividade das políticas públicas educacionais. Em tal conjuntura, é fundamental analisar as possíveis relações entre trabalho e condições de escolarização dos jovens do campo.

Menezes e Santos (2023) investigam as oportunidades educacionais e de acesso ao trabalho entre os jovens através da análise dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C) no decênio 2012-2022. De acordo com os autores as oportunidades educacionais e de acesso ao trabalho entre os jovens na década de 2010 teve início após um período marcado por crescimento econômico e avanço das políticas sociais não contributivas. Todavia, o período 2012-2022 provocou uma ruptura nesse ciclo positivo, em decorrência dos efeitos combinados da crise econômica de 2014-2016 pela descoordenação federativa e da elevação das desigualdades, que sucederam a evolução incremental das políticas públicas, iniciada no pós-democratização (Abrucio, 2022) e da pandemia de Covid-19 entre 2020 e 2022, cujos efeitos negativos foram sentidos nos níveis de ocupação e nas estatísticas educacionais (Corseuil; Franca; Poloponsky, 2020, Bof ; Moraes, 2023).

No Brasil a continuação dos estudos e a inserção dos jovens no mercado de trabalho apresentam muitos desafios para a juventude. Entre 2003 e 2020, o país registrou sua maior

população com idade entre 15 e 29 anos em números absolutos. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há dois anos eram cerca de 50 milhões os indivíduos nessa faixa etária, o equivalente a um quarto da população nacional. Isso significa a maior força de trabalho da história do país, o que pode representar um futuro promissor para a economia nacional. Por outro lado, o percentual de jovens desempregados também é recorde: 41,88% entre indivíduos de 14 a 17 anos e 26,8% entre os que têm de 18 a 24 anos, em 2021.

O economista Marcelo Neri, da Escola Brasileira de Economia e Finanças da Fundação Getulio Vargas (EPGE-FGV) considera que apesar do pico demográfico, o número de jovens de 15 a 29 anos no Brasil tende a cair significativamente, nos próximos 40 anos, devendo ser reduzido pela metade, até o final deste século. “O país precisa aproveitar o tamanho de sua força de trabalho atual para impulsionar a economia” .(Neri,2021, p2) comentou Neri sobre resultados de pesquisa realizada em 2021 para o Atlas das Juventudes.

Neri (2021), enfatiza que a juventude é uma etapa da vida repleta de desafios, com a saída da escola e, em muitos casos, do ambiente familiar, o autor destaca que a geração atual enfrenta dificuldades extras, sendo uma delas relacionada com a Covid-19. O economista revela que essas complexidades trazem desafios adicionais para os formuladores de políticas públicas do país, que devem considerar a dimensão da população jovem e sua importância estratégica para priorizar ações que fomentem a entrada no mercado de trabalho, seja por meio de empregos ou por atividades empreendedoras.

Corseuil et al (2020), desenvolve estudos sobre a conjuntura do mercado de trabalho. O autor enfatiza que o distanciamento dos jovens do mercado de trabalho constitui desafio central para o futuro do país, com base em edições da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, do IBGE, há 15 anos. Os dados captaram um aumento nas taxas de desemprego juvenil mesmo antes da pandemia, especialmente entre 2015 e 2017. Se no primeiro trimestre de 2013 a proporção de jovens desempregados que buscavam trabalho há pelo menos um ano era de 29,9%, em 2019 eles eram 38,8%. As análises evidenciam que os jovens permanecem por mais tempo retidos nessa situação.

Além disso, Corseuil et al (2020) enfatiza que, entre 2012 e 2018, 53% dos jovens entre 15 e 29 anos ingressaram no mercado de trabalho em ocupações precárias. De acordo com Corseuil et al (2020, p. 03) “Começar a vida profissional no setor informal e vivenciar situações de desemprego são eventos que podem comprometer a trajetória do jovem durante

anos”.

Ao enfatizar que o panorama pode ser abrandado a partir da formulação de políticas específicas à juventude, o também economista do Ipea Miguel Nathan Foguel, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), recorda que um marco foi o estabelecimento da Política Nacional da Juventude, em 2005, que deu origem a programas para aumentar a escolaridade, incentivar a reinserção escolar e o ingresso no mercado de trabalho.

Um reflexo dessas iniciativas, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), foi a redução para 16,3% do percentual de jovens entre 15 e 17 anos fora da escola em 2011. No ano 2000 eles eram 18,9%. Além disso, no mesmo intervalo de tempo, o atendimento à população dessa faixa etária no ensino médio passou de 36,9% para 51,6%, enquanto a taxa de abandono caiu de 18,1% para 10,3%.

Além de fomentar a inserção no mercado de trabalho por meio de iniciativas direcionadas ao mundo corporativo, pesquisas indicam que formações técnicas e profissionalizantes colaboram com a empregabilidade juvenil. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), matrículas integradas à educação profissional aumentaram 31,2% nos últimos cinco anos, passando de 554 mil, em 2017, para 726 mil, em 2021. Naquele mesmo ano, investigação feita com 49,5 mil egressos do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), com idades entre 14 e 24 anos, detectou que 7 em cada 10 ex-alunos de cursos técnicos de nível médio da instituição estavam empregados, não necessariamente em suas áreas de formação. Setores como o automotivo, de refrigeração, mineração, energia, automação e metalmeccânica são os que apresentam níveis mais altos de empregabilidade, segundo o levantamento. O estudo também indica que egressos de cursos técnicos e da graduação tecnológica que atuam em suas áreas têm uma renda mensal 22% maior do que ex-alunos que trabalham em setores distintos daqueles em que se formaram.

Corseuil et al (2020), fazendo alusão ao contexto de desindustrialização que o país vivencia relata que “investir em políticas públicas para ampliar a formação técnica e profissionalizante dos jovens é positivo, porém seus reais impactos dependem do desenvolvimento da estrutura produtiva do Brasil. Caso contrário, eles não serão absorvidos pelo mercado. Assim, as transições ocupacionais dos jovens não apenas tendem a ser mais intensas que as dos adultos, como também com apreendem eventos de ocupação, de desemprego e de inatividade, que se espera sejam tanto menos recorrentes quanto mais se avance em direção à vida (Camarano, 2006).

A teoria da desigualdade social, proposta por diversos sociólogos, como Pierre Bourdieu (2007), destaca como as estruturas sociais produzem e reproduzem desigualdades. Bourdieu (2007), introduz os conceitos de capital econômico, cultural e social para explicar como essas formas de capital influenciam as oportunidades e as trajetórias de vida dos indivíduos. A exclusão social é vista como um resultado da distribuição desigual desses capitais. "A desigualdade social é um produto histórico e cultural que reflete a distribuição desigual de recursos, poder e prestígio dentro de uma sociedade" (Bourdieu, 2007, p. 23).

Pierre Bourdieu (2007), ao discutir a desigualdade social, enfatiza sua natureza histórica e cultural, indicando que as disparidades não surgem de maneira aleatória ou natural, mas são construídas ao longo do tempo através de práticas sociais e relações de poder. Bourdieu sugere que a distribuição desigual de recursos, poder e prestígio é mantida e reproduzida por estruturas sociais que beneficiam certos grupos em detrimento de outros. Esse entendimento é crucial para a formulação de políticas públicas que busquem combater a desigualdade, pois aponta para a necessidade de mudanças estruturais profundas que desfaçam essas relações desiguais de poder e redistribuam recursos de forma mais equitativa.

Assim, Bourdieu (2007) enfatiza que: "O capital cultural, em suas formas institucionalizadas, objetificadas e incorporadas, desempenha um papel fundamental na reprodução das desigualdades sociais" (p. 56).

Nesta citação, Bourdieu (2007), explora o conceito de capital cultural e sua contribuição para a perpetuação das desigualdades sociais. O capital cultural pode ser entendido como os conhecimentos, habilidades, educação e outras vantagens culturais que uma pessoa possui, os quais podem ser utilizados para obter status social e econômico. Bourdieu destaca que esse capital cultural existe em formas institucionalizadas (como diplomas acadêmicos), objetificadas (como bens culturais) e incorporadas (como habilidades e modos de comportamento). A citação sublinha como o acesso desigual ao capital cultural ajuda a reproduzir e manter a desigualdade social, uma vez que os indivíduos de contextos mais privilegiados têm maior acesso a esses recursos, reforçando suas posições de vantagem.

Assim sendo, Bourdieu (2007) fornece uma compreensão profunda de como as desigualdades sociais são formadas e perpetuadas, destacando a importância de abordar tanto os aspectos históricos e culturais quanto os recursos específicos que contribuem para essas desigualdades.

Dessa forma, as trajetórias juvenis são heterogêneas, sobretudo em um país marcado por alta desigualdade socioeconômica e sistemas incipientes de proteção social como o

Brasil (Cardoso, 2013).

É possível supor que o acesso a esse nível de ensino siga sendo um desafio para as trajetórias de uma geração de jovens que cada vez mais tem a expectativa de prosseguir com os estudos após a conclusão da educação básica (Sposito; Souza, 2014). Nesse sentido, apreender como se posicionam num campo universitário heterogêneo e segmentado constitui agenda importante de pesquisa, capaz de evidenciar tanto as possibilidades abertas para essa população quanto às novas facetas das desigualdades educacionais.

Caregnato et al (2019), nos aponta que para tornar a Educação Superior efetivamente democrática, as políticas públicas e institucionais precisam considerar a dimensão da equidade, tratando as desigualdades de modo a desarticular suas raízes e romper seu ciclo de reprodução. A formulação e a implementação dessas políticas seguem demandando estudos que abordem e problematizam as condições de acesso, permanência e sucesso, investigando e subsidiando ações de apoio e promoção que compensem as ausências de capital financeiro e cultural. No contexto da expansão do acesso à educação, cabe ainda pesquisar formas pelas quais essas políticas podem gerar consequências coerentes na vida do indivíduo em sua relação com o mercado de trabalho.

Ribeiro (2011), mostra em seus estudos que a riqueza dos pais e o tipo de escola frequentada antes de cada transição são características que contribuem significativamente para explicar as desigualdades de oportunidades e resultados educacionais. Além disso, o autor revela que motivação para os estudos, ambições educacionais e/ou habilidades cognitivas, estejam influenciando as chances de progressão no sistema educacional.

Além de estudar as desigualdades econômicas (*status* socioeconômico e riqueza), as análises de Ribeiro (2011) permitem observar diversos outros tipos de desigualdade. As variáveis para educação do pai e da mãe são, geralmente, utilizadas para mensurar o efeito do “capital cultural”. Tendo em vista que são usadas em conjunto com outras variáveis mensurando características socioeconômicas, o uso de educação do pai e da mãe como indicadores de “capital cultural” é bastante confiável. O “capital cultural” é o nível de conhecimento e acesso a bens culturais que os pais do respondente tinham. Este tipo de capital é extremamente importante no sistema educacional, uma vez que pais que tenham passado pelo sistema podem transmitir a seus filhos o conhecimento e a forma de comportamentos adequados para se obter sucesso no processo de escolarização.

Contribuindo com as discussões sobre desigualdades de oportunidades e resultados educacionais, Ribeiro (2011) apresenta duas variáveis para mensurar as características da

estrutura familiar que também pode contribuir para o sucesso dos indivíduos no sistema educacional. A primeira é o tipo de família ou estrutura familiar: monoparental (0) ou com os dois pais (1). No Brasil, há uma enorme quantidade de domicílios em que o pai não está presente. Nestes casos, há menos recursos em termos de adultos presentes para gerar renda ou cuidar das crianças, o que pode constituir uma desvantagem. A segunda característica é o “número de irmãos”. Famílias muito grandes encontram mais dificuldades para dividir os recursos entre os filhos, o que também pode se constituir em uma desvantagem.

Em suma, compreender as juventudes brasileiras requer uma análise atenta dos marcadores sociais de desigualdade. Somente por meio de políticas inclusivas e sensíveis às diversidades será possível promover uma sociedade mais justa e equitativa para todos os jovens.

3.2 O local de moradia como marcador social de desigualdade

Ao considerarmos a desigualdade educacional enquanto uma face das desigualdades sociais, é possível compreender o local de moradia como marcador social, na medida em que a experiência contemporânea dá provas de que a escola não tem chegado com a mesma força nos diferentes contextos e territórios e aos diferentes sujeitos. Contraditoriamente, a mesma sociedade que propaga slogans como “lugar de criança é na escola”, não consegue garantir que esta escola moderna, presencial, formal e institucionalizada se firme com iguais garantias de direitos aos sujeitos dos diferentes territórios (Hofling, 2001).

A este respeito, destaca-se o fato de a Comunidade de Caburi possuir apenas uma escola estadual que contempla a oferta do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (Regular e por Mediação Tecnológica), além da modalidade de EJA (Educação de Jovens e Adultos). De acordo com Rodrigues (2005), em Caburi, após o término do Ensino Médio, não é possível a continuação dos estudos na localidade em virtude da indisponibilidade de instituições superiores.

Segundo Hofling (2001) as políticas públicas são “ações que determinam o padrão de proteção social implementado pelo Estado, voltadas, em princípio, para a redistribuição dos benefícios sociais visando a diminuição das desigualdades estruturais produzidas pelo desenvolvimento socioeconômico”. As políticas públicas, são geradas com o intuito de amenizar problemáticas que se manifestam no seio da sociedade, e são essenciais para garantir à emancipação social e política em detrimento de grupos sociais que sofrem as

desigualdades sociais, à má distribuição de renda no Brasil, dentre outras questões que impedem à garantia de vida digna para esses cidadãos. Vale ressaltar que as comunidades ribeirinhas, não estão isentas dos impactos que as desigualdades sociais geram, pelo contrário, o silenciamento proposital causado pelo Estado é apenas uma abertura para uma série de expressões da questão social, a expropriação de direitos, exploração de suas terras, rios e florestas é a base para o mercado capitalista.

Um estudo mundial realizado em 2021 pelo World Inequality Lab mostrou que, apesar de 30 anos do início da globalização, as desigualdades ainda permanecem muito grandes, demonstrando que o Brasil é um dos países com maior desigualdade social e de renda do mundo: os 10% mais ricos do país ganham quase 59% da renda nacional e total, enquanto os 50% mais pobres ganham 29 vezes menos do que os 10% mais ricos (Magro, 2023).

Nesse cenário, a desigualdade contribui para a baixa mobilidade social, dificultando a ascensão dos mais pobres, impondo obstáculos e diversos impedimentos para que a população jovem veja sua condição ser transformada e o país cresça.

As condições em que são vividos esses eventos de transição e a qualidade dos recursos disponíveis definem, em grande medida, o tipo de inclusão social que o jovem poderá obter. Pode-se dizer que a juventude se dá por tempos e modos distintos, na medida em que essa transição pode ser mais curta ou mais prolongada, dada a conformação social e econômica na qual o jovem está inserido. A pobreza implica a privação não apenas dos recursos para subsistência, mas também, e sobretudo, a limitação da autonomia para a tomada de decisão sobre os recursos materiais e sociais disponíveis para sua inserção na vida adulta (Carvalho, 2019).

Assim, a garantia e a ampliação dos direitos civis, políticos e sociais dos jovens são, portanto, as prioridades das ações das políticas públicas no país. À medida que se observa que uma parcela significativa da população jovem se vê privada de um ou mais direitos, é necessário compreender as condições de vida desta população e estabelecer ações de atuação imediata, com medidas diretas; e as de médio e longo prazo, devem ser implementadas para que se vá além de ações emergenciais e se garanta o acesso a estes direitos de modo permanente e estruturado

A pobreza e a exclusão social dela decorrente são as principais razões pelas quais a juventude brasileira não vive plenamente sua cidadania, e um desses fatores é a qualidade de sua inserção no mercado de trabalho (Carvalho, 2019).

Ao menos seis em cada dez jovens que concluem o ensino médio não continuam a estudar, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Educação 2019, divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Dos 13,8 milhões de jovens entre 15 e 29 anos que já têm ao menos o ensino médio completo, mas não prosseguiram com os estudos no ensino superior, 44,4% deles argumentam que precisavam trabalhar, e outros e outros 17,5% alegaram falta de recursos. Pela renda dos egressos esse pode ser um dos motivos da falta de dinheiro é presente principalmente entre essas pessoas que estariam aptas a cursar o ensino superior na comunidade de Caburi.

Mais de 60% dos jovens que concluem o ensino médio não continuam a estudar, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2019), divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Essa realidade é preocupante, pois a educação é fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens. A maioria desses jovens vem de famílias com renda per capita de até 1 salário-mínimo. Assim, políticas públicas e iniciativas intersetoriais são urgentes para garantir educação de qualidade e preparo para o mundo do trabalho para as juventudes.

Atualmente o grande desafio dos jovens do campo amazônico que terminam o ensino médio é a continuação dos estudos e o ingresso no mercado de trabalho. As ofertas de emprego no município de Parintins de acordo com Reis (2014), são poucas e a concorrência é grande. Assim, a inserção está cada dia mais disputada e exigindo muitas vezes um currículo com prática e experiência.

A continuidade dos estudos põem em destaque uma realidade que traz a marca histórica das desigualdades sócio/educacionais, por se tratar de jovens que muitas vezes são poucos da família que conseguem acessar o ensino superior e que, portanto, os que acessam rompem com os condicionantes materiais, históricos, sociais e geográficos. São jovens do campo não só porque moram nos espaços rurais, mas especialmente porque são filhos/as de pequenos agricultores, que incorporam o trabalho agrícola e precisam muitas vezes conciliar trabalho e estudo para ter acesso e permanecer na universidade. São, pois, jovens que assumem papéis diferentes dos jovens pertencentes a outras categorias sociais que vivenciam.

A educação e o trabalho em comunidades ribeirinhas no Brasil são temas de grande relevância, devido aos desafios únicos e às oportunidades significativas que essas áreas apresentam. Situadas às margens de rios e fortemente dependentes dos recursos naturais, essas comunidades enfrentam barreiras estruturais que impactam profundamente o acesso à

educação de qualidade e à inserção no mercado de trabalho. A falta de infraestrutura, a distância dos centros urbanos e a carência de políticas públicas específicas agravam essas dificuldades. Contudo, essas comunidades possuem um potencial intrínseco e uma rica herança cultural que, se devidamente valorizadas, podem transformar os desafios em oportunidades.

Cabe ressaltar que a conceituação de vida adulta é perpassada por questões socioeconômicas. Se, por um lado, observa-se que os jovens de estratos mais abastados possuem condições de se desvincular das suas famílias e constituir a sua própria, adquirindo responsabilidades e autonomia, inclusive financeira, para os jovens das classes pauperizadas essa conceituação de vida adulta não é verdade. Nestes espaços, é comum a constituição de novas famílias sem que se ocupe um novo domicílio, devido às condições precárias de sobrevivência, o que acaba gerando um adensamento demográfico tanto dentro do lar como na comunidade em geral e trazendo implicações diretas na convivência familiar e comunitária (Souza; Paiva, 2012).

Monteiro, (2013) enfatiza que compreender as experiências de jovens deve ser um processo de conexão entre a descrição de suas condições materiais de vida, dos aspectos socioespaciais do seu local de moradia, e a análise das suas condições de privação econômica, social, cultural, simbólica e política. É atinar que essas experiências se constroem dentro de um campo de disputas na nossa sociedade, cuja transformação não se dá no âmbito da individualidade dos sujeitos, depositando nela a responsabilização por uma estrutura social desigual.

Assim, o apego do jovem às relações pessoais e ao seu espaço de origem também possibilitam essa permanência na comunidade. Assim, para Certeau (2009), o lugar ganha não só significação, como se revela resultante de uma absoluta determinação, ou seja, da necessidade da adoção de formas de viver, de morar e se de relacionar com o ambiente, nem sempre escolhido, ou de escolhas que se dão a partir de uma gama reduzida de possibilidades. Trata-se de um conjunto de determinações que desenham a desigualdade para além da possibilidade de escolha consciente desses sujeitos.

3.3 Juventudes e expressões das desigualdades no contexto do campo amazônico

A região amazônica, marcada por sua vastidão territorial e riquezas naturais, também carrega consigo profundas desigualdades socioeconômicas, que impactam diretamente a

vida das juventudes do campo. O acesso limitado a serviços essenciais como educação, saúde, transporte e cultura, associado às dinâmicas do modelo econômico extrativista e agronegocial, impõe desafios significativos para a permanência e o protagonismo juvenil nas comunidades rurais da Amazônia (Castro; Nascimento, 2018).

A juventude rural amazônica vivencia um processo contínuo de exclusão histórica, que se reflete na precariedade da infraestrutura educacional. Muitos jovens enfrentam dificuldades para concluir o ensino básico e, ainda mais, para ingressar no ensino superior, dado o afastamento geográfico das universidades e a escassez de políticas de interiorização do ensino. Projetos como o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) e as iniciativas das universidades federais, como a Universidade Federal do Pará (UFPA) e a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), têm buscado minimizar essas barreiras, promovendo a formação acadêmica de jovens do campo (Witkoski; Costa, 2020).

No que tange ao trabalho, a juventude amazônica do campo enfrenta dilemas relacionados ao emprego formal e à sustentabilidade dos modos de vida tradicionais. A expansão do agronegócio e das grandes empresas de mineração tem pressionado territórios e alterado relações de produção e trabalho. Enquanto isso, os sistemas agroecológicos e as redes de produção familiar, fundamentais para a segurança alimentar e a preservação dos saberes tradicionais, ainda carecem de incentivos estruturais e políticas públicas efetivas (Schmitz; Freitas, 2019). Dados do IBGE (2021) apontam que a informalidade no mercado de trabalho juvenil na Amazônia Legal atinge patamares superiores a 60%, evidenciando a precariedade das oportunidades e a necessidade de programas de qualificação adaptados às realidades locais.

Outro fator que intensifica as desigualdades é a limitação do acesso às políticas públicas voltadas à juventude. Em diversas comunidades ribeirinhas e rurais, a ausência de equipamentos culturais e espaços de lazer restringe as possibilidades de expressão e socialização dos jovens, contribuindo para processos migratórios forçados em busca de melhores condições de vida nos centros urbanos. No entanto, essa migração nem sempre resulta em melhorias, pois muitos jovens acabam em situações de vulnerabilidade nos grandes centros (Comissão Pastoral Da Terra, 2023).

Mesmo diante dessas dificuldades, os jovens amazônicos têm desempenhado papel fundamental na luta por direitos e reconhecimento. Movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e coletivos de juventudes ribeirinhas e quilombolas têm promovido resistências e alternativas, fortalecendo

a identidade, a cultura e as formas de organização social da região.

Para superar as desigualdades enfrentadas pela juventude no campo amazônico, é essencial investir em políticas de educação contextualizada, infraestrutura básica, fortalecimento da agricultura familiar e criação de espaços de participação juvenil. O reconhecimento da pluralidade das juventudes amazônicas e a valorização de seus saberes e práticas são fundamentais para a construção de um futuro mais justo e sustentável para a região.

Nessa direção, a organização dos sistemas de ensino no Brasil está regulamentada de tal modo que, uma vez garantidas as diretrizes nacionais comuns e obrigatórias, permite uma heterogeneidade nas formas de organização e gestão observadas nos diferentes estados e municípios. Reconhecendo as assimetrias econômicas entre os diferentes entes federados, ficam definidas em lei, formas de cooperação e complementação entre as esferas para garantia do direito à educação em todo o território nacional.

Ainda assim, desigualdades regionais mais amplas se refletem em desigualdades educacionais (Castro, 2000; Rigotti, 2001). Se cumprida fosse a lógica de uma perspectiva nacional de distribuição de recursos, os estados e municípios mais pobres deveriam justamente ser aqueles mais apoiados para elevarem o nível educacional de suas populações e alcançarem os patamares das áreas com melhor desempenho (Beltrão, Camarano & Kanso, 2002).

Segundo os dados da PNAD 2009, metade dos jovens não possuem os requisitos educacionais formais para ingressar no ensino superior. Em números absolutos, são mais de 10 milhões de jovens. Temos outros 33% do total de jovens nessa faixa etária que concluíram o ensino médio, mas não ingressaram no ensino superior. E, finalmente, apenas 19% tiveram acesso ao ensino superior. Em números absolutos, são 7,5 milhões de jovens que concluíram o ensino médio como o mais alto grau de escolaridade e outros 4,4 milhões que ingressaram no ensino superior.

Estudiosos concordam que, nos últimos 15 anos, alterações importantes foram observadas no que se refere à ampliação do acesso à escola, sobretudo no ensino superior, potencializada pelas ações afirmativas tanto no ensino público, quanto no privado, diante de algumas políticas como o PROUNI e o FIES (Almeida, 2014). Por outro lado, reconhece-se o rejuvenescimento da população (Sposito; Souza, 2014), que frequenta o ensino médio e seu afastamento do mundo do trabalho, propiciado pelo aumento do emprego e da renda familiar. Outras mudanças poderão ser observadas tanto na nupcialidade como na

constituição de prole nos segmentos jovens, mas recobrando também os estilos de vida, hábitos de lazer e de consumo (Menezes Filho, 2015).

O processo educacional, de acordo com a orientação normativa do Estado, deveria agir como fator de coesão e mobilidade no interior de um sistema coerente, a fim de promover ascensão social. Carlos Roberto Jamil Cury (2008, p. 1189) pondera que o “[...] conceito de sistema único de educação ou mesmo o de sistema unificado de educação tem como desafio maior o horizonte da igualdade, cujo motor maior não se radica na escola, mas no próprio sistema social”. Coerente com esse princípio, seria importante que a terminalidade dos estudos, seja no nível médio, seja no superior, possa proporcionar as condições de equidade na etapa de inserção dos indivíduos no mundo do trabalho.

Pedro Abrantes (2005), analisa a transição escolar e mostra que quanto maior a progressão no sistema de ensino, mais os valores de especialização e de diferenciação ganham força. Nesse sentido, há maiores chances de que as transições entre anos de estudos, entre etapas e exames sejam marcadas por momentos de crise íntima ou pessoal e de desigualdade social.

É preciso admitir, no entanto, que o breve intervalo de crescimento foi sucedido por uma crise econômica e política sem precedentes no Brasil, sobretudo a partir de 2013 (Fleury, 2013). Se a profundidade da reversão de algumas conquistas adquiridas ainda não está clara, é preciso considerar que os segmentos jovens serão parte importante a sofrer os efeitos dessas conjunturas adversas. Diante da inconsistência posicional que afeta grande parte da sociedade (Araújo; Martuccelli, 2011), ampliada nos momentos de crise econômico-política e traduzida no temor da perda de posições recentemente conquistadas, não é razoável supor que as mudanças observadas significarão, necessariamente, retorno aos patamares anteriores.

Para Araújo (2017), alterações no acesso ao sistema de ensino não serão revertidas totalmente, apesar das profundas desigualdades a serem observadas no mundo do trabalho e das ocupações. A produção de novas expectativas de consumo, as mudanças nas relações de gênero, a busca pelo reconhecimento das identidades étnico-raciais e das orientações afetivo-sexuais, o incremento de formas mais igualitárias nas interações sociais no espaço público, de modo a estabelecer a aceitação das diferenças, não serão eliminados facilmente e poderão ser traduzidos em novas demandas e conflitos sociais.

Os principais indicadores sociodemográficos apresentados pelas pesquisas oficiais referentes a jovens relacionam-se a índices como educação, trabalho, saúde, violência, dentre

outros. As informações apresentadas a seguir, referem-se, em sua maioria, à população na faixa etária de 15 a 24 anos, visto que os relatórios apresentados utilizam essa faixa etária como referência para a população juvenil.

Em um período em que as desigualdades econômicas e sociais estão cada vez mais acirradas, a sociedade está vivenciando um processo de individualização que se intensifica à medida que o capitalismo impõe a cultura da “liberdade individual” e da meritocracia. Nesse sentido, observa-se, mais intensamente a partir do século XXI, que a velocidade da modernização econômica e a ênfase no imediatismo têm gerado um novo conteúdo para a representação social da experiência de “ser jovem”. A indústria cultural está cada vez mais dirigida às novas gerações: ora à infância, impondo papéis que antes se restringiam à adultez, ora à juventude, tida como uma geração que consegue acompanhar a modernidade e que convive com a incessante nostalgia dos adultos, que são alvo da promessa do rejuvenescimento (Ribeiro & Lourenço, 2003). Sobre esse aspecto, Ribeiro (2004) aponta que a juventude contemporânea constitui certo ideal social que talvez nunca termine, visto que cada vez mais a sociedade está marcada por valores associados à mocidade, como a ideia de liberdade pessoal. Para Fraga e Iulianelli (2003, p. 9),

Os valores da juventude passaram a ser os mais desejados pelos indivíduos, projetando o tema da juventude sobre todas as faixas etárias. Os jovens participam de forma dúbia da cultura de massa: integram-se a ela, mas consomem determinados produtos em função dos quais lhes possa ser atribuída uma singularidade. Os jovens, contudo, somente são convidados ao consumo em torno de um modelo.

Diante disso, tem-se um processo de alargamento da etapa da juventude, pelo menos no que se refere ao ideal vislumbrado pela sociedade contemporânea. No entanto, como bem aponta Quiroga (2005) ao distinguir entre jovens e juventude, os primeiros constituem um segmento populacional, enquanto a última trata-se de uma condição social, que não é passível de homogeneização. Ao se construir uma concepção da juventude de forma tão idealizada incorre-se no risco de cair no vazio da discussão construída historicamente acerca das peculiaridades dessa população, tanto no que diz respeito às suas especificidades comparadas às outras faixas etárias, como com relação às distinções existentes entre as próprias formas diferenciadas de juventude.

Desta forma, conforme aponta Ribeiro (2011), constitui-se uma noção objetivada e naturalizada do jovem, que diverge daquela ideia de jovem dotado de aspectos sociais e experiências históricas cuja ação é voltada para o futuro.

As consequências da consolidação desse ideal da juventude apresentam-se nas exigências impostas aos jovens para sua adequação às mudanças da sociedade atual, que criam vários obstáculos à sua projeção da vida. A abstração da categoria juventude dá margem à manipulação da experiência subjetiva desse jovem, dificultando o seu processo identitário e contribuindo para uma crise, uma vez que, ao mesmo tempo em que ele faz parte de uma concepção voltada para os ideais de autonomia, liberdade e vigor, trata-se de um sujeito muitas vezes ameaçado e limitado, exposto a realidades claramente afastadas das suas condições particulares.

Dessa forma, a análise das juventudes a partir dos marcadores sociais de desigualdades permite compreender a complexidade das experiências juvenis e as múltiplas formas de opressão e resistência. Uma abordagem interseccional revela que as desigualdades não atuam isoladamente, mas se sobrepõem, moldando as trajetórias juvenis de maneira singular. Assim, é fundamental o desenvolvimento de políticas públicas que reconheçam essas diversidades e busquem promover equidade e justiça social para as juventudes em suas múltiplas expressões.

CAPÍTULO 4 PERSPECTIVAS DE FUTURO E ESTRATÉGIAS DOS JOVENS DE CABURI/AM PARA CONTINUIDADE DA ESCOLARIZAÇÃO E INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

O quarto capítulo pretende aprofundar o debate acerca da perspectivas de futuro e estratégias dos jovens de Caburi/Am para continuidade da escolarização e inserção no mundo do trabalho, ao discutir os dados da pesquisa de campo, de maneira a abranger as políticas laborais e de acesso à universidade para juventude após o Ensino médio em comunidades rurais.

Os dados do questionário, os relatos dos jovens egressos descritos no diário de campo e nas observações in lócus apontam quatro fatores que se colocam como essenciais no debate de como se configuram as trajetórias escolares e de inserção de jovens recém egressos do ensino médio e permanecem residindo em Caburi, considerando o contexto econômico e educacional em que estão inseridos e as perspectivas e estratégias individuais: 1) O caráter afetivo e intimista de fatores que influenciam a decisão dos jovens para um horizonte no curso superior e no mercado de trabalho 2) Dificuldades específicas da Comunidade de Caburi que se tornam entraves para o acesso ao nível superior 3) Perspectivas dos jovens de Caburi na continuidade dos estudos após o término do Ensino Médio e no campo do trabalho. Esses três elementos são explorados ao longo deste capítulo.

4.1 O caráter afetivo e intimista de fatores que influenciam a decisão dos jovens para um horizonte no curso superior e no mercado de trabalho

A decisão pela continuidade dos estudos em nível superior é um processo complexo que envolve múltiplos fatores, sendo a formação familiar e intimista um dos elementos centrais. No contexto de Caburi, uma localidade marcada por especificidades culturais e socioeconômicas, o papel da família se destaca como um agente influenciador direto nas escolhas educacionais dos jovens.

Nesse direcionamento, os dados do diário de campo revelam que os jovens possuem experiências comuns de vivência no campo em que cada um apresenta uma maneira particular de ver o processo de expectativas de mudança e a construção de suas vidas como membros de uma comunidade. Nesse sentido, podemos sim afirmar que os jovens de Caburi estão se sentindo identificados como parte de uma comunidade, e fazem referência a essa identidade. As conversas com os jovens egressos extraídas do diário de campo, demonstram essa referência quando os jovens falam que

Gosto de ficar perto dos meus pais, do convívio familiar e tenho uma namorada que gosta muito. (JEM AD, 2023)

Não tenho planos em continuar meus estudos pois já tenho uma filha para criar e sou acostumada com a vida simples da comunidade. Gosto de jogar bola, de ir às festas e em Parintins não ia poder estudar com minha filha. (JEM CO, 2023)

Gosto do que faço: de cuidar dos gados na fazenda onde meu pai trabalha. Depois que terminei o ensino médio, comecei a ajudar meu pai na criação de gado e isso tirou o foco de continuar meu estudo. Mas faço um trabalho que gosto e não pretendo ingressar no mercado de trabalho formal, porque me sinto feliz na pecuária(JEM RAF,2023)

Nas falas percebemos esse caráter afetivo e intimista dos jovens e que a família é considerada o primeiro grupo social de referência para o indivíduo, sendo responsável não apenas pela formação de valores e crenças, mas também pelo suporte emocional e material (Bourdieu, 1983). O conceito de capital cultural, desenvolvido por Pierre Bourdieu, é fundamental para compreender como o ambiente familiar pode favorecer ou limitar o acesso ao ensino superior. Esse capital cultural se manifesta em três formas: incorporado (valores e hábitos adquiridos), objetivado (bens culturais) e institucionalizado (títulos acadêmicos). Assim, Dayrell, 2016, p. 26 enfatiza ainda que

A família é uma das instituições mais afetadas pelas mudanças contemporâneas, seja no mundo do trabalho, da cultura ou das relações sociais. Apesar disso, continua sendo uma instituição de referência na vida dos jovens, considerada como a mais significativa. Por ser um espaço de afeto e de relações necessárias à socialização dos indivíduos, observamos que há uma ideia consolidada em nossa sociedade da família como responsável única por aquilo que se passa na vida dos jovens, especialmente seus “descaminhos”.

Assim, a vivência juvenil hoje é uma condição existente para todos os segmentos sociais. Alguns desses jovens são obrigados a assumir responsabilidades de adultos sem que possuam maturidade e experiências para tanto, a fase de transição para a vida adulta passa pela experimentação de erros e acertos nos quais se fundam as experiências que serão necessárias para uma boa estruturação dos anos seguintes de suas vidas (Andrade, 2008).

As descrições dos jovens denominados JEM AL e JEM CA demonstram a afetividade como determinante para não continuar os estudos.

Ficou tudo complicado, acabei engravidando e não pretendo entrar na faculdade, porque como vou deixar minha filha pequena, sem moradia em Parintins? Aqui é difícil não termos acesso ao Ensino Superior. Prometeram uma faculdade rural, mas acho que vai ficar no papel mesmo. Triste, mas essa é realidade (JEM CA, 2023)

Vou ajudar no que for preciso para ver meus filhos estudando, eu não tenho como

continuar estudar, vou abrir mão para dar oportunidade para eles (JEM AL, 2023)

Percebemos nos relatos dos jovens egressos tanto gênero masculino quanto feminino que, por ter formado uma família, impossibilitou a continuidade dos estudos. Percebemos que a formação familiar na juventude pode representar um desafio significativo para os jovens que desejam continuar seus estudos após o Ensino Médio. Essa situação pode afetar não apenas a vida acadêmica, mas também o desenvolvimento pessoal e as perspectivas futuras.

A maternidade ou paternidade pode exigir que os jovens assumam responsabilidades adicionais, como cuidar do bebê, o que pode dificultar a continuidade dos estudos. A afetividade desempenha um papel central na formação da identidade e na construção dos projetos de vida dos jovens de Caburi. Esses vínculos emocionais e sociais estabelecidos com a comunidade local influenciam diretamente as decisões relacionadas à continuidade dos estudos. Para muitos jovens que vivem às margens dos rios, o sentimento de pertencimento à comunidade, as responsabilidades familiares e a valorização das tradições locais acabam se sobrepondo à perspectiva de buscar educação formal fora de sua região.

As comunidades ribeirinhas possuem uma dinâmica própria, onde as relações interpessoais são fortalecidas pela cooperação mútua e pela convivência próxima. Esse ambiente afetivo proporciona um senso de segurança e identidade cultural que, muitas vezes, é difícil de manter quando o jovem precisa se deslocar para centros urbanos em busca do Ensino superior, como os jovens de Caburi. A distância física da comunidade implica, não raramente, no rompimento de laços emocionais e no enfrentamento de desafios culturais e sociais nos novos ambientes escolares, o que pode desencorajar a permanência nos estudos.

Além disso, a afetividade está ligada ao sentimento de responsabilidade dos jovens em relação às necessidades da família. Em muitos casos, eles desempenham papéis fundamentais na manutenção da economia familiar, seja na pesca, na agricultura ou em outras atividades tradicionais. Essa contribuição prática, valorizada e reconhecida pela comunidade, pode ser vista como mais imediata e relevante do que um percurso educacional cujo retorno é incerto e a longo prazo.

Cabe ressaltar que o caráter intimista na juventude pode apresentar desafios significativos para a continuidade dos estudos após o Ensino Médio. No entanto, acredita-se que com o apoio adequado, os jovens mães ou pais podem superar esses obstáculos e alcançar seus objetivos acadêmicos. É fundamental que as instituições educacionais, as comunidades e as famílias trabalhem juntas para fornecer o apoio necessário e garantir que

essas jovens tenham a oportunidade de realizar seu potencial.

Nessa direção, as falas dos jovens deixam transparecer que a formação familiar tem um impacto significativo na decisão em relação à busca por um curso superior. Os valores, o apoio emocional, os modelos de referência, o acesso a recursos e a cultura familiar são fatores que podem influenciar essa escolha. É importante que as famílias, as comunidades e as instituições de ensino trabalhem juntas para criar um ambiente que incentive e apoie os jovens do campo a perseguir suas aspirações acadêmicas.

Visualizamos ainda nas conversas em campo, as expressões de cansaço e os olhares deixavam transparecer as dificuldades financeiras e estruturais. O jovem **JEM AL** mora em uma casa simples coberta de palha, tudo bem organizado, mas também ao falar dos filhos o jovem conversava sorrindo. O jovem comentou que fazia de tudo para ver a família dele feliz e que gostava de estar na comunidade pela convivência familiar e social.

Em conversa durante a pesquisa de campo, a jovem **JEM KE** relatou memórias positivas de quanto estava na escola, como o momento da merenda, destacando também que durante o ensino médio não pensava que ali terminaria seus estudos. Não ligava muito para essas coisas (palavra da jovem). As coisas que se referia eram de ‘educação e trabalho’, no entendimento que não se preocupava muito em continuar os estudos. Ela disse que namorava um rapaz da sua sala e ao término do ensino médio engravidou e sua mãe disse que ali tinha encerrado para ela a esperança de ser alguém na vida. Então agora ela cuida dos filhos e da casa e não tem tempo para pensar em estudar ou trabalhar.

Na descrição da jovem, observa-se que os arranjos familiares podem influenciar de forma significativa diversas esferas da vida, incluindo as escolhas educacionais e profissionais. A intensidade da relação conjugal e as expectativas associadas ao papel da mulher ou do homem dentro do casamento podem atuar como determinantes para a interrupção dos estudos.

Sob a perspectiva sociológica, Pierre Bourdieu (1986) argumenta que o capital social, constituído pelas redes de relacionamentos e vínculos afetivos, influencia o acesso a recursos educacionais e oportunidades profissionais. As escolhas individuais são, portanto, condicionadas pelas relações sociais que oferecem apoio emocional, informações e referências culturais.

Ressalta-se que quando o casamento ocorre em idade jovem, a fase de construção da vida a dois pode demandar um investimento emocional considerável. A busca por harmonia no relacionamento, o desejo de atender às necessidades emocionais do parceiro e a adaptação

às novas responsabilidades domésticas podem levar a mulher ou o homem a priorizar a relação conjugal em detrimento de sua formação acadêmica. A afetividade, nesse contexto, torna-se um elo que, ao mesmo tempo em que fortalece o vínculo do casal, pode restringir as oportunidades de desenvolvimento pessoal e educacional de ambos.

Além disso, fatores culturais e sociais frequentemente associam o papel da esposa ao cuidado do lar e ao suporte emocional do marido. Em alguns casos, o próprio parceiro pode, consciente ou inconscientemente, influenciar a decisão da mulher jovem de interromper seus estudos, seja por meio de expectativas relacionadas ao tempo dedicado ao relacionamento, seja por inseguranças em relação ao crescimento profissional da esposa. A afetividade, portanto, pode ser usada como argumento para justificar a renúncia à continuidade educacional, com a ideia de que a dedicação ao casamento deve ser prioridade.

Outro aspecto relevante percebido nas conversas é o emocional. A jovem sente-se dividida entre o desejo de avançar academicamente e a necessidade de manter o equilíbrio afetivo na relação intimista. Esse dilema pode gerar sentimento de culpa, principalmente se houver a crença de que a busca por realizações pessoais possa prejudicar a relação. Assim, a decisão de interromper os estudos pode surgir como uma forma de preservar a harmonia conjugal e atender às expectativas afetivas do relacionamento.

Destaca-se ainda que, a afetividade entre marido e mulher jovem, embora fundamental para a construção de uma relação saudável, pode também funcionar como um fator limitante quando as demandas emocionais do casamento se sobrepõem aos projetos individuais. É essencial que o casal reconheça a importância da educação como um direito e uma ferramenta de empoderamento, e que busquem, juntos, formas de equilibrar o crescimento pessoal e acadêmico com o fortalecimento da relação afetiva.

Concordamos com Mayorga et al (2009), que as trajetórias das mulheres jovens como aquelas em maior proporção nas estatísticas representa, em grande medida, naturalizar as trajetórias construídas pelas jovens, como as de abandonar os estudos e o trabalho por conta de uma gravidez, para cuidar de seus filhos ou pessoas próximas ou para fazer trabalhos domésticos. O abandono da escola e do trabalho por parte das jovens para se dedicarem à vida privada parece não incomodar e causar espanto, pois tais trajetórias são percebidas como próprias de uma suposta natureza da mulher.

É importante destacar que inserir propostas focadas na ocupação do tempo livre dos jovens pobres pela via do trabalho e da educação fazem parte da história desse grupo na nossa sociedade (Sposito; Silva; Souza, 2006), mostram o processo de naturalização do

governo da juventude pobre via trabalho e educação. Trabalho e educação vão ser pensados, também, como projetos para esses/as jovens, mas não na lógica da condução a um modo funcionalista de desempenhar os papéis, mas sim como direito, para que as virtualidades positivas e os privilégios de classe, gênero e raça se reproduzam e se mantenham inalterados. (Sposito; Silva; Souza, 2006).

Nesse contexto, a decisão de ingressar no ensino superior é um momento crucial na vida de qualquer jovem, mas, para aqueles que vivem no meio rural, essa escolha é frequentemente influenciada por fatores afetivos e familiares. O apego à família, a identidade com a comunidade e as expectativas dos pais desempenham um papel fundamental na definição dos horizontes acadêmicos desses jovens.

Os jovens de Caburi crescem em um ambiente onde os laços familiares são fortes e o trabalho na propriedade agrícola ou em atividades relacionadas ao campo faz parte do cotidiano. Esse vínculo emocional muitas vezes, gera o desejo de permanecer e contribuir para a continuidade das atividades familiares, quanto o desafio de se afastar para buscar uma formação superior em áreas diversas. Dessa forma, a decisão de cursar uma graduação pode envolver um dilema entre o desejo de crescimento profissional e a responsabilidade com a família e a comunidade.

O caráter afetivo também se manifesta no sentimento de pertencimento ao meio rural e as relações familiares e emocionais influenciam a trajetória acadêmica, tornando o processo de escolha mais complexo e carregado de significado. Dessa forma, é essencial que políticas educacionais e institucionais ofereçam suporte aos jovens de Caburi, garantindo acesso a cursos superiores compatíveis com suas realidades e incentivando a valorização do conhecimento no campo. Programas de incentivo, como ensino a distância, bolsas de estudo e infraestrutura adequada, podem ajudar a equilibrar o desejo de formação acadêmica com a manutenção dos laços familiares e culturais.

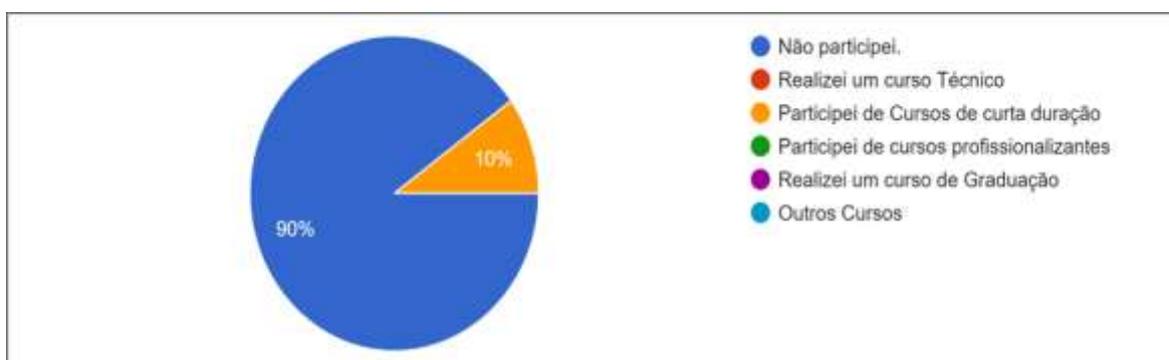
Destarte, a escolha do ensino superior pelos jovens de Caburi, portanto, não é apenas uma decisão individual, mas um reflexo do contexto familiar e afetivo em que estão inseridos. Seja para permanecer no campo ou buscar novas oportunidades, o apoio da família e a conexão com suas raízes desempenham um papel determinante em suas trajetórias acadêmicas e profissionais.

4.2 “Lá se vai minha vontade de estudar”: Dificuldades específicas da Comunidade de Caburi que se tornam entraves para o acesso ao nível superior

O acesso ao ensino superior no Brasil é um desafio para muitas comunidades, especialmente para aquelas localizadas em regiões remotas. A Comunidade de Caburi, situada em uma região de difícil acesso, enfrenta diversas barreiras que dificultam a continuidade dos estudos de seus habitantes em níveis superiores.

No que tange às respostas relacionadas à trajetória de formação, verificamos inicialmente que todos os participantes cursaram o ensino médio tradicional (pergunta n.º 10). Todavia, quando perguntados sobre a realização de algum curso de formação, posterior ao ensino médio, 90% deles responderam que não, conforme demonstra o Gráfico 11:

Gráfico 11 – Curso de formação feito pelos participantes após o ensino médio



Fonte: Dados da pesquisa, 2023).

Os resultados indicam que a maioria dos jovens não ingressou em cursos de formação, isso pode ser explicado pela falta de incentivo educacional e barreiras socioeconômicas e geográficas.

Em Caburi, a distância geográfica torna o acesso à educação superior um desafio constante relacionado à trajetória de formação dos jovens, fazendo com que o percentual maior dos jovens pela não realização de curso de formação feito pelos participantes após o ensino médio. Dessa maneira,

[... muitos não têm acesso a universidade onde moram e os pais não têm condições de arcar com as despesas para os estudos fora do local onde vivem; em alguns casos, o ensino que lhe foi disponibilizado possui déficits que impedem a sua aprovação e isso dificulta bastante a realização desses projetos; em outros, a mesma instituição, que também possui certas limitações psicopedagógicas, não prepara psicologicamente seus alunos para os desafios da vida futura (Bassalo, 2021, p.22)

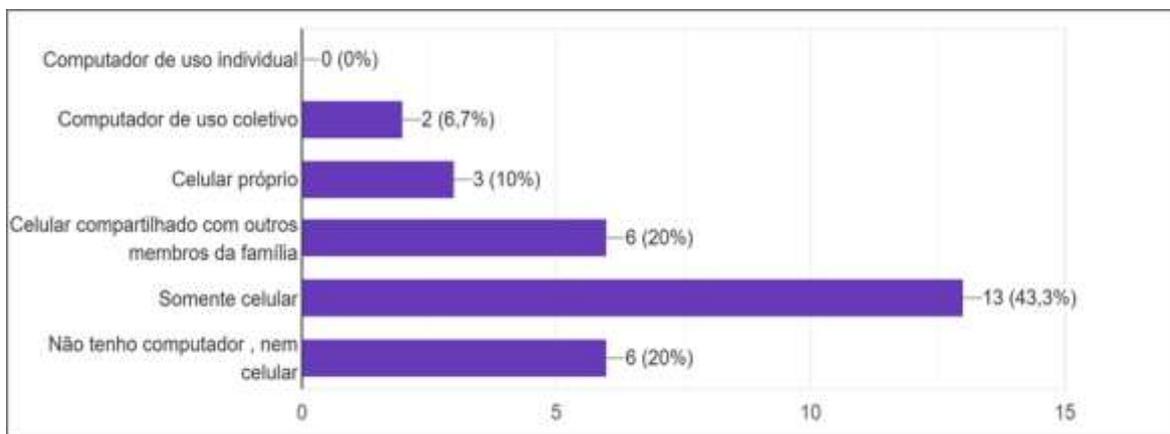
Observamos que a transição do ensino médio para a educação superior ou formação técnica é um desafio para jovens de comunidades menos favorecidas. Segundo Bourdieu

(1983), o capital cultural influencia o sucesso acadêmico e profissional. Jovens sem acesso a cursos preparatórios, redes de apoio educacional e modelos de referência tendem a enfrentar mais dificuldades para continuar os estudos.

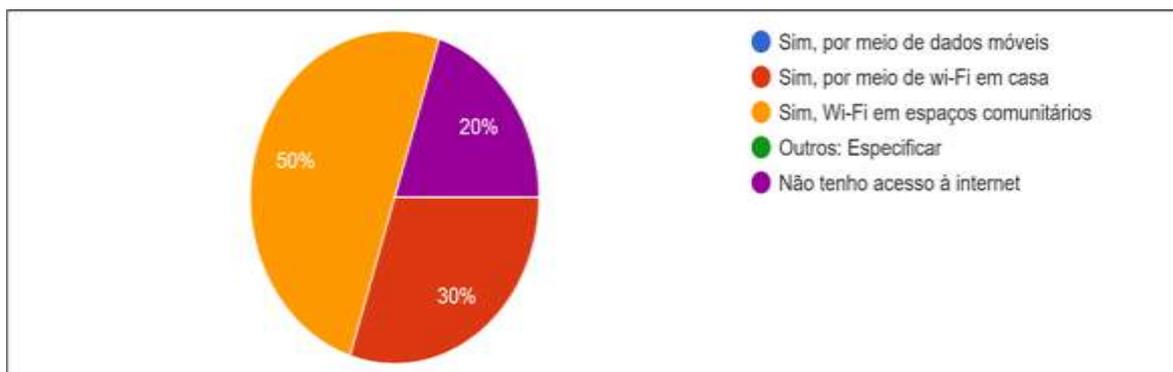
A teoria da reprodução social, também desenvolvida por Bourdieu e Passeron (1970), aponta que a educação, muitas vezes, reproduz desigualdades sociais preexistentes. A Comunidade de Caburi apresenta baixos índices de renda per capita, o que afeta diretamente a capacidade das famílias de arcar com os custos de estudo, como material didático, moradia e alimentação em outras cidades.

Já no quesito referente aos dispositivos de informação e comunicação usados pelos sujeitos, identificamos que 43,3% dos pesquisados possui somente o celular e que 20% deles não possui nenhum tipo de dispositivo. Além disso, o acesso à internet, para 50% dos egressos, só é feito mediante rede wifi disponibilizada em espaços comunitários, o que representa uma lacuna na busca por planejamento de estudos ou simples pesquisas para obtenção de informações acerca de conteúdos relacionados ao trabalho e à educação. Todas essas descrições estão detalhadas nos Gráficos 12 e 13:

Gráfico 12 – Dispositivos disponíveis para acesso dos participantes



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Gráfico 13 – Acesso dos participantes à internet

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Os resultados revelam que a disponibilidade de dispositivos para acesso à internet varia entre os participantes, impactando diretamente seu acesso a oportunidades educacionais e profissionais. O grau de conectividade à internet influencia diretamente no desenvolvimento acadêmico e no acesso a cursos e capacitações. Muitas vezes, o acesso à internet desses jovens acontece em ambiente comunitário, conseguem o mínimo de conectividade devido a quantidade de pessoas que utilizam o serviço. A conexão é lenta e deslocam-se de suas residências em horários fora de pico para terem possibilidade de acessar a rede wifi (Unesco (2021)).

É pertinente destacar que, a popularização das plataformas digitais têm permitido que diversas instituições de ensino superior expandam sua oferta de cursos na modalidade EaD. Segundo Moore e Kearsley (2011), a educação a distância se fundamenta na interação mediada pela tecnologia, permitindo que estudantes aprendam independentemente das barreiras geográficas. Esse crescimento tem sido impulsionado por fatores como flexibilidade de horários, redução de custos com transporte e moradia, e avanços em metodologias de ensino baseadas em tecnologias digitais.

Instituições de ensino superior têm investido na oferta de plataformas interativas, ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) e ferramentas de ensino baseadas em Inteligência Artificial (IA), proporcionando um aprendizado mais dinâmico e acessível. De acordo com Moran (2015), a utilização de recursos multimodais, como vídeos, podcasts e fóruns de discussão, potencializa a experiência do aluno e favorece a permanência no curso.

Com a expansão do ensino a distância (EaD), esse crescimento das plataformas digitais de ensino superior oferece alternativas viáveis para quem não pode se deslocar para outras cidades. O ensino a distância (EaD) tem se consolidado como uma alternativa viável

para democratizar o acesso ao ensino superior, especialmente para aqueles que enfrentam dificuldades de deslocamento ou residem em regiões afastadas dos grandes centros urbanos. Com o avanço das tecnologias digitais, plataformas virtuais de ensino têm possibilitado a formação de milhões de estudantes ao redor do mundo. No entanto, desafios como a precária conectividade das comunidades rurais ainda representam um obstáculo para a inclusão plena nesse modelo educacional.

Em Caburi, essa expansão de acordo com a descrição da jovem **JEM IRA** não acontecem de forma igualitária e acessível

Eu estou me esforçando para conseguir pagar uma faculdade online, mas tá difícil...Vendo meus tucumãs, cheiro verde. Meu companheiro também pesca e tenta me ajudar, mas temos que comer todos os dias e “lá se vai minha vontade de estudar”, porque aqui em Caburi a questão da internet é ruim. Ouvi comentários que vai vir o sinal da Operadora da Claro, se for verdade vai ajudar mais em nossos planos.(**JEM IRA,2023**)

Não tenho como associar um horário para estudar on-line, meu trabalho na agricultura e as responsabilidades de casa como pai de família, tudo seria perfeito, mas como dizem os mais velhos ‘isso não me pertence mais’(JEM MA,2023)

Nas falas, observa-se que embora o ensino a distância seja uma solução viável para muitos, a precariedade da infraestrutura digital nas regiões rurais ainda representa um grande entrave. De acordo com dados da Unesco (2021), a desigualdade de acesso à internet impacta diretamente a inclusão educacional, limitando as oportunidades de aprendizado para milhares de estudantes.

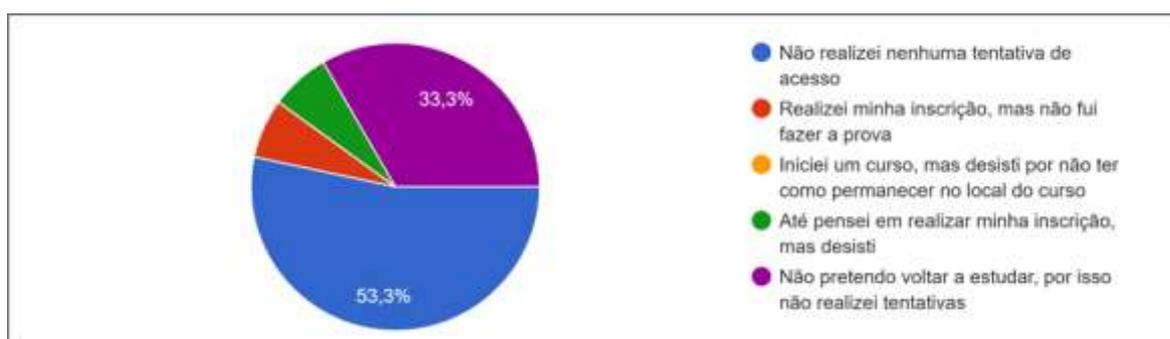
As dificuldades enfrentadas incluem a baixa qualidade da conexão de internet, a ausência de dispositivos adequados para o acompanhamento das aulas e a falta de capacitação digital dos estudantes e professores. Conforme Castells (2003), a exclusão digital reflete uma desigualdade estrutural, na qual indivíduos sem acesso à tecnologia são privados de oportunidades educacionais e profissionais.

Para superar esses desafios, políticas públicas precisam ser implementadas com o objetivo de expandir o acesso à internet de qualidade, promover subsídios para a aquisição de dispositivos eletrônicos e capacitar professores e alunos para o uso eficiente das tecnologias educacionais. A ampliação da infraestrutura de fibra óptica e a implementação de programas governamentais de inclusão digital são medidas fundamentais para garantir a equidade no acesso à educação a distância.

Nessa ótica lacunar, chegamos ao Gráfico 14, o qual ilustra um cenário em que 53,3%

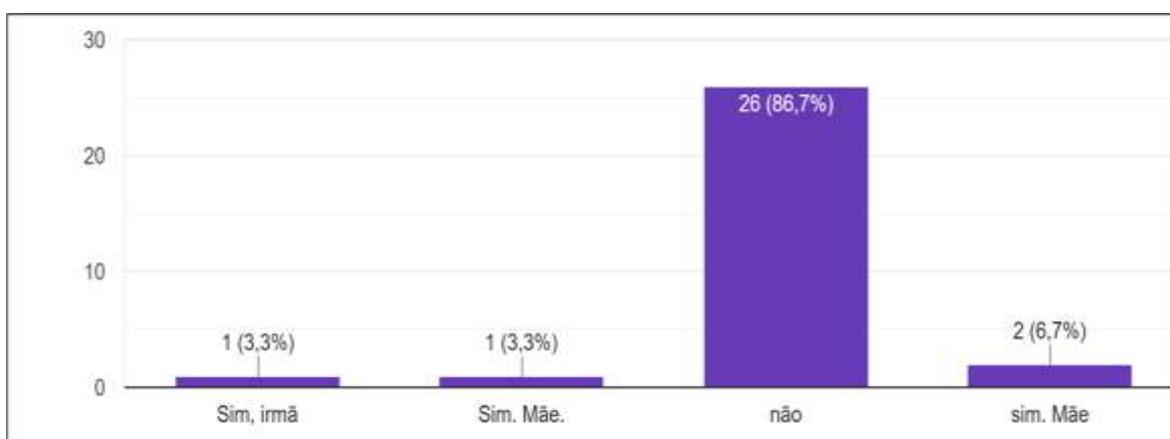
dos sujeitos nunca realizaram qualquer tentativa de acesso ao curso superior e que 33,3% não pretende voltar a estudar. Somado a isso, outros 13,4% dos entrevistados nunca realizaram uma prova de vestibular ou qualquer outro certame parecido. Tal realidade parece ser um espelho dos dados presentes no Gráfico 15, mediante o qual podemos ver que 86,7% dos respondentes não possuíam nenhum parente ou familiar que tenha cursado o nível superior de ensino.

Gráfico 14 – Tentativa de acesso à educação superior



Fonte: Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Gráfico 15 – Familiar que cursou o ensino superior



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Constata-se nos dados dispostos no gráfico que poucos participantes têm familiares com ensino superior, isso pode influenciar suas perspectivas e motivações para ingressar na faculdade.

Percebe-se que há o desafio da falta de apoio e orientação adequada sobre o acesso ao ensino superior. Em muitas famílias, os pais não tiveram a oportunidade de cursar a educação superior, o que limita a transmissão de informações e o incentivo para os filhos. A ausência de programas de orientação vocacional e de preparação para vestibulares também

dificulta o processo.

O conceito de habitus, de Bourdieu (1986), explica as dificuldades enfrentadas por jovens de comunidades periféricas. Muitas vezes, os estudantes de Caburi não têm referências familiares ou comunitárias que incentivem a busca pelo ensino superior. Além disso, o receio de enfrentar uma nova realidade em cidades maiores pode gerar ansiedade e desmotivação.

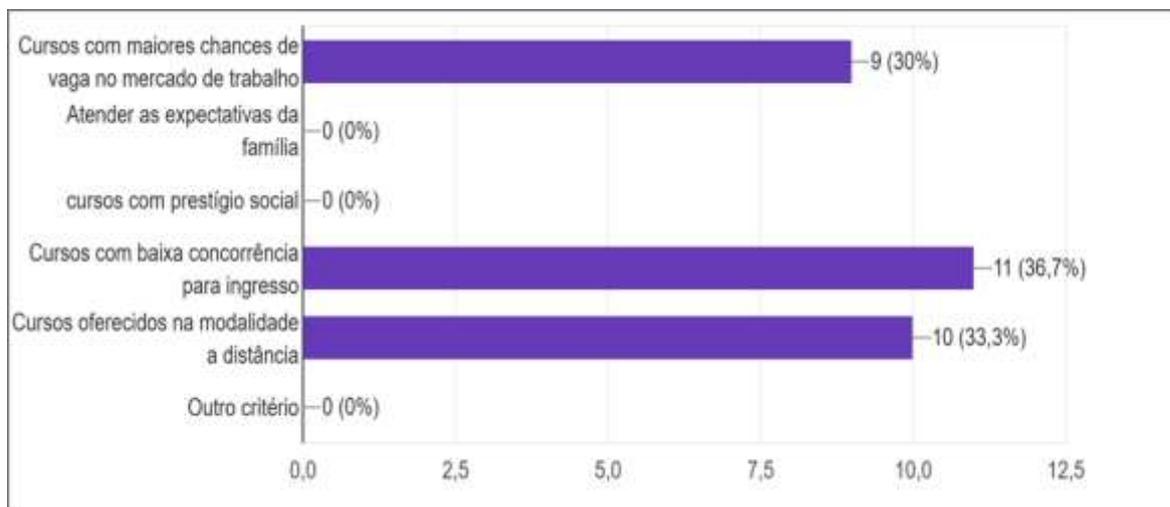
O capital cultural familiar (Bourdieu, 1983), tem impacto direto na continuidade dos estudos. Pais e irmãos com ensino superior tendem a incentivar e orientar melhor os estudantes. Poucos familiares possuem ensino superior, os egressos podem enfrentar dificuldades de apoio emocional e informacional

Nesse contexto, considera-se que as pesquisas recentes apontam caminhos à formulação de políticas públicas para mitigar o cenário, com foco em iniciativas para aprimorar o acesso à educação no Ensino Superior e fomentar a inserção no mercado de trabalho e que não basta somente realizar investimentos nas condições sociais e econômicas, mas sim identificar áreas estratégicas para a construção de projetos juvenis de vida, que incorporem sentimento de pertencimento por parte dos jovens em relação à sociedade. Isso porque acredita-se em ações que considerem os jovens como sujeitos políticos, capazes de contribuir com um outro projeto de sociedade (Beltrão, Camarano & Kanso, 2002).

Para mudar esse cenário, entende-se que é essencial a implementação de políticas públicas que considerem as especificidades da região, promovendo investimentos em infraestrutura, programas de apoio financeiro e iniciativas de educação à distância. O fortalecimento da rede de ensino local, com cursos preparatórios e maior divulgação de oportunidades, também pode ser um caminho para garantir que mais jovens do Caburi possam sonhar e concretizar o acesso ao ensino superior.

Para a pergunta sobre os possíveis critérios que seriam utilizados na escolha por um curso superior, os participantes indicaram três opções com porcentagem semelhante. A primeira se refere aos “cursos com maiores chances no mercado de trabalho” (em que 30% optaram por ela). A segunda se dirigia aos “cursos com baixa concorrência para ingressar” (na qual 36,7% assinalaram-na). A terceira e última voltou-se aos “cursos oferecidos na modalidade à distância” (33,3% dos respondentes). Diante disso, compreendemos a inclinação para três fatores: a necessidade de se colocar no mercado de trabalho; a pouca confiança no ingresso de um curso concorrido; e a procura por uma formação em que não fosse preciso sair da comunidade. As porcentagens aqui elencadas estão postas no Gráfico

16:

Gráfico 16 – Critérios para a possível escolha dos participantes por um curso superior

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Assim, de acordo com as informações, os fatores mais citados como: cursos com baixa concorrência para ingresso; cursos oferecidos na modalidade à distância e cursos com maiores chances de vaga no mercado de trabalho, revelam os principais desafios enfrentados pelos estudantes na tomada de decisão, significando que muitos jovens não veem o ensino superior como algo acessível.

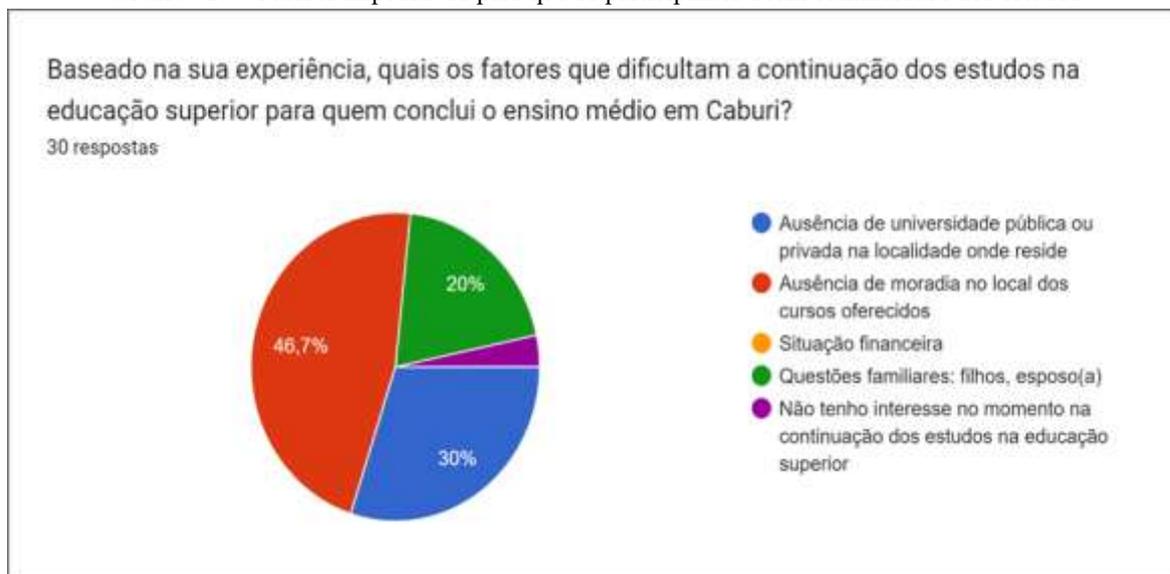
De acordo com Pierre Bourdieu (1983), o capital cultural e social exerce papel fundamental nas escolhas educacionais. Jovens ribeirinhos podem ter acesso limitado a informações sobre cursos superiores e carreiras profissionais, o que restringe suas opções. A influência de redes sociais próximas, como familiares e líderes comunitários, também é determinante, visto que essas relações oferecem apoio emocional e material necessário para a migração em busca de educação.

Vimos assim que a escolha por um curso superior é uma decisão significativa na vida de qualquer jovem, representando um marco para o futuro profissional e pessoal. Para os jovens de Caburi, uma comunidade com características culturais, econômicas e sociais próprias, essa escolha envolve uma série de critérios que refletem tanto as aspirações individuais quanto as oportunidades locais e regionais.

Articulando uma “ponte” entre a pergunta anterior e a próxima, vemos abaixo, no Gráfico 17, que 46,7% dos entrevistados indicaram como o principal fator para não buscar o ensino superior a falta de moradia em outra localidade, isto é, os participantes não têm

como se mudar para a sede onde são oferecidos os cursos superiores, já que não possuem residência lá. Outros fatores indicados foram as questões familiares (sobretudo para aqueles que já iniciaram uma família com filhos), bem como a ausência de instituição que oferta o ensino superior no município.

Gráfico 17 – Fatores impeditivos para que os participantes deem continuidade aos estudos



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

No Gráfico 17, percebemos que a ausência de moradia adequada configura-se como uma barreira estrutural para o acesso ao ensino superior. Segundo Bourdieu (1986), o capital econômico e o capital social são determinantes para o sucesso acadêmico, uma vez que influenciam as condições materiais e o suporte comunitário disponível para o estudante. Assim, jovens de comunidades como Caburi, que frequentemente enfrentam limitações financeiras, encontram dificuldades para arcar com os custos de moradia, alimentação e transporte em centros urbanos.

Realidades como esta visualizada no gráfico, nos dão prova das desigualdades instaladas nos sistemas de ensino e das contradições entre aquilo que está instituído e aquilo que se efetiva no campo das políticas públicas de educação. A este propósito, é importante lembrar que o Plano Nacional de Educação (PNE/2014) dispõe sobre a necessidade de políticas públicas que levassem em consideração as características dos grupos que vivem no campo (crianças, jovens, adultos). Como destaca o art. 8º da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprovou o PNE, as políticas educacionais federais, estaduais e municipais devem ser constituídas de forma que, “considerem as necessidades específicas das

populações do campo e das comunidades indígenas e quilombolas, asseguradas a equidade educacional e a diversidade cultural” (Brasil, 2014).

De acordo com Gomes e Duarte (2019) atualmente, no âmbito educacional, tornou-se ainda mais hegemônica a ideia de que todos podem ter as mesmas oportunidades e de que é possível a garantia da justiça social por meio do Estado ou do mercado, pois só é possível falar em justiça social na medida em que todas as pessoas tenham acesso às condições materiais e imateriais de desenvolvimento humano para além do plano formal e legal. Porém, a história do capitalismo demonstra a impossibilidade estrutural de assegurar essas condições para que todos os indivíduos conquistem uma vida adequada para que tenham acesso às condições materiais indispensáveis à dignidade humana.

Nesse pensar, uma tendência maior entre os entrevistados em que 46,7% alega a ausência de moradia no local dos cursos oferecidos, como um importante indicador de não ter realizado nenhuma tentativa de acesso à educação superior, nos direciona ao pensamento de que a busca pela continuidade dos estudos após o Ensino Médio é um desafio significativo para muitos jovens de Caburi. Assim, um dos principais obstáculos enfrentados por esses estudantes de acordo com as informações contidas no gráfico 17, é a ausência de moradias adequadas nas cidades onde estão localizados os cursos de graduação. Esse fator não apenas limita o acesso à educação superior, mas também contribui para a perpetuação das desigualdades sociais e econômicas na região.

Vale ressaltar que a falta de residências estudantis ou de acomodações acessíveis faz com que muitos jovens desistam do sonho de cursar uma universidade. O custo elevado com aluguel, transporte e manutenção em cidades maiores torna inviável a permanência de estudantes que, em sua maioria, provêm de famílias com recursos financeiros limitados. Além disso, a distância das instituições de ensino superior impõe desafios logísticos que afetam o rendimento acadêmico e o bem-estar dos alunos.

Para mudar essa realidade, acredita-se que é fundamental a criação de políticas públicas que incentivem a construção de moradias estudantis e a oferta de auxílios financeiros para habitação. Programas de bolsas que incluam o custeio de moradia e parcerias com instituições de ensino para disponibilizar residências universitárias são exemplos de medidas que podem facilitar o acesso à educação superior.

O investimento em soluções habitacionais não beneficia apenas os estudantes, mas também a comunidade de Caburi, promovendo o desenvolvimento socioeconômico da região. Jovens mais qualificados retornam com competências que podem impulsionar a

economia local e inspirar novas gerações a seguir o caminho da educação.

Assim, garantir condições de moradia no local dos cursos superiores oferecidos é um passo essencial para a construção de um futuro mais justo e promissor para Caburi.

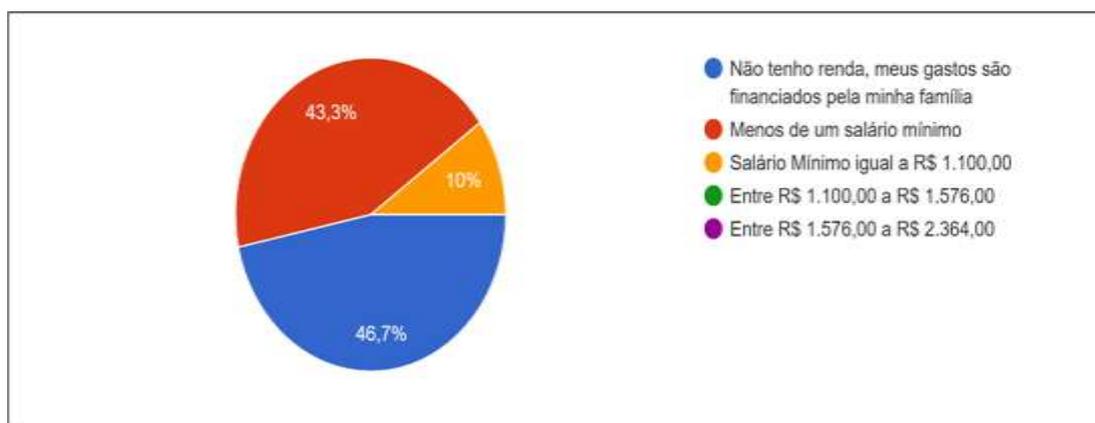
Muitos possivelmente buscarão formação de nível superior em outro momento da vida, mas o arco de escolhas possíveis no início de seus percursos profissionais será certamente condicionado pela ausência de universidades na comunidade e moradia no local dos cursos superiores oferecidos.

Nos Gráficos 18 e 19, vemos outra dimensão explorada no questionário aplicado. Essa se refere à forma de trabalho/ocupação e a condição financeira atual dos participantes. Nesse sentido, verificou-se que 46% deles não trabalha. Além disso, destacamos ainda que 27% responderam trabalhar em atividades relacionadas à agricultura/pesca, ou ocuparem-se de atividades rentáveis em casa (costurando ou fazendo artesanato), chegando ao percentual de 17% dos entrevistados. Dessa forma, esse cenário refletiu a própria renda individual, a qual é nula para os mesmos 46,7%, ou menor que um salário-mínimo para 44,3%. Tais informações, como já mencionado, estão presentes nos gráficos 18 e 19.

Gráfico 18 – Situação dos participantes com relação ao trabalho/ocupação



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Gráfico 19 – Valor aproximado da renda mensal dos participantes

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

No gráfico 19 verificamos que a maioria dos jovens atualmente não têm renda, os gastos são financiados pela família. Assim, verificamos pelos dados que no Distrito de Caburi, as oportunidades educacionais limitadas impactam diretamente as perspectivas de inserção no mercado de trabalho dos jovens, criando um ciclo em que a falta de qualificação perpetua a inserção em atividades de baixa remuneração e pouca estabilidade.

A perspectiva da vulnerabilidade juvenil (Abramo, 2007) também é relevante para compreender o contexto de Caburi. A falta de políticas públicas efetivas voltadas para a formação profissional juvenil agravam as desigualdades sociais. Essa vulnerabilidade é intensificada por fatores como o isolamento geográfico, a precariedade das infraestruturas de transporte e comunicação, e a limitada oferta de serviços públicos de qualidade.

O trabalho e a ocupação dos jovens no Distrito de Caburi estão intrinsecamente ligados a fatores estruturais que transcendem as escolhas individuais. A ausência de oportunidades educacionais e profissionais adequadas limita o potencial de desenvolvimento da juventude local, perpetuando ciclos de pobreza e exclusão social. Políticas públicas integradas, que promovam o acesso à educação de qualidade, à formação profissional e ao emprego digno, são essenciais para transformar essa realidade. As revelações da **JEM SU** mostra essa ausência de oportunidades educacionais e profissionais

Concluimos o Ensino Médio no meio de uma agonia, da covid 19 nem estudávamos mais. Essa pandemia me desmotivou de estudar, fiquei mais em casa com meus pais que estão idosos e comecei a ganhar meu dinheiro fazendo crochê e pintando guardanapos, com essa minha renda não posso pagar uma faculdade, só dá para comprar as coisas para gente sobreviver..(**JEM SU, 2023**)

Visualiza-se que ausência de oportunidades educacionais e profissionais em Caburi, a jovem tem uma empolgação, vontade de produzir para ganhar dinheiro e tem preocupação em deixar os pais pela idade que apresentam.

Quando à crise econômica, segundo Guimarães, Brito e Comin (2020) se somaram uma crise sanitária de proporções desconhecidas, na forma da pandemia da Covid-19, e uma aguda crise política, a inserção dos jovens tornou-se ainda mais instável, deixando mais evidentes as desigualdades que os diferenciam. Isso torna urgente renovar as análises sobre trajetórias juvenis no campo amazônico nos momentos que sucederam essa inaudita e perversa combinação de alterações nas formas de operação do mercado de trabalho.

Nesse contexto, constata-se que as desigualdades que caracterizam a sociedade e o mundo do trabalho no Brasil são resultado de um modelo econômico e produtivo altamente concentrador e excludente, caracterizado por altos graus de precariedade e informalidade. Essa heterogeneidade estrutural chega até as famílias e as pessoas através do mercado de trabalho, gerando alta desigualdade de renda e um acesso profundamente desigual ao trabalho decente e à proteção social (Cepal, 2014).

As desigualdades de renda são sem dúvida um elemento central da complexa teia de desigualdades entrecruzadas que caracterizam o mundo do trabalho e a sociedade no Brasil. Mas as desigualdades a serem identificadas e combatidas não se definem apenas nesse plano. Elas conformam uma matriz da desigualdade social, onde as desigualdades de classe e de nível socioeconômico se entrecruzam com as desigualdades de gênero, étnicas e raciais, territoriais e por idade, potencializando-se ao longo do ciclo de vida das pessoas (Cepal, 2016). Por sua vez, a igualdade a que almejamos, e que deve estar no centro de um projeto de desenvolvimento inclusivo e sustentável, além definir-se como uma igualdade de meios (renda, propriedade, ativos produtivos e financeiros) é também uma igualdade de capacidades, de autonomias e reconhecimento recíproco, e, fundamentalmente, uma igualdade de direitos (Bárcena; Prado, 2016).

Pesquisas apontam que os homens têm maior acesso ao trabalho do que mulheres e quanto mais velho for o indivíduo, maior a chance de conseguir emprego. Jovens brancos e de zona urbana têm maior acesso a emprego do que negros ou aqueles que vivem em zonas rurais. Os dados mostram ainda que há forte desigualdade e exclusão social. Isso muitas vezes determina a trajetória de vida desses jovens, que, sem intervenção do Estado ou de prefeituras, tendem a permanecer nessas condições em que não têm ou é precarizado o acesso à justiça, à plena participação no sistema político e, ainda, à educação de qualidade, ao

trabalho digno, ao salário justo, à saúde, ao lazer, entre outros direitos.

Bárcena e Prado, (2016) ponderam que a educação está diretamente ligada ao acesso ao mercado de trabalho, mas conjugar estudo e trabalho é difícil para os jovens, especialmente aqueles de famílias de baixa renda, porque a conclusão do ensino médio não implica bons empregos. A grande maioria dos jovens se insere no mercado de trabalho de maneira precária, e, uma vez trabalhando, o grau de investimento nos estudos declina, tornando difícil um emprego melhor, de modo que tal situação gera um ciclo de insegurança e instabilidade que os acompanha na vida adulta. Por este motivo é tão importante políticas públicas que favoreçam a continuidade dos estudos, a permanência na escola e o ingresso no ensino superior, gerando possibilidades de trabalho regular, a fim de que os jovens possam ganhar experiência e romper com esse ciclo de exclusão.

Entende-se que acesso à educação de qualidade e à inserção no mercado de trabalho segura e qualificada são os principais mecanismos de promoção da inclusão social, da autonomia dos sujeitos e de uma socialização para a vida adulta. Diferentes alternativas precisam ser elaboradas e oferecidas para que o processo de formação esteja devidamente associado a condições seguras e qualificadas de inserção no mercado de trabalho.

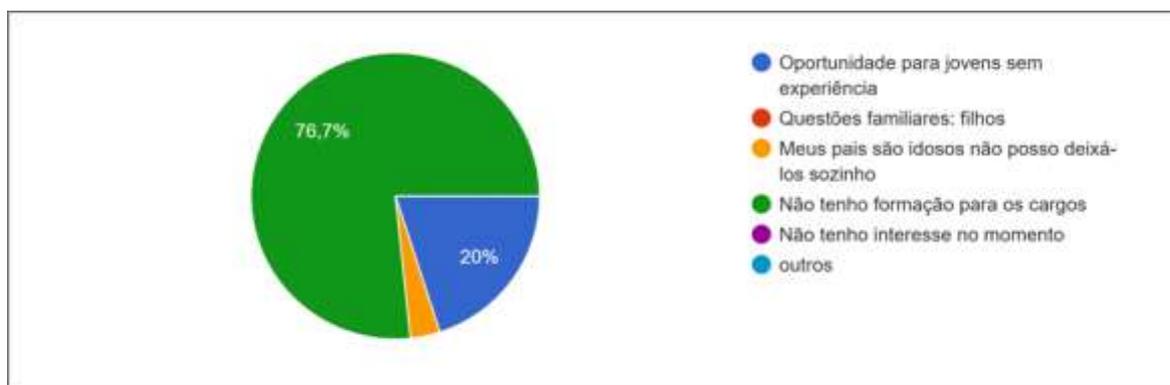
A esse respeito das condições seguras e qualificadas de inserção no mercado de trabalho, Araújo Guimarães, Brito e Comin(2020) apontam que a oferta de cursos profissionalizantes deve estar acompanhada de mapeamento das ocupações territoriais, otimizando assim o interesse e a empregabilidade dos jovens nas atividades. O estímulo indiferenciado por homens e mulheres é fator decisivo na redução das desigualdades de gênero no mercado de trabalho. Essas prioridades visam ao desenvolvimento integral do jovem, ao assegurar condições de qualidade de vida e acesso aos direitos humanos e à cidadania plena.

Araújo Guimarães, Brito e Comin (2020) levantam a hipótese de que as políticas entre 2015 e 2019 provavelmente afetaram a natureza dos padrões de percurso, aprofundando desigualdades. As iniciativas têm afetado diretamente e de formas diversas os jovens, em especial aqueles cujo perfil de trajetória é marcado por maior insegurança, mesmo em uma conjuntura mais favorável.

Associado também ao tema das duas questões anteriores sobre a forma de trabalho/ocupação e a condição financeira atual, os participantes foram indagados sobre os fatores que dificultavam a inserção deles no mercado de trabalho. Diante dessa indagação, destacamos que 76,7% deles responderam não possuir formação para cargos em trabalhos

formais, e 20% apontaram que não há oportunidades para jovens sem experiência. Logo, verificamos um percentual de 96,7% de homens e mulheres cuja perspectiva de trabalho formal é praticamente nula, segundo a própria visão deles. Esses percentuais estão dispostos no Gráfico 20.

Gráfico 20 – Fatores que dificultam a inserção dos participantes no mercado de trabalho



Fonte: Dados da pesquisa, 2023

De acordo com os dados, o fator principal que dificulta a inserção no mercado de trabalho é não possuir formação para cargos em trabalhos formais. A Agrovila do Caburi atualmente possui aproximadamente 3.284 (três mil duzentos e oitenta e quatro) habitantes (Sistema de Informação de Atenção Básica - SIAB). Os moradores da referida localidade buscam o seu sustento e sobrevivência em diversas atividades formais (Servidores públicos municipal e estadual, assalariados de empresas privadas, pequeno comércio e prestação de serviços) e atividades informais (agricultura, pesca artesanal e comercial, pecuária, vendedores ambulantes, comerciantes, pedreiros, carpintaria e outros). Os jovens não possuem formação para exercer cargos oferecidos no mercado de trabalho, executam as atividades do meio rural, por isso muitos jovens buscam seu sustento e da família na pesca, na agricultura, pecuária e extrativismo (Rodrigues, 2005).

Os dados do gráfico revelam ainda que, à medida que aumenta o grau de escolarização, observa-se uma oportunidade para o acesso ao mercado de trabalho. Essa tendência sugere que a escolarização funciona como um importante fator de proteção diante das instabilidades do mercado de trabalho, especialmente para a juventude. Cada incremento no nível de instrução está associado a uma ampliação das oportunidades de inserção laboral e à redução da vulnerabilidade ao desemprego. No entanto, é importante destacar que, mesmo entre os jovens com formação superior, a taxa de desemprego ainda é significativa.

Esse dado aponta para limitações estruturais do mercado de trabalho brasileiro, bem como possíveis descompassos entre a formação oferecida pelas instituições de ensino superior e as demandas do setor produtivo.

A análise desses resultados permite reflexões mais amplas sobre as políticas públicas de educação e emprego voltadas à juventude. O cenário apresentado reforça a importância de estratégias que incentivem a ampliação do acesso ao ensino superior, mas também demanda uma avaliação crítica sobre a qualidade e pertinência das formações ofertadas, especialmente no que tange à sua articulação com o mundo do trabalho.

A inserção dos jovens amazônicos no mercado de trabalho formal enfrenta diversos desafios estruturais, entre os quais a ausência de formação adequada se destaca como um dos principais entraves. Essa realidade está profundamente ligada às desigualdades históricas e geográficas que marcam a região amazônica, onde o acesso à educação básica de qualidade, à qualificação técnica e ao ensino superior é limitado e, muitas vezes, precário.

Em muitas comunidades amazônicas, especialmente nas áreas rurais e ribeirinhas, os jovens crescem em contextos marcados pela escassez de escolas, pela baixa oferta de cursos profissionalizantes e pela ausência de políticas públicas efetivas de formação e inserção laboral. A carência de infraestrutura educacional, aliada à distância dos centros urbanos, torna difícil a continuidade dos estudos e a aquisição de competências exigidas pelo mercado formal.

Além disso, a dinâmica econômica da região nem sempre favorece a criação de empregos formais. Muitos setores ainda operam na informalidade ou em condições precárias, o que limita as oportunidades para os jovens que desejam ingressar no mercado com estabilidade e direitos trabalhistas garantidos. Para aqueles que aspiram a empregos formais em áreas como comércio, administração, saúde ou tecnologia, a falta de formação técnica e certificação profissional torna-se uma barreira quase intransponível.

Segundo dados do IBGE (2022), a taxa de jovens entre 18 e 24 anos que não estudam nem trabalham, atinge proporções elevadas em estados amazônicos, como o Amazonas. Essa condição está diretamente relacionada à dificuldade de acesso à educação de qualidade e à falta de políticas eficazes de qualificação profissional que dialoguem com as especificidades locais. Em muitas comunidades, especialmente nas áreas rurais e ribeirinhas, a ausência de instituições de ensino técnico e superior obriga os jovens a migrarem ou abandonarem os estudos, gerando descontinuidade formativa.

Além disso, o mercado de trabalho da região apresenta uma forte incidência de

informalidade e de atividades extrativistas ou sazonais, que não demandam necessariamente formação técnica, mas tampouco oferecem estabilidade, direitos trabalhistas ou possibilidades de ascensão profissional. Essa configuração econômica marginaliza os jovens que não conseguem adquirir uma formação mínima exigida pelos setores mais estruturados da economia, como o comércio formal, o setor público ou empresas ligadas à inovação tecnológica.

Entende-se que investir em políticas educacionais que ampliem o acesso à formação profissional, valorizem os saberes locais e articulem educação e mercado de trabalho é essencial para garantir aos jovens de Caburi condições dignas de inserção laboral e participação ativa na construção do futuro da comunidade de Caburi e no Município de Parintins.

Convém salientar que, inserido na sociedade capitalista e na lógica do capital, o trabalho torna-se uma atividade rotineira, desqualificada e desvinculada de seu caráter ontológico. O trabalhador se sujeita a situações de exploração, pois precisa sobreviver de seu trabalho assalariado.

Podemos visualizar na contemporaneidade uma classe trabalhadora mais fragmentada e heterogênea que vivencia relações de trabalho precárias e, na maioria das vezes, sem qualquer vínculo empregatício e acesso aos direitos trabalhistas e sociais. Ao analisar essa realidade nas últimas décadas, constata-se as profundas transformações que assolam o mundo do trabalho e que, conseqüentemente, culminam no fenômeno do desemprego que atinge milhões de pessoas, entre elas os jovens.

Nesse cenário, o total de jovens na condição de não continuar os estudos após o ensino médio e não ocupar uma profissão ou trabalho, aumentou nos primeiros meses de 2024. Se nos três primeiros meses do ano de 2023 o contingente de jovens somava 4 milhões de pessoas, no mesmo período deste ano alcançou 5,4 milhões. O levantamento foi feito pela Subsecretaria de Estatísticas e Estudos do Trabalho, do Ministério do Trabalho e Emprego (2024).

Em entrevista à Agência Brasil, a subsecretária de Estatísticas e Estudos do Ministério do Trabalho e Emprego, Paula Montagner, disse que esse crescimento se deve a vários fatores e atinge, principalmente, as mulheres, que representam 60% do total desse público. Segundo Montagner (2024), há muita dificuldade de as mulheres entrarem no mercado de trabalho, em especial, mulheres jovens. Por outro lado, há esse apelo para que os jovens busquem alguma outra forma de ajudar a sociedade, que é ter filhos mais jovens,

além de um certo conservadorismo entre os jovens que acham que só o marido trabalhando seria suficiente.

Segundo dados da OIT(2018), apesar de ser composto por mais de 47,2 milhões de jovens, que representam quase $\frac{1}{3}$ da população economicamente ativa, o Brasil possui, de acordo com o IBGE, mais de 27,1 milhões de jovens desocupados. Na prática, isso significa que mais de 54% dos jovens que buscam oportunidade de trabalho não o estão encontrando. Nesse contexto, acreditamos que o acionador para entendermos o comportamento recente dos jovens no mercado de trabalho foi seguir os jovens de Caburi, acompanhando suas trajetórias entre as diferentes situações escolares e profissionais.

Assim, ressaltamos que nem todos os jovens de Caburi se encaixam exatamente neste perfil de nem-nem, pois apesar de estarem desvinculados do sistema de ensino, alguns estão inseridos no mundo do trabalho, porém em atividades quase sempre informais e temporárias, típicas da realidade da Comunidade: na agricultura, na fazenda e na pesca. Há jovens que trabalham em casa informalmente, o que envolve a costura, cozinha, artesanato, carpintaria. Outros jovens realizam trabalho doméstico em casa de outras pessoas (cozinheiro/a, babá, lavadeira, faxineiro/a, acompanhante de idosos/as e jovem trabalhando em comércio, transporte e outros serviços informais.

Dentre os jovens ocupados, 45% estavam na informalidade, o que corresponde a 6,3 milhões de indivíduos. Essa porcentagem, segundo Paula Montagner, é maior do que a média nacional, atualmente em 40%. Para Montagner (2024) a informalidade tem a ver com o fato de os jovens trabalharem predominantemente em micro e pequenas empresas. Jovens que vão muito cedo para o mercado de trabalho e não vão na condição de aprendizes; na maioria das vezes não têm uma situação de contratação formalizada. Quase sempre eles estão trabalhando como assalariados, sem carteira de trabalho assinada, porque o empregador, por vezes, fica na dúvida se o jovem vai, de fato, desempenhar corretamente as funções, se ele vai gostar do emprego ou não. Então, eles esperam um tempo um pouquinho maior para formalizá-los.

Para Rodrigo Dib (2024), a empregabilidade jovem é um desafio urgente para o Brasil, pois precisa-se incluir essa faixa etária no mundo do trabalho de maneira segura e de olho no desenvolvimento desses jovens a médio e longo prazo. O autor considera grave o Brasil soma mais de cinco milhões de jovens que não tem oportunidades e estão tão desesperançosos que não estão buscando uma oportunidade para dar o primeiro passo na carreira profissional (Rodrigo Dib, 2024). Assim, para aumentar a inserção profissional do

jovem no mercado de trabalho, é preciso, primeiramente, elevar a escolaridade desse público. “Ele precisa estudar, elevar a escolaridade e ampliar sua formação técnica e tecnológica”(Dib, 2024)

Mesmo diante de tantos entraves os jovens optam em ficar na comunidade de Caburi com seus familiares devido às condições financeiras. A falta de dinheiro e oportunidades de trabalho e emprego resulta desanimadora para eles, muito apesar da sua ampla e diversa capacidade de assumir responsabilidades adultas que estes jovens desenvolvem desde muito cedo, especialmente no contexto da comunidade de Caburi.

Nos relatos dos jovens no processo da pesquisa de campo, constatamos que eles têm em comum a percepção que a questão financeira, muitas das vezes possibilita a venda da força de trabalho dos mesmos a qualquer custo ou condições, um trabalho mal remunerado e sem assistência nenhuma por parte do contratador, mais que se faz necessário mesmo por que é uma alternativa para um ganho para ajudar nas despesas da casa, como para saciedade do próprio consumo. O relato do jovem Kev, apresenta essa alternativa em que em seu entendimento sobre trabalho formal baseando-se no trabalho que ele fazia de ficar em um comércio local.

Durante a conversa com o jovem e a explicação de que trabalho formal se dá a partir de um contrato de trabalho. A resposta do jovem foi de não ter assinado nenhum contrato, apenas contrato informal e com uma remuneração mínima, uma gratificação.. Sobre a condição socioeconômica como marcador nas trajetórias de estudo, o jovem relatou que

Pra gente seguir em uma faculdade, teria que ter uma universidade na comunidade, pois só os filhos de professores ou que têm gado seguem para Parintins, não vou deixar meu trabalhinho para passar fome em Parintins 4 anos, ou eu estudo ou eu trabalho. (JEM BRY, 2023)

A percepção no comentário, é que o jovem tem uma alegria, espontaneidade em continuar os estudos, mas a ausência de universidade em Caburi e também satisfeito por estar recebendo uma gratificação/remuneração, marca essa trajetória de estudo do jovem. Na expressão dele “trabalhinho”, o entendimento é que o trabalho informal que o jovem exerce é o meio emergente em ganhar dinheiro para ajudar no sustento da família.

Vimos assim que, a juventude em Caburi vive, cotidianamente, o desafio de construir percursos de vida que conciliem permanência nos territórios, valorização cultural e inserção produtiva digna. Em meio às especificidades socioambientais, a inserção dos jovens no

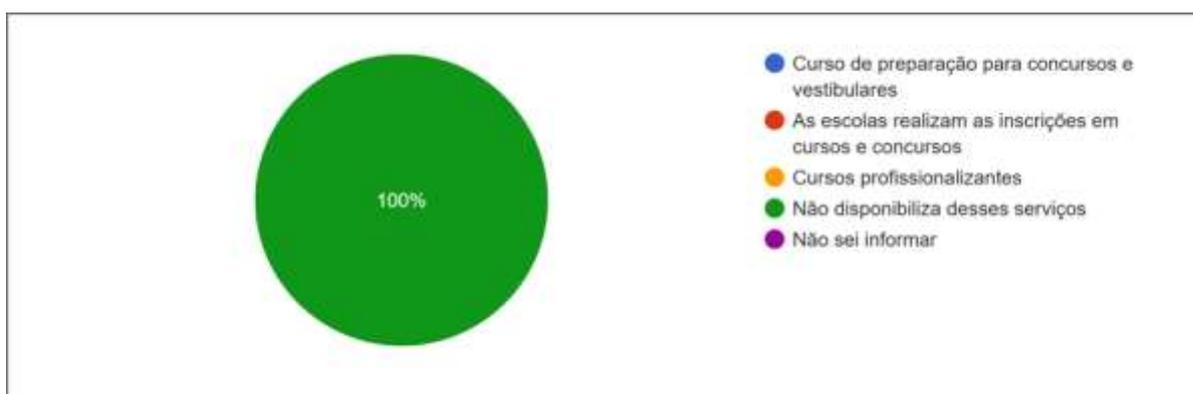
mercado de trabalho formal é limitada por uma série de fatores estruturais, sendo a ausência de formação educacional e profissional adequada um dos mais significativos.

A formação profissional representa um dos principais vetores para a inserção digna dos jovens no mercado de trabalho. No entanto, quando se trata da juventude amazônica, é necessário repensar esse conceito à luz das particularidades culturais, territoriais e socioeconômicas da região. O enfrentamento das desigualdades educacionais, o fortalecimento de políticas públicas intersetoriais e o reconhecimento das juventudes como sujeitos de direitos e saberes são condições fundamentais para a construção de um futuro com mais equidade e justiça social.

Mais do que adaptar os jovens às exigências do mercado, é preciso transformar o próprio modelo de desenvolvimento, promovendo formas de trabalho que dialoguem com a sustentabilidade, a diversidade e os saberes da floresta.

O último gráfico traz os resultados obtidos a partir da pergunta “Na comunidade é oferecido algum serviço de apoio aos estudos e à inserção no mercado de trabalho?”. Diante dessa, o que vemos é o percentual massivo de 100% dos entrevistados dizendo que “não”. Isso implica, pois, em uma coerência com o horizonte pessimista dos jovens, o qual foi apresentado, de modo amplo, no decorrer de todo o questionário. Nessa esteira, destacamos então o Gráfico 21:

Gráfico 21 – Serviços de apoio aos estudos e à inserção no mercado de trabalho oferecidos na comunidade de Caburi



Fonte: Dados da pesquisa, 2023

De acordo com os resultados do gráfico 21 em que os jovens de Caburi alegaram não ter algum serviço de apoio aos estudos e à inserção no mercado de trabalho, é importante destacar que educação e a capacitação profissional são elementos essenciais para o desenvolvimento social e econômico de qualquer comunidade. Na comunidade de Caburi,

iniciativas voltadas para o apoio aos estudos e à inserção no mercado de trabalho desempenham um papel crucial na promoção da igualdade de oportunidades e na melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes.

De acordo com os resultados, em meio à exuberância natural e à rica cultura que pulsa em Parintins, uma sombra paira sobre o futuro de sua juventude: a gritante ausência de serviços de apoio direcionados à continuidade dos estudos e à inserção no competitivo mercado de trabalho. Essa lacuna não é apenas uma falha administrativa, mas sim um obstáculo concreto que impede inúmeros jovens de alcançarem seu potencial máximo e de contribuírem plenamente para o desenvolvimento da comunidade.

Vimos que a falta de apoio na realização das inscrições em concursos, vestibulares ou orientação vocacional na escolas, deixa os jovens desorientados ao concluírem o ensino médio, sem clareza sobre seus talentos, paixões e as oportunidades disponíveis. Sem um direcionamento adequado, as escolhas acadêmicas são feitas por conveniência ou pressão familiar, muitas vezes levando à frustração e ao abandono dos estudos superiores ou técnicos. A ausência de informações acessíveis sobre cursos, bolsas de estudo e programas de financiamento dificulta ainda mais o acesso à educação de nível superior para jovens de famílias com menor poder aquisitivo.

No que tange à inserção no mercado de trabalho, a situação não é mais animadora. A carência de programas de qualificação profissional alinhados com as demandas regionais limita as oportunidades de emprego para os jovens. A falta de acesso a oficinas de elaboração de currículos, preparação para entrevistas e informações sobre o mercado local os coloca em desvantagem na busca por uma colocação. A ausência de parcerias entre instituições de ensino e empresas da região, que poderiam facilitar estágios, fecha portas importantes para a experiência prática e o desenvolvimento de habilidades essenciais.

As consequências dessa ausência de apoio são profundas e multifacetadas. O desinteresse pelos estudos aumenta, a evasão escolar se torna uma realidade preocupante e a juventude, desmotivada e sem perspectivas claras, torna-se mais vulnerável a situações de risco social. O ciclo de pobreza e a falta de oportunidades se perpetuam, comprometendo o futuro individual desses jovens e o desenvolvimento socioeconômico de Parintins como um todo.

É imperativo que a comunidade, o poder público e as instituições locais reconheçam a urgência dessa questão e atuem de forma colaborativa para construir uma rede de apoio robusta e eficaz. Investimentos em programas de orientação vocacional desde o ensino

fundamental, a criação de centros de informação e apoio ao estudante, a implementação de cursos de qualificação profissional relevantes para o mercado local e o fomento de parcerias entre escolas, universidades e empresas são medidas cruciais.

Ao oferecer as ferramentas e o suporte necessários, Parintins estará investindo não apenas no futuro de sua juventude, mas também no seu próprio desenvolvimento. Permitir que os jovens trilhem caminhos de sucesso nos estudos e no mercado de trabalho é fundamental para construir uma comunidade mais justa, próspera e com um futuro promissor para todos. A ausência de apoio é uma barreira que precisa ser derrubada para que os sonhos da juventude de Parintins possam florescer plenamente.

Na vibrante, porém isolada, comunidade de Caburi, aninhada no coração da Amazônia, um desafio silencioso corroi o futuro de sua juventude: a gritante ausência de serviços de apoio dedicados à continuidade dos estudos e à inserção no mercado de trabalho. Essa lacuna não é apenas uma inconveniência; ela representa uma barreira intransponível que impede inúmeros jovens de alcançar seu pleno potencial e contribui para um ciclo de oportunidades limitadas.

A falta de acesso e informações sobre oportunidades educacionais e profissionais fora da comunidade local cria um abismo entre os sonhos e a realidade dos jovens de Caburi. Muitos enfrentam dificuldades com a ausência de bibliotecas bem equipadas, laboratórios de informática com acesso à internet e espaços de estudo adequados agravam ainda mais essa situação, privando os estudantes de ferramentas essenciais para o aprendizado, a pesquisa e a continuação dos estudos.

A transição para o mercado de trabalho também é marcada por incertezas e dificuldades. Sem programas de orientação profissional que explorem seus talentos e interesses, e sem informações sobre as demandas do mercado regional e nacional, os jovens de Caburi muitas vezes se veem desorientados e limitados a ocupações informais e precárias. A ausência de cursos profissionalizantes e de programas de estágio que os conectem com possíveis empregadores dificulta a aquisição de habilidades práticas e a construção de um currículo competitivo.

As consequências dessa ausência de apoio são profundas e multifacetadas. A evasão escolar precoce limita as oportunidades futuras, perpetuando a pobreza e a desigualdade social. A falta de qualificação profissional dificulta a inserção em empregos dignos, forçando muitos jovens a migrarem em busca de melhores condições de vida, o que, por sua vez, enfraquece o tecido social e econômico da comunidade. Além disso, a frustração e a falta de

perspectivas podem levar a problemas sociais como o aumento da criminalidade e o envolvimento com drogas.

É imperativo que as autoridades governamentais, as organizações não governamentais e a própria comunidade de Caburi reconheçam a urgência dessa situação e trabalhem em conjunto para implementar soluções eficazes. A criação de centros de apoio educacional com atividades de reforço escolar, orientação vocacional e acesso à tecnologia é fundamental. A oferta de cursos profissionalizantes alinhados com as demandas do mercado, a implementação de programas de estágio e a facilitação do acesso a informações sobre oportunidades de estudo e trabalho em outras regiões são medidas cruciais para empoderar a juventude de Caburi.

Ressalta-se que investir no futuro da juventude de Caburi através da oferta de serviços de apoio à educação e ao emprego não é apenas uma questão de igualdade social e educacional, mas também uma estratégia inteligente para o desenvolvimento sustentável da comunidade e da região amazônica como um todo. Ao romper o ciclo da falta de oportunidades, estaremos plantando as sementes de um futuro mais promissor e próspero para as próximas gerações. A ausência desses serviços não pode mais ser ignorada; é hora de agir para garantir que os jovens de Caburi tenham a chance de florescer e contribuir plenamente para a sociedade.

Iniciativas, como a oferta de bibliotecas comunitárias e cursos preparatórios para exames, baseiam-se na teoria de Paulo Freire (1987), que defende a educação libertadora, permitindo que os indivíduos adquiram conhecimento e reflitam sobre sua realidade social. Assim, os serviços educacionais não apenas auxiliam no aprendizado formal, mas também incentivam a autonomia e o pensamento crítico dos participantes.

Portanto, investir na educação e na capacitação profissional é fundamental para garantir um futuro promissor para os habitantes de Caburi. Políticas públicas e iniciativas comunitárias devem continuar a fortalecer esses serviços, garantindo um ciclo de desenvolvimento sustentável e inclusivo.

4.3 Perspectivas dos jovens de Caburi na continuidade dos estudos após o término do Ensino Médio e no campo do trabalho

Diante de todos os resultados numéricos verificados, o questionário ainda contou com uma pergunta discursiva, mediante a qual os participantes deveriam expressar a possibilidade de prosseguirem nos estudos e no campo do trabalho. Para tanto, dos 30 entrevistados, 21

deles revelaram não ter nenhum plano para isso, enquanto 5 deles almejam ingressar em um curso superior (porém sem demonstrarem estratégias concretas), e os outros 3 citaram a vontade de fazer algum curso profissionalizante. Nesse caso, compreende-se que esses números evidenciados nas respostas dos participantes, são reflexos da realidade vivenciada na comunidade, alcançando uma concepção, em sua maioria, conformista, apesar de muitos deles desejarem uma mudança dessa referida realidade.

Nesse sentido, a continuidade dos estudos após a conclusão do Ensino Médio é um desafio para muitos jovens em comunidades rurais e ribeirinhas do Brasil, como é o caso de Caburi. Fatores econômicos, sociais e geográficos influenciam diretamente a permanência ou não desses estudantes no sistema educacional. Assim, entrar na universidade para um jovem pode significar a realização de uma caminhada que é construída por desafios e satisfação principalmente quando esse jovem é pobre, do campo.

Cabe destacar, que os jovens egressos ao término do Ensino Médio desconheciam as funções das universidades e desde cedo assumem o compromisso do trabalho informal, nas práticas agrícolas e da pesca, e muitas vezes são impossibilitados de continuar os estudos. Souza e Vazquez (2015, p. 411), em diálogo com outras teorias e pesquisas, afirmam que, os jovens de escolas públicas por conta de sua origem predominante nas camadas populares possuem baixa expectativa de continuidade dos estudos em geral, e de ingresso no ensino superior em particular, especialmente na universidade pública e alta expectativa de ingresso no mercado de trabalho (por conta da necessidade de contribuir com a renda familiar. Essas expectativas abordadas pelos autores correspondem a um período que antecede a entrada no ensino superior e que, em muitos casos, para os/as filhos das classes populares do campo e da cidade, é determinada pela necessidade do trabalho para contribuir com a renda familiar, o que implica a não continuidade nos estudos. Realidade que se evidencia também pela falta de informação e pelas formas de ingresso na universidade como descrito pelos egressos nas anotações do diário de campo

Quando eu terminei o Ensino Médio, eu não tinha noção como seria o vestibular, o Enem, essas coisas aí, isso não foi explicado para ninguém. Uma professora que sempre comentava lá na escola que tinha que fazer a inscrição e tal, mas eu também não dei ouvidos. Eram situações que eu não sabia que existia, lá no final do bimestre que comentaram. (JEM YA, 2023)

Nesse contexto, Caldas e Facão(2018,p.) acreditam que

Dialogar com os jovens sobre suas possibilidades futuras não significa abrir mão de um sentido para a escola no presente. Pelo contrário, a abertura de espaço na escola para tratar de temas de extrema relevância, tal qual é o tema dos caminhos

do acesso ao ensino superior, é uma maneira eficaz da escola de ensino médio cumprir seu papel e fazer sentido no presente.

As autoras enfatizam a importância de incorporar os projetos juvenis às práticas escolares

Os projetos juvenis no campo das escolhas profissionais nem sempre têm sido incorporados às práticas pedagógicas das escolas. Na maior parte dos casos, quando o tema da escolha profissional adentra no ambiente escolar, restringe-se à busca de soluções operacionais para a adequação dos conteúdos da formação escolar às exigências do mercado de trabalho. Caldas e Falcão(2018,p150)

Nesse direcionamento, a continuidade dos estudos com o ingresso no nível superior é projeto amplamente disseminado entre os jovens dessa geração, inclusive para aqueles pertencentes às camadas de baixa renda. A complexidade dos desafios vividos nesse momento específico da trajetória foi objeto de estudo de Santos (2018), que evidencia que a conclusão do ensino médio, para quem logra realizá-la, é marcada pela busca de novos domínios de inserção, tanto no campo da educação quanto nos do trabalho e das relações familiares.

A Teoria da Reprodução Social (Bourdieu & Passeron, 1970) também contribui para essa análise, destacando que a estrutura social muitas vezes perpetua desigualdades e impede o acesso equitativo à educação. Jovens de comunidades como Caburi podem encontrar obstáculos relacionados ao capital cultural e social necessário para ingressar e permanecer no ensino superior.

Esses obstáculos podem ser visualizados nos relatos dos jovens que deixam perceber que a ausência de infraestrutura educacional limitada pela falta de instituições de ensino superior na região obriga os estudantes a se deslocarem para outras cidades, o que pode ser inviável financeiramente. A fala da jovem demonstra essa ausência de infraestrutura educacional limitada pela falta de instituições de ensino superior na região

Durante meus estudos tive notas boas, mas durante não ter uma universidade na comunidade, não poderei seguir com meus estudos, pois minha família e eu também não temos condições financeiras para sustentar meus estudos em Parintins.(JEM EV, 2023)

A aspiração de prosseguir os estudos após o Ensino Médio existe entre os jovens de Caburi, impulsionada pelo desejo de ascensão social, aquisição de novos conhecimentos e a busca por um futuro com mais oportunidades. No entanto, essa perspectiva frequentemente esbarra em obstáculos significativos, dentre eles a ausência de instituições de ensino superior nas proximidades de Caburi impõe uma barreira geográfica e financeira considerável. A

necessidade de se deslocar para centros urbanos maiores, como Parintins e Manaus, implica em custos elevados de transporte, moradia e manutenção, muitas vezes inacessíveis para as famílias da comunidade.

A realidade socioeconômica de muitas famílias em Caburi, frequentemente dependente de atividades como a pesca, a agricultura de subsistência e o artesanato, exige que os jovens contribuam financeiramente para o sustento familiar logo após a conclusão do Ensino Médio, tornando a dedicação exclusiva aos estudos uma opção inviável para muitos.

As políticas educacionais, nos últimos anos, buscam um processo de equalização das disparidades de acesso ao ensino superior, primando pelo ingresso de uma parcela de candidatos que possuem baixa renda familiar. Aliado a isso, a expansão do Ensino Superior público proporcionou um incremento de vagas nas instituições superiores, bem como a criação de novas IES sob condução do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e por intermédio da Educação a Distância (EAD) pública e gratuita via Universidade Aberta do Brasil (UAB). Essas ações, em especial nos últimos dez anos, têm possibilitado um acréscimo das oportunidades para a sociedade acessar aos cursos superiores. (Redín, 2017)

Redín (2017), traz ainda uma reflexão sobre o tripé –ensino superior, juventude rural e políticas educacionais, enfatizando que foi realçada pela vivência no cotidiano rural que, em certa medida, iniciou um processo de estímulo para que os jovens rurais tivessem acesso a cursos superiores nos municípios circunvizinhos que possuem instituições privadas.

Nessa acepção, o estudo de Felicetti e Fossatti (2014), realizou um mapeamento comparativo entre alunos de cursos de licenciatura bolsistas do Prouni e alunos não bolsistas e concluíram que é necessário um estruturado programa estudantil que forneça cobertura às suas outras demandas como alimentação, moradia, saúde e transporte, determinante para garantir a permanência na universidade e nas licenciaturas até a integralização do curso.

A visão de futuro dos jovens de Caburi é moldada por uma combinação de aspirações pessoais e expectativas sociais. Muitos jovens têm metas relacionadas à carreira, educação, família e realizações pessoais. Essas metas são frequentemente influenciadas pelas oportunidades e limitações presentes em seu ambiente social e econômico.

No Brasil, a desigualdade social pode desempenhar um papel significativo na formação dessas expectativas. Jovens de diferentes origens socioeconômicas podem ter acesso desigual a recursos educacionais e oportunidades de emprego, o que pode afetar suas perspectivas de futuro, como o caso dos jovens egressos da Comunidade de Caburi.

É preciso destacar que a educação também proporciona oportunidades para a reflexão crítica e o debate, permitindo que os jovens desenvolvam uma compreensão mais profunda de como seus valores e ideais se relacionam com a realidade em que vivem.

Nesse pensar, a fim de compreender a essência da juventude e seus desafios, vale acompanhar as mudanças experimentadas pelos mesmos indivíduos, partindo da educação que além de ser a política pública mais essencial ao desenvolvimento econômico e social do país.

Estudos sobre educação em áreas rurais apontam que a distância dos centros urbanos, a carência de instituições de ensino superior próximas e as dificuldades financeiras são barreiras significativas para os jovens (Freire, 1996), confirmando que muitos jovens enfrentam desafios para continuar os estudos após o ensino médio. Dados recentes mostram que uma parcela significativa de estudantes tem a intenção de trabalhar durante o ensino médio, o que pode afetar sua adesão ao ensino integral e à continuidade dos estudos após o Ensino Médio.

Ressaltamos que um processo de baixa valorização dos estudantes das camadas médias inferiores, devido à seletividade socioeconômica, o que revela a inexistência da democratização no processo de ingresso na universidade, conforme nos explica Carrano (2002, p.140). Essa seletividade revela a ausência de processos democráticos de ingresso; o acesso de candidatos com baixo desempenho no transcurso da vida acadêmica estaria ocorrendo somente em cursos pouco concorridos, tais como aqueles relacionados com as licenciaturas. Assim, qualidade e democratização seriam incompatíveis no que diz respeito a profissões desvalorizadas. [...] os estudantes de camadas médias inferiores da população mudaram a composição social da universidade; entretanto, isso ocorreu somente em algumas instituições e cursos (Carrano, 2002, p. 140).

Para os jovens do campo, há o enfrentamento da negação histórica do direito à escolarização nos espaços rurais (Marques, 2019). Assim, para os jovens de Caburi acessar o ensino superior é superar a seletividade que persiste em invisibilizar as desiguais condições de classe/sexo/raça e localização/origem dos setores populares, o que representa ainda uma baixa participação no seletivo espaço universitário no Município de Parintins, em que a pequena participação no número de matrículas na Educação Superior dos jovens de comunidades rurais segundo os dados do observatório do PNE, (2016).

Para os jovens de Caburi o que se espera é no máximo, o ensino médio. Segundo as contribuições de Weisheimer (2005, p. 26), “as possibilidades de inserção social dos jovens

estão condicionadas aos recursos materiais e simbólicos que lhes são disponibilizados ao longo do seu processo de socialização”. E isso pode influenciar no prolongamento da escolarização, como é a situação dos jovens do campo.

O prolongamento da escolarização das pessoas que compõem as atuais gerações do campo e, portanto, há uma ruptura com os condicionantes materiais, históricos, sociais e geográficos. Isto porque “ser jovem potencializa questionar projetos políticos-culturais que sufocam transformações, ainda que não necessariamente todos os indivíduos em idades jovens busquem mudanças [...]” (Abramovay; Castro, 2015, p. 23). Os jovens do campo que acessam o ensino superior parecem ser do tipo que questionam projetos políticos culturais, experimentam outras condições e tornam-se “entre aspas”.

Os jovens egressos do Ensino Médio do Caburi dividem com inúmeros outros a realidade em deixar de lado o sonho de cursar uma graduação desejada pelo fato de não ter recursos financeiros suficientes para sua permanência nas universidades/cidades que a ofertam. A constatação nas falas dos jovens descritas no diário de campo, a afirmação que há dificuldade financeira da família para que os jovens permaneçam no curso superior em uma instituição fora da comunidade de Caburi.

Os jovens do interior não têm esses benefícios que os jovens da cidade têm. Como vão sair de sua comunidade sem expectativa de manutenção no município. (JEM EV,2023)

Eu quero muito continuar meus estudos para ver também minha mãe feliz, mas aqui em Caburi é difícil, não tem universidade e também o tecnológico é até o 3 ano também, não dá nem para gente continuar nossa formação. (JEM AN,2023)

As falas dos jovens egressos mostram uma das dificuldades enfrentadas por estudantes pobres do campo. No caso dele especificamente, traduz a ausência de moradia no Município de Parintins e a renda familiar de não ter condições necessárias para assumir as despesas pelos pais que trabalham na roça, sem renda fixa, vivendo com recursos financeiros inferiores a um salário mínimo. Assim a ausência de moradia no local dos cursos universitários oferecidos contribui para a permanência dos jovens na comunidade e a não continuação dos estudos.

Dessa maneira, ressalta-se que políticas públicas poderiam ser criadas como a oferta de Cursos Técnicos e Profissionalizantes Acessíveis, visto que nem todos os egressos do ensino médio têm interesse ou condições financeiras para ingressar em uma universidade. Cursos técnicos e profissionalizantes oferecem uma alternativa possível, pois possuem

menor duração e permitem uma inserção mais rápida no mercado de trabalho. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), trabalhadores com formação técnica apresentam taxas de empregabilidade superiores às daqueles que possuem apenas o ensino médio tradicional.(Redin, 2017)

A educação é um meio de emancipação das pessoas (Martins, 2005). O acesso ao ensino superior coloca o jovem rural com maiores conhecimentos, o que implica necessariamente em uma mudança cultural na unidade de produção familiar. Porém, em termos de políticas educacionais, a juventude rural ainda é invisível e passa marginalizada do processo das cotas, em especial, pela compreensão de que o critério baixa renda é suficiente para a inclusão nos programas federais de acesso ao ensino superior.

Em relação a perspectivas e estratégias dos jovens de Caburi no campo do trabalho, destaca-se que a inserção no mercado de trabalho formal em Parintins enfrenta desafios significativos, especialmente entre aqueles provenientes de comunidade menos desenvolvidas, como Caburi, no Amazonas. Fatores como a falta de qualificação profissional, oportunidades limitadas e a necessidade de conciliar trabalho e educação são elementos citados pelos jovens para a inserção no mercado de trabalho.

O que vier é bem vindo do jeito que tá a situação. (JEM AN, 2023)

Planos eu tenho, mas na comunidade não tem trabalho (JEM JO, 2023)

Nas descrições são reveladas que a falta de capacitação profissional, oportunidades de trabalho na comunidade são uma das principais dificuldades enfrentadas pelos jovens ao buscar uma vaga no mercado de trabalho formal. Essa carência frequentemente os direciona para o trabalho informal, perpetuando um ciclo de precariedade e instabilidade.

Os jovens de Caburi enfrentam desafios e oportunidades únicas ao ingressar no mercado de trabalho. Vivendo em regiões onde a economia está fortemente ligada aos recursos naturais e à cultura tradicional, eles precisam equilibrar as expectativas do desenvolvimento econômico com a preservação de seu modo de vida ou situação financeira. Assim, alguns jovens optam por seguir atividades tradicionais, como a pesca, o extrativismo e a agricultura familiar, mantendo vivas as práticas ancestrais e contribuindo para a sustentabilidade de família e sua comunidade.

Diante dos dados é possível perceber que, enquanto vivem, os jovens estabelecem experiências sociais que são por meio de estilos de vida específicos e distintos, entendidos

como culturas juvenis. Os diversos estilos de vida são forjados pelo meio no qual os jovens estão inseridos, pelas oportunidades que recebem, pelas opiniões que o cercam e por influências de outros sujeitos, meios e esferas sociais, além de características individuais e pessoais (Dayrell, 2007).

Desses modos, a conjuntura econômica e o contexto de instabilidade política no Brasil estão piorando a relação dos jovens com o mundo do trabalho. A pandemia da Covid-19 agravou a situação, reduzindo oportunidades de emprego e estudo e aumentando as vulnerabilidades de grupos que já enfrentam obstáculos históricos, com destaque para as pessoas de baixa renda, como os jovens de Caburi. As descrições dos jovens levou a perceber duas situações importantes para entender o atual cenário enfrentado pelas juventudes brasileiras em relação ao mercado de trabalho: o número significativo de jovens sem oportunidade de emprego e a continuação dos estudos.

Percebemos ainda as principais barreiras elencadas pelos jovens de Caburi para inclusão produtiva de qualidade: as responsabilidades domésticas precoces, maternidade precoce, baixa inclusão digital. Assim, ressaltamos que embora essa condição seja transitória, o afastamento prolongado das juventudes no mercado de trabalho pode gerar um impacto negativo nas trajetórias laborais ao longo de uma vida, a partir de experiências precárias no início da jornada produtiva.

Diante dos dados percebemos que para os jovens, não adianta só oferecer vagas, é preciso também o apoiar em seu processo de desenvolvimento e se manter um diálogo constante com o sistema educativo, a nível médio e superior, e com políticas intersetoriais, que envolvam também cultura, desenvolvimento econômico, ciência e tecnologia para comunidades rurais.

Assim, destacamos a implementação de uma política pública bem feita, bem articulada e implementada chega lá na ponta, onde mais ninguém consegue. Que lute pelo protagonismo jovem do/no campo na construção de um Plano Nacional para as Juventudes. Política pública de longo prazo, que entenda a complexidade dos desafios experimentados pelas juventudes amazonenses e, principalmente de comunidades distantes do município, e que olhe para educação, trabalho, mobilidade rural e todas as questões que afetam as juventudes em diferentes dimensões de sua vida.

Ressaltamos que a organização coletiva e a busca por políticas públicas específicas são essenciais para garantir melhores condições de trabalho e desenvolvimento para os jovens ribeirinhos. Associações comunitárias, cooperativas e movimentos sociais têm sido

fundamentais na luta por direitos e oportunidades.

Para os jovens de Caburi, a conclusão do Ensino Médio representa uma encruzilhada crucial, onde as perspectivas de continuidade dos estudos e ingresso no mercado de trabalho se entrelaçam com os desafios e as oportunidades únicas de sua comunidade amazônica.

Desafios na qualidade do ensino fundamental e médio podem impactar a preparação dos jovens para os processos seletivos mais exigentes do ensino superior, gerando insegurança e desmotivação.

Apesar desses desafios, alguns jovens de Caburi demonstram grande determinação em buscar a continuidade dos estudos, seja através de esforços individuais para conseguir bolsas de estudo, programas de educação a distância (quando acessíveis) ou mesmo adiando seus planos até reunirem condições financeiras.

Para muitos jovens de Caburi, a inserção no mercado de trabalho logo após o Ensino Médio não é apenas uma opção, mas uma necessidade. As perspectivas nesse campo são moldadas pelas características da economia local: as oportunidades de trabalho em Caburi são frequentemente concentradas em setores primários, como a pesca, a agricultura e o extrativismo, além de atividades informais ligadas ao turismo de pequena escala (Festival de Verão de Caburi) e ao comércio local. Empregos com carteira assinada e melhores salários são escassos.

Por outro lado, existe um potencial a ser explorado na valorização do conhecimento tradicional da comunidade, ligado ao manejo sustentável dos recursos naturais, ao artesanato local e ao turismo ecológico e cultural. Iniciativas que capacitem os jovens nessas áreas podem gerar renda e fortalecer a identidade cultural de Caburi.

Dessa forma, a inserção dos jovens egressos do ensino médio de comunidades amazônicas no mercado de trabalho exige uma abordagem inovadora e adaptada à realidade local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecer considerações em uma pesquisa que tem como objetivo compreender as trajetórias de educação e de trabalho de jovens egressos do ensino médio, que residem na comunidade de Caburi, Município de Parintins não é tarefa fácil, pois mesmo tendo pesquisas que versem sobre juventude rural e as relações de educação e trabalho, nossa caminhada foi a busca de estudos precisos que contribuíssem com as reflexões desta pesquisa, até porque as dinâmicas encontradas sobre juventude rural de outras regiões são diferentes das comunidades no município de Parintins em virtude da localização espacial.

Podemos afirmar que o processo de pesquisa, de modo geral, seguimos etapas a saber: a compreensão mais aprofundada do tema, por meio dos autores e obras que tratam da temática; imersão na realidade a ser interpretada pela busca de dados sobre os fenômenos investigados; sistematização e organização dos dados sobre os fenômenos investigados como forma de facilitar as análises pretendidas; discussão e interpretação dos dados sobre os fenômenos à luz do conhecimento produzido pela análise de conteúdo; e, por último, registro de todo processo de produção dos novos conhecimentos.

Na etapa inicial da pesquisa, foi preciso empreender estudos, a partir de leituras mais extensa e rigorosa buscando nos autores e obras e suas contribuições no sentido de proporcionar oportunidades de empreender de forma mais sistematizada as reflexões sobre a temática, realizando a etapa da leitura, análise e interpretação de textos.

Após as análises preliminares dos dados coletados a partir dos marcos conceituais do estudo, seguimos para a Coleta de Dados, potencializando os fenômenos observados, o registro no diário de campo e as respostas dos questionários. Organizamos as leituras e observações, a abordagem dos sujeitos tendo claro entendimento a busca por dados sobre a realidade e tendo o cuidado de não induzir nossas próprias observações e as respostas dos sujeitos às indagações contidas no questionário pelo fato de ter vivência na comunidade.

Os objetivos propostos foram alcançados através das ferramentas e técnicas da pesquisa etnográfica, com um olhar para o fenômeno de modo que proporcionaram caminhos e estratégias para compreender os aspectos significativos das trajetórias vividas pelos jovens da Comunidade de Caburi, concluintes do ensino médio no ano de 2021, por meio de suas próprias descrições contidas no questionário, nas observações e no diário de campo. Assim, a sistematização e organização dos dados coletados, por meio do questionário e do diário de

campo, criou condições para as análises que foram empreendidas para o alcance dos resultados na pesquisa e organização das categorias de análise.

Na imersão da pesquisa in lócus tomamos certos cuidados com a abordagem dos sujeitos e a apresentação da nossa proposta de estudo, tendo uma postura em relação à problemática a ser estudada e os procedimentos teórico-metodológicos com a temática. A coleta de dados foi preparada e acompanhada dos cuidados necessários para o enfrentamento das relações interpessoais entre os envolvidos, possibilitando os dados emergirem com mais facilidade.

Os depoimentos dos sujeitos participantes do questionário semiestruturado passaram por processo de exploração e análise qualitativa, tendo como parâmetros os objetivos da pesquisa. As conversas durante a imersão da pesquisa foram descritas em um diário de campo e o material coletado sendo utilizado somente para esta pesquisa e armazenado em local seguro sob guarda e responsabilidade da pesquisadora. A análise dos dados qualitativos foi realizada com base na análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011) enfatizando que é uma das formas mais adequadas para as investigações qualitativas.

Seguindo os passos de alguns autores (Pais, 2001; Sposito, 2002; Corrochano, 2004; Dayrell 2003, 2014), para além de uma delimitação etária, consideramos a juventude como uma categoria em permanente construção social e histórica, incorporando a complexidade da vida em suas dimensões biológicas, sociais, psíquicas, culturais, políticas, econômicas etc que organiza as múltiplas maneiras de viver a condição juvenil. Assim, o entendimento de que a relação dos jovens com a educação e o trabalho é marcada por uma grande diversidade no âmbito das experiências e que as várias dimensões interferem nas experiências da juventude e nas suas trajetórias de vida.

No caminho percorrido confirmamos a tese levantada de que as trajetórias dos jovens de Caburi refletem desigualdades estruturais que afetam os jovens das comunidades ribeirinhas amazônicas e se materializam em diversos modos de impedimento à continuidade de estudos e em inserções precárias no mundo do trabalho. Permanecer morando em Caburi no pós ensino médio, por necessidade ou por escolha, impõe limitações aos projetos de escolarização e de inserção profissional, comprovando-se o local de moradia como um marcador social de desigualdades.

Os resultados apontam que a Comunidade de Caburi, situada no interior do Amazonas, enfrenta diversas dificuldades que limitam o acesso de seus moradores ao ensino superior. Essas barreiras vão desde questões geográficas e estruturais até fatores

socioeconômicos e culturais, tornando o ingresso e a permanência dos jovens em universidades um grande desafio.

Uma das principais dificuldades é a distância e o isolamento geográfico. Caburi está localizada longe dos grandes centros urbanos que oferecem instituições de ensino superior, o que obriga os estudantes a se deslocarem por longas distâncias, muitas vezes enfrentando dificuldades com transporte fluvial ou terrestre precário. O custo das viagens e a falta de infraestrutura adequada agravam ainda mais a situação, tornando inviável a locomoção diária para estudos.

Além disso, a falta de escolas com ensino médio de qualidade é um grande entrave. O ensino na comunidade, em muitos casos, não oferece a base necessária para que os alunos se sintam preparados para vestibulares e exames como o Enem, dificultando seu ingresso nas universidades.

Outro obstáculo significativo é a questão financeira. Muitas famílias da comunidade vivem da pesca, agricultura de subsistência e pequenos comércios, o que limita a capacidade de arcar com os custos da educação superior, como mensalidades, moradia e alimentação em outra cidade. A falta de incentivos financeiros, como bolsas de estudo e auxílios estudantis específicos para comunidades ribeirinhas, torna essa realidade ainda mais desafiadora.

A conectividade limitada também impacta negativamente o acesso ao ensino superior, especialmente na modalidade a distância. A internet na região é instável e, em alguns pontos, inexistente, dificultando o acesso a plataformas de ensino online e reduzindo as oportunidades de qualificação profissional e acadêmica.

No estudo, a constatação da formação familiar e intimista influencia na decisão da continuidade dos estudos após o Ensino Médio em Caburi. Muitos jovens enfrentam falta de apoio familiar e comunitário, pois o ensino superior é visto, por alguns, como algo distante da realidade local. A necessidade de ajudar no sustento da família faz com que muitos desistam dos estudos para trabalhar desde cedo.

Afirma-se ainda que muitos jovens de Caburi possivelmente buscarão formação de nível superior em outro momento da vida, mas o arco das escolhas no início de seus percursos profissionais e educacionais, será certamente condicionado pela ausência de universidades na Comunidade de Caburi e moradia no local de cursos de graduação oferecidos.

Os artigos das leis das políticas educacionais federais, estaduais e municipais destacam que são constituídas considerando as necessidades específicas das populações do campo e das comunidades, assegurando a equidade educacional e a diversidade cultural, mas

a realidade mostra fatores estruturais e geográficos enfrentados por estudantes que influenciam a decisão dos jovens egressos do Ensino Médio em Caburi para um horizonte no curso superior e no mercado de trabalho.

No cerne dessas trajetórias juvenis, está a ausência de moradia na sede do Município de Parintins, assim o fato de morar em uma comunidade ribeirinha da Amazônia coloca os jovens em uma posição desvantajosa no acesso a direitos básicos e mais ainda, as dificuldades enfrentadas pelos jovens de Caburi não são apenas desafios individuais, porém fazem parte de um padrão maior de desigualdade estrutural que afeta as populações ribeirinhas da Amazônia, limitando seu futuro educacional e profissional. Dessa forma, para aqueles jovens que continuam morando em Caburi após o ensino médio, seja por escolha ou necessidade, as opções de escolarização e trabalho são limitadas. Isso reduz as possibilidades de ascensão social e reforça um ciclo de desigualdade. Como afirma os jovens “triste, mas, essa é a nossa realidade!”.

As perspectivas dos jovens de Caburi na continuidade dos estudos e no campo do trabalho são complexas e multifacetadas, marcadas por desafios significativos, mas também pela resiliência e pelo desejo de construir um futuro melhor. Para que esses jovens possam alcançar seu pleno potencial, é fundamental: buscar parcerias com instituições de ensino superior para oferecer cursos à distância ou presenciais em polos próximos a Caburi, além de facilitar o acesso a programas de bolsas e auxílios financeiros. Assim como implementar cursos técnicos e profissionalizantes que atendam às demandas do mercado local e regional, preparando os jovens para oportunidades de emprego mais qualificadas. Criar centros de informação e orientação que ofereçam apoio pedagógico, informações sobre oportunidades de estudo e trabalho. E, apoiar iniciativas que valorizem o conhecimento tradicional, o turismo sustentável e o empreendedorismo local, criando oportunidades de trabalho e renda para os jovens de Caburi.

Dessa forma, diante do estudo, indica-se que para superar essas dificuldades, é essencial o fortalecimento de políticas públicas que promovam o acesso e a permanência dos estudantes das comunidades no ensino superior. Investimentos em infraestrutura, transporte, conectividade e programas de incentivo podem fazer a diferença na vida dos jovens da Comunidade de Caburi, garantindo que tenham as mesmas oportunidades educacionais que outros brasileiros.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 5-6, 25-36, 1997

ABRAMOVAY, Ricardo. Juventude rural: ampliando as oportunidades. *Raízes da Terra: parcerias para a construção de capital social no campo*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 45-52, abr. 2005.

ABRAMOVAY, Ricardo. *A densa vida financeira das famílias pobres. Laços financeiros na luta contra a pobreza*. Tradução . São Paulo: Annablume, 2004.

ABRAMOVAY, Miriam et. al. (Org.). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ABRUCIO, Fernando. Federalismo brasileiro e projeto nacional: os desafios da democracia e da desigualdade. *Revista usp*, 134: 127-142, 2022.

ALDEIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aldeia/>. Acesso em: 08/03/2024.

ALENCAR, M. M. T. Transformações econômicas e sociais no Brasil dos anos 1990 e seu impacto no âmbito da família. In M. A. Sales, M. C. Matos & M. C. Leal (Orgs.), *Política social, família e juventude: uma questão de direitos* (pp. 61-78). São Paulo: Cortez, 2008.

ALMEIDA, E. N. BASSALO, L. M. B. Narrativas de professores ribeirinhos: tensões, fragilidades e desafios. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 21, n. 70, p. 1169-1191, jul./set. 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/27018>. Acesso 03 de março de 2023.

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. *Prouni e o ensino superior privado lucrativo em São Paulo: uma análise sociológica*. São Paulo: Musa, 2014.

ALVES, Mayk. Agrovila, além de ser moradia, também produz alimentos e gera renda. *Portal Vida no Campo e Agro20*, 12.06.2020. Disponível em: <https://www.agro20.com.br/agrovila/>. Acesso em: 28 de setembro de 2023.

ALVES, Maria Zenaide. *Ser alguém na vida. Condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da microrregião de Governador Valadares-MG*. 2013. 213 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ALVES, Maria Alda de Sousa. *Juventudes e Ensino Médio: transições, trajetórias e projetos de futuro*. 2016. 220f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2016.

ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. *Educ. Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 02, p. 375-390, abr./jun. 2015.

ANDRADE, Carla C. de. Juventude e Trabalho: alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. Ipea: mercado de trabalho, nov. 2008

ARAÚJO, Marciano Vieira de. A Evolução do Sistema Educacional Brasileiro e seus Retrocessos. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Ed. 01, Vol. 1. pp 52-62, Abril de 2017.

ARAÚJO, Kathya; MARTUCCELLI, Danilo. La inconsistencia posicional: un nuevo concepto sobre la estratificación social. Revista CEPAL, Santiago de Chile, n. 103, p. 165-178, abr. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.cepal.org>>. Acesso em: 16/06/2024.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2016.

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Entre sentidos e significados: um estudo sobre visões de mundo e discussões de gênero de jovens internautas /Lucélia de Moraes Braga Bassalo.2012. 240 f. Tese (doutorado). Orientação: Wiviam Weller .-Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós - graduação em Educação,2012.

BASSALO, L. B.; SOUZA, A. A. Estão roubando a nossa felicidade: percepções de jovens, estudantes de Ensino Médio, sobre viver num bairro popular. DEBATES EM EDUCAÇÃO, v. 12, p. 410-426, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n27p410-426>

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; **Moraes**, Ceila Ribeiro de; **Silva**, Jardinelio Reis da (Orgs). Juventude e Educação no Pará: Projetos de Vida, Trajetórias e Gênero. Belém: IOEPA, 2021.

BELTRÃO; Camarano, A. A.; KANSO, S. Ensino fundamental: diferenças regionais. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 19, n. 2. 2002, p. 135-157.

BOF, Alvana & MORAES, Gustavo. Impactos da pandemia no aprendizado dos estudantes brasileiros”. Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, 7: 277-306, 2023

BOGDAN, R. C., BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação. Tradução Maria J. Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo M. Baptista. Porto, Portugal: Porto Editora, LDA, 1994.

BORSOI, L. Permanência do jovem no campo, um levantamento sobre os fatores que influenciam esta decisão. Anais... VI SINGEP. São Paulo. Disponível em: <https://singep.org.br/>. Acesso em: 1 mar. 2023.

BOURDIEU, Pierre (2001). Razões Práticas sobre a Teoria da Acção. Oeiras: Celta Editora.

BOURDIEU, Pierre (2003). Questões de Sociologia. Lisboa: Fim de Século Edições.

BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, J. C. A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Vozes, 1970.

BOURDIEU, PIERRE. "O capital cultural: elementos para uma teoria da reprodução". In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1983.

BRASIL. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Dispõe sobre a oferta de cursos na modalidade a distância. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em 20 de abril de 2023.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade, Em: Juventude Rural em perspectiva, Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

BRITO, Jaqueline Andrade. Vivências E Experiências Em Educação E Trabalho: Um Estudo De Caso Sobre Jovens Do Campo Egressos Do Curso Técnico Profissionalizante Em Agropecuária /Pronatec Ubaíra-Ba (2012-2014). 2016. 117 f. Dissertação(Mestrado profissional em educação do Campo). Universidade Federal Do Recôncavo Da Bahia-UFRB. Amargosa- BA, 2016

CALDAS, Edla Cristina Rodrigues; FALCÃO, Nádia Maciel. Diálogos sobre a escolha profissional: a aproximação entre o estudante da escola pública de ensino médio e a universidade. Revista Brasileira de Extensão Universitária. v. 9, n. 3, p.147-156, set.–dez, 2018.

CAMARANO, Ana Amélia (org.). Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CARDOSO, Adalberto. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. Caderno crh, 26 (68): 293-314, 2013.

CARNEIRO, Maria José. Juventude Rural: projetos e valores In: Perfil da Juventude Brasileira. Fundação Perseu Abramo, 2005.

CAREGNATO, Célia Elizabete; MIORANDO, SFREDO, Bernardo; RAIZER , Leandro; PFITSCHER, Ricardo Gausmann. Desigualdades encadeadas no sistema educacional brasileiro: estratificações entre os níveis médio e superior da educação. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 14, n. 2, p. 469-486, maio/ago. 2019 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em 22 de setembro de 2024.

CARRANO, P. C. R. Juventude: as identidades são múltiplas. Juventude, Educação e Sociedade, maio)1, 52-72, 2000.

CARRANO, P. C. R. Jovens Universitários. In: SPOSITO, M. P. (Org.). Juventude e Escolarização. Série Estado do Conhecimento n. 7. Brasília: Comped 2002.

CASTRO. Pedro Neves de. Políticas públicas para a juventude, compreendendo as especificidades das diferentes experiências de ser-jovem em espaços locais. Revista Juventudes Amazônicas. 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/juventudes-amazonicas/>. Acesso em outubro de 2024

CASTRO, Edna; NASCIMENTO, Edna. Juventudes e desigualdades na Amazônia. Belém:

NAEA/UFPA, 2018.

COSTA, J. F.; NASCIMENTO, L. R. Mercado de trabalho e juventude no campo amazônico. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Rural*, v. 16, n. 2, p. 45-62, 2020.

CASTRO. PEDRO NEVES DE. Políticas públicas para a juventude, compreendendo as especificidades das diferentes experiências de ser-jovem em espaços locais. *Revista Juventude Amazônica*, 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/juventudes-amazonicas/>. Acesso em outubro de 2024

CASTRO, E. G. de. Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Orientador: Moacir Palmeira. 2005. 427 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1624/1/tese.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023

CASTRO, E.G.; MARTINS, M.; ALMEIDA, S.L.F.; RODRIGUES, M.E.B. & CARVALHO, J.G. Os jovens estão indo embora? Juventude Rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: MAUAD X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. *Revista latinoamericana de ciências Sociales, Niñez y juventud*, v. 7, n. 1, p. 179-208, 2009.

CASTRO. As desigualdades regionais no sistema educacional brasileiro. In: *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Rio De Janeiro: Ipea, 2000, p. 425-458.

CARVALHO, Osvaldo Ferreira de. As políticas públicas como concretização dos direitos sociais. *Rev. Investigações Constitucionais*, Curitiba, vol. 6, n. 3, p. 773-794, set/dez. 2019.

CERTEAU, M. de (2009). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis/RJ, Vozes.

CHAVES, Maria P. S. R. Uma experiência de pesquisa--ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia: o estudo de caso do assentamento de Reforma Agrária Iporá. 2001. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

CITY POPULATION. Estatísticas populacionais para países, divisões administrativas, cidades, áreas urbanas e aglomerações – mapas e gráficos interativos. https://www.citypopulation.de/en/brazil/amazonas/parintins/130340315__caburi/. Acesso em 20 de janeiro de 2024.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT). *Conflitos no campo Brasil 2023*. Goiânia: CPT Nacional, 2023.

CORSEUIL, C. H. L et al. A inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho num contexto de recessão. *Dossiê Juventude e trabalho – Novos Estudos Cebrap*, 39, Set.-Dec., 2020.

CORSEUIL, C. H. L et al. A aprendizagem e a inserção de jovens no mercado de trabalho: Uma análise com base na RAIS. Relatório de pesquisa. Brasília: IPEA, 2016.

COSTA, Elineia Nascimento da. A Educação de Jovens e Adultos no Município de Parintins – Amazonas: Desafios e Possibilidades. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 02, Vol. 12, pp. 119-130. Fevereiro de 2021. ISSN: 2448-0959, de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/adultos-no-municipio>

CRUZ, N. C. da. “Esse ambiente não é para todo mundo”: as condições de inserção e de permanência de egressos/as da EJA no ensino superior público. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação (FaE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2016.

CURY, C.R.J. A educação básica como direito. Cadernos de Pesquisa, v. 38, n. 134, maio/ago. 2008

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 24, set./dez. 2003.

DAYRELL, Juarez. A exclusão de jovens de 15 a 17 anos no ensino médio no Brasil: desafios e perspectivas. Relatório de pesquisa. Brasília: UNICEF/MEC. 2014. Mimeo.

DAYRELL, Juarez. Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG / Juarez Dayrell (organizador). – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

DIEESE, Departamento Intersindical De Estatística E Estudos Socioeconômicos. O mercado de trabalho assalariado rural brasileiro São Paulo, 2014. (Estudos e Pesquisas, n. 74).

DIAS, Maria Sara d. L. Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida dos universitários. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2009.

DOMINGOS, Magna Rita Arcanjo. Do campo à universidade: análise das trajetórias acadêmicas de jovens oriundos do meio rural. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Geografia. Viçosa, MG, 2021.

DUBAR, Claude. A construção social da integração profissional. Educação e Sociedades, 1 (7): 23-36, 2001.

FARIAS, Degiane da Silva. Juventude, escolarização e projeto de vida: representações sociais dos jovens de Bragança/Amazônia Paraense. Orientadora: Ivany Pinto Nascimento. 2018. 255 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10898>. Acesso em: agosto de 2022

FALCÃO, Nádia Maciel. “É pesado, mas vou levando”: jovens de Manaus entre a escola e o trabalho. – 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2014.

FELICETTI, V. L.; FOSSATTI, P. Alunos Prouni e não Prouni nos cursos de licenciatura: evasão em foco. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 51, p. 265-282, jan./mar. 2014.

FERNANDES, ANTÔNIO TEIXEIRA (Coord.) (2001). Estudantes do Ensino Superior no Porto: Representações e Práticas Culturais. Porto: Edições Afrontamento.

FERREIRA, Felipe e CRUZ, Giseli Barreto da. Professores não licenciados na Educação Básica: sentidos de docência no Ensino Médio Integrado. Rev. Diálogo Educ. [online]. 2021, vol.21, n.71, pp.1583-1608. Epub 26-Jan-2022. ISSN 1981 416X. <https://doi.org/10.7213/1981-416x.21.071.ds05>. Acesso em março de 2023

FLEURY, Sonia. Do welfare state ao warfare state. Conjuntura Política Brasileira, Rio de Janeiro, Dossiê n. 2, jun. 2013.

FONSECA, João José Saraiva. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Jacqueline C.S. Juventude Ribeirinha: identidade e cotidiano. Dissertação de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento. Belém: UFPA, 2002.

FREIRE, Jacqueline e CASTRO, Edna. Juventude na Amazônia Paraense: identidade e cotidiano de jovens assentados da reforma agrária In: Castro, Elisa G. e Carneiro, Maria José (Orgs.). Juventude Rural em Perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FREIRE, Jacqueline C.S. Ser jovem na Amazônia. Teoria e Debate. EDIÇÃO 250. Novembro de 2024. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2009/01/05/ser-jovem-na-amazonia/>. Acesso em: 22/10/2024

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. Paz e Terra, 1996.

GHEDIN, Evandro (Org.). **Efeito borboleta**: experiências em Educação do Campo. Manaus: UEA e Editora Valer, 2013.

GHEDIN, Evandro. Teorias do currículo. In: GHEDIN, Evandro (org.) Currículo: Avaliação e gestão por projetos no ensino médio. 2ª ed. Manaus: Editora Travessia/SEDUC, 2007.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade pessoal: o self e a sociedade na época contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; BRITO, Murillo Marschner Alves de; COMIN, Alvaro Augusto. Trajetórias e transições entre jovens brasileiros: Pode a expansão eludir as desigualdades? Dossiê Juventude e Trabalho. <http://dx.doi.org/10.25091/s01013300202000030002>. Novos estudos. CEBRAP. Sao Paulo. V39n03. 475-498. Set.–dez, 2020

HAGE, Salomão. Classes Multisseriadas: Desafios da educação rural no Estado do Pará/ Região Amazônica. In: HAGE, Salomão (org.). Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará. – Belém: Gráfica e Editora Gutemberg Ltda, 2005. pp. 42-60.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HÖFLING, Eloisa de Mattos G. Estado e políticas (públicas) sociais. Cad. CEDES,

Campinas, v. 21, n. 55, nov. 2001

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISE SOCIAIS E ECONÔMICAS. 2019. Disponível em: <https://ibase.br/pt/category/midioteca/publicacoes/>. Acesso em 05/11/2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. Juventude e mercado de trabalho na Amazônia Legal: desafios e perspectivas. Brasília: IBGE, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Conheça cidades e estados do Brasil: Amazonas**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em dezembro de 2023.

KUMMER, Rodrigo. Juventude rural, entre ficar e partir: a dinâmica dos jovens rurais da comunidade de Cerro Azul, Palmasola/SC. 2013. 308 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2013. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/2007>. Acesso em: 14 jul. 2023.

LEWGOY, A. M. B.; ARRUDA, M. P. Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: a experiência do diário digital. Revista Textos e Contextos: coletâneas em Serviço Social, Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 2. 2004, p. 115-130.

LIMA, Nara Maciel Falcão. Jovens de camadas populares na Educação Superior pública do Amazonas: acesso e permanência. 159 f. Orientadora: Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues Chaves. Universidade. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, 2018

LOUREIRO, João de Jesus Paes. “A Poética do Imaginário”. In: Cultura Amazônica: uma Poética do Imaginário. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

MACEDO, Severine; RIBEIRO, Eliane. Notas sobre políticas públicas de juventude no Brasil Conquistas e desafios. Revista de Ciências Sociais, DS-FCS, vol. 31, n.º 42, janeiro-junho 2018, pp. 107-126

MADEIRA, F. R. Recado dos jovens: mais qualificação. In: BRASIL. Ministério do Planejamento e Orçamento. Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília: CNPD, 1998. p.427-96.

MAGRO, Alini Dal'. Juventudes Periféricas e o Mercado De Trabalho. Geração Z. INSTITUTO PROA 2023. Disponível em: <https://www.proa.org.br/wpcontent/uploads/2023/05/geracaozjuventudesperifericas-no-mercado-de-trabalho.pdf>. Acesso em 25 de outubro de 2024

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARQUES, Thayná Costa. A Condição Nem Nem Da Juventude Brasileira No Contexto Do Desemprego Estrutural: Investigando A Formação Profissionalizante. Profª Ph. D Betânia Moreira de Moraes. 2020. 114 f. Dissertação (Mestrado). Programa De Pós-Graduação em Educação – PPGÉ. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020.

MARTINS, J. S. Cultura e educação na roça, encontros e desencontros. *Revista USP*. São Paulo, n. 64, 2005, p. 28-49.

MAYORGA, C. et al. Protagonismo juvenil: a politização do jovem ou a redução da ação política? In: BARBOSA, J. L.; SOUZA E SILVA, J. SOUSA, A. I. (Org.). **Políticas Públicas e Juventude**. Rio de Janeiro/RJ: Coleção Grandes Temas do Conexões de Saberes, 2009.

MENEZES, Vitor Matheus Oliveira de; SANTOS, Raquel Souza dos. Juventude, educação e trabalho no Brasil. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 35, n. 3, 2023

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MONTAGNER, Paula. Cresce o número de jovens que não estudam nem trabalham no Brasil. *Forbs Stories. Revista eletrônica*. 28/05/2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2024/05/cresce-o-numero-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-no-brasil/>. Acesso em 06/06/2024.

MONTEIRO, J. Quem são os jovens nem-nem? Uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho. **Texto para Discussão**, n. 34, FGV/Ibre, 2013.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. *Educação a Distância: uma visão integrada*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

MOREIRA, Edna. LEÃO, Geraldo. Modos De Ser E Viver A Condição Juvenil Entre Estudantes Do Ensino Médio No Campo. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. v.40. e46934, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/Ygcf4K3BntNcnYnkXcMX9tv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de outubro de 2024

MOREIRA, F. R. Escolha profissional: um desafio possível. Em C. Weinberg (Org.), *Geração delivery – adolecer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2008.

MOTA, Denise Guichard Freire da. Os jovens que nem trabalham nem estudam no Brasil: caracterização e transformações no período 2004/2015. Orientador: João Luiz Maturity Saboia Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, Programa de Pós-Graduação em Economia da Indústria e Tecnologia, 2018.

NERI, M. *Atlas das juventudes – Jovens, população e percepções*. Rio de Janeiro: FGV Social, 2021.

NERI, M. *Jovens: projeções populacionais*. Rio de Janeiro: FGV Social, 2021.

NERI, M. *Juventudes, educação e trabalho: Impactos da pandemia nos nem-nem*. Rio de Janeiro: FGV Social, 2021.

NEVES, S. Caburi: uma comunidade amazônica na sociedade em rede. *Revista Eco-Pós*, v.25, n.3, p. 178-199, 2022. DOI: 10.29146/eco-ps.v25i3.27952

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. FORTES. Maria De Fátima Ansaloni. A importância dos estudos sobre trajetórias escolares na Sociologia da Educação

contemporânea. Paidéia: r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú, Univ. Fumec Belo Horizonte. Vol 17 N.28 p.61-7 jul./dez.2022. revista.fumec.br/index.php/paideia/article/download/9576/4662. Acesso em 09/02/2024.

NOVAES, Regina. Políticas de juventude no Brasil: continuidade e rupturas. In: Juventude e Contemporaneidade. Brasília: Unesco, MEC, Anped, 2007.

NOVAES, Regina Célia Reyes et al. (org.). Agenda Juventude Brasil. Leituras sobre uma década de mudanças. Rio de Janeiro: Editora UNIRIO, 2016.

OCDE, Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora. Educação em 2022 Segundo A Oede Relatório Oede <https://cer.sebrae.com.br/blog/educacao-em-2022>. 2022. Acesso em fevereiro de 2023

OLIVEIRA, Anne-Marie Milon. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica . Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 51 set.-dez. 2012.

OLIVEIRA, M. C.; SOUZA, R. P. A interiorização da educação superior na Amazônia: desafios e perspectivas. Educação & Sociedade, v. 40, n. 3, p. 515-538, 2019.

OLIVEIRA, R.C.M. (Entre)linhas de uma pesquisa: o diário de campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos. 2014, v. 2, n. 4. Disponível em:. Acesso em 04 set. 2022.

OLIVEIRA, Leilson Barros. Cheguei ao Ensino Médio: educação e trabalho, desafios de uma ação de integração e as implicações da geração Nem-Nem (2017-2018). Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA. Crato-CE, 2019

PAUGAM, Serge (Coord). A Pesquisa Sociológica. Tradução de Francisco Morás-Petrópolis,RJ: Vozes,2025.

PAIS, J. M. Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro. (4º edição). Berlin: GD Publishing / Edições Machado, 2016

PANNO, F; DESSIMON MACHADO, J. A. Influências na Decisão do Jovem Trabalhador Rural: Partir ou Ficar no Campo. Desenvolvimento em Questão, [S.l.], v. 12, n. 27, p. 264-297, ago. 2014.

PARINTINS, Prefeitura Municipal de. Plano municipal de saneamento básico e gestão integrada de resíduos sólidos de Parintins. Parintins: AM, 2020.

PAULON, S. M. A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. Psicologia & sociedade, 17(3), 18-25, (2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n3/a03v17n3.pdf>. Acesso em 22 de setembro de 2023.

PERALVA, A. e SPOSITO, M. (org.) Juventude e Contemporaneidade – Revista Brasileira de Educação, n.5/6, São Paulo: ANPED, 1997.

PEREIRA, T. S. Juventude rural e migração: desafios do êxodo juvenil na Amazônia. Estudos Rurais, v. 6, n. 1, p. 87-102, 2018.

PIOTTO, D. C. Subjetividade e ações afirmativas: experiência universitária de egressos de

escolas públicas na USP. Trabalho apresentado à 33ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), Caxambu, 2010. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalhos-gt14>>. Acesso em: 10 fev. 2023

PLATAFORMA GOOGLE MAPS. 2022. Disponível em: https://satellite-map.gosur.com/pt/googlemaps/?gclid=Cj0KCQiAgomBBhDXARIsAFNUqN9uzTRkGCEqWrYn0sxqO5J0vuFqX4GxXdAo1Hp4QQj7qpV--4_QPQaAkK7EALwEB. Acesso em: 12/12/2022.

PONTES, Jully Maria Da Costa. Reflexões Socioambientais Sobre Agrovila São Sebastião Do Caburi-Parintins/Am No Contexto Turístico. Monografia. Orientadora: Dra.Charlene Maria Muniz da Silva. Universidade Do Estado Do Amazonas Centro De Estudos Superiores De Parintins. Licenciatura Em Geografia, 2019.

PUNCH, S. Transições juvenis e relações interdependentes adulto-criança no meio rural. Bolívia. *Jornal de Estudos Rurais*, Nova York, v. 18, n. 2, p. 123-133, 2002.

QEDU: Plataforma Juventudes e Trabalho. Retrato das juventudes. Fundação Roberto Marinho, 2023. Disponível em: <https://juventudesetrabalho.qedu.org.br/retrato-das-juventudes/>. Acesso em 20 de março de 2023.

QUEIROZ, Jean-Manuel de. Nouvelles interrogations autor des trajectoires scolaires. Colloque. Pour un nouveau bilan de la Sociologie de L'Education. Paris: AISLF/INRP, 1993.

REIS, Keuryanne Guerreiro dos. Juventude e Trabalho: um olhar sobre os cursos técnicos na empregabilidade dos jovens no município de Parintins. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

RIGOTTI. A transição da escolaridade no Brasil e as desigualdades regionais. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 18, n. 1/2. 2001, p. 59-73.

RIBEIRO, Carlos A. Desigualdade de oportunidades e resultados educacionais no Brasil. *Dados* 54 (1): 41-87. <https://doi.org/10.1590/S0011-52582011000100002>, 2011

ROCHA, S. A inserção dos jovens no mercado de trabalho. *Cadernos CRH*, Salvador, v. 21, n. 54, p. 533-550, dez. 2008.

RODRIGUES, Adelson. **História do Caburi**: Luz do amanhã. Manaus: UFAM, 1993

RODRIGUES, Adelson de Souza. **História do Caburi**: Luz da Manhã. 1 ed. Manaus: UFAM, 2005.

ROSA, Debora Diana da . Juventudes e Trabalho: Trajetórias de Egressos do Programa Jovem Aprendiz. Orientador: Prof. Dra. Maria Chalfin Coutinho. 2015. 165 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2015.

SANDES, Alano J. S.; Alves, Ana E. S. A. Panorama da Literatura Científica Sobre a Juventude Rural no Brasil: Uma Revisão Sistemática. *Revista Rural & Urbano*. Recife. v.

06, n. 01, p. 180 - 193, 2021.

SANTOS, CRISTINA ALEXANDRA (2014). Os jovens, o consumo e a identidade: uma trilogia contemporânea? O consumo de marcas de vestuário e de calçado e a construção identitária juvenil. Tese de doutoramento (Sociologia). Lisboa: ISCTE Instituto Universitário de Lisboa.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: Memória dos Acontecimentos Históricos**. Manaus: Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2003.

SCHMITZ, Heriberto; FREITAS, Gleiciane. *Juventude rural na Amazônia: desafios e perspectivas*. Revista Campo-Território, v. 14, n. 32, 2019.

SEMPA, Secretaria Municipal De Pecuária, Agricultura E Abastecimento De Parintins, 2022.

SILVA, C. M. M.; FRAXE, T. J. P. Governança Ambiental: Conceitos E Perspectivas De Estudo Para As Localidades De Mocambo E Caburi, No Município De Parintins/Am. In: SICASA-II Seminário Internacional de Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, 2012, Manaus. Anais do II Seminário Internacional de Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Manaus: UFAM, 2012. v. 2. P. 10-25.

SILVA, Charlene Maria Muniz. Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia. 2009,176. Dissertação (Mestrado em Geografia-Programa de Pós-Graduação em Geografia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

SILVA, Maria do Socorro Rodrigues. A situação de jovens no Brasil que nem trabalham nem estudam frente à era da informação. 2020. 106 f. Dissertação(Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Desenvolvimento e Planejamento Territorial) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

SILVA, D. H. et al. Exclusão digital e educação na Amazônia: impactos da pandemia e desafios para o ensino remoto. Revista Eletrônica de Educação, v. 15, n. 4, p. 1123-1145, 2021.

SILVESTRO, Milton Luiz et al. Os impasses da sucessão hereditária na agricultura familiar. Florianópolis, SC: Epagri; Brasília: Nead, Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE JUVENTUDE BRASILEIRA (4.: 2010.: Belo Horizonte, MG) S612j Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades / Organizadores: Juarez Dayrell, Maria Ignez Costa Moreira, Márcia Stengel. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO DE ATENÇÃO BÁSICA. (SIAB). Disponível em: www2.datasus.gov.br/SIAB/index.php?area=01. Acesso em: 29 de março de 2023.

SOUSA, Priscila. Aldeia - O que é, em sentido figurativo, conceito e definição. 15 de Março de 2022. Disponível em: <https://conceito.de/aldeia>. Acesso em: 20 de março de 2023.

SOUZA, C., & Paiva, I. L. (2012). Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. *Estud. Psicol.*, 17(3), 353-360.

SOUZA, Luana De Souza E. UM ESTUDO SOBRE EVOLUÇÃO DOS INDICADORES SOCIOECONÔMICOS NO MUNICÍPIO DE PARINTINS/AM NO PERÍODO DE 2000-2010. TCC DE GRADUAÇÃO-Administração. Orientador: Prof. Dr. William de Souza Barreto. Universidade Federal do Amazonas, 2023

SPINK, P. K. Pesquisador e Conversador no Cotidiano. *Psicologia & Sociedade*; 20, Edição Especial: 70-77 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>

SPOSITO, Marília Pontes; SOUZA, Raquel. Desafios da reflexão sociológica para análise do ensino médio no Brasil. In: KRAWCZYK, Nora (Org.). *Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 33-62.

SPOSITO, Marília e Carrano, Paulo. "Juventude e políticas públicas no Brasil" . In: *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: Unesco, MEC, Anped, 2007.

TAVARES, Maria Augusta. Os fios (in)visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

TRINDADE, Fabiana Ribeiro Brito. Uma questão social: jovens fora da escola e do mundo do trabalho no universo popular. Orientadora: Angela Maria de Randolpho Paiva, 2016. 153 f. Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2016.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987

TROIAN, Alessandra. DALCIN, Dionéia; OLIVEIRA, Sibebe Vasconcelos de. TROIAN, Alexandre. Jovens e a tomada de decisão entre permanecer ou sair do meio rural: Um estudo de caso. *REVISTA DE EXTENSÃO E ESTUDOS RURAIS*. 1, N. 2, P. 349-374, jul-dez, 2011. <https://doi.org/10.36363/rever122011%p>. Acesso em 15 de dezembro de 2023

TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. *Interações*, v. 19, n. 4, p. 789-802, out./dez. 2018. UNESCO (2004). *Políticas públicas de/para/com juventudes*. Brasília: UNESCO.

UNESCO (2004). *Políticas públicas de/para/com juventudes*. Brasília: UNESCO.

VICTORIA, C. G. *Comunidade, escola e juventude: navegando pela história oral de vida de jovens de uma comunidade ribeirinha no Amazonas*. Curitiba: CRV, 2017

WANDERLEY, Maria Nazareth. *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Projeto de pesquisa (mimeo), 2003.

WEISHEIMER, N. *Estudos sobre os jovens rurais do Brasil: mapeando o debate acadêmico*. Brasília: Nead/MDA, 2005

WELLER, W. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Estudos Feministas*. janeiro/abril). 13(1), 216, 2005.

WITKOSKI, Aline; COSTA, Suellen. *Educação do campo e juventudes na Amazônia: políticas e desafios*. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, v. 5, n. 1, 2020.

ZALUAR, A. (1994). *Cidadãos não vão ao Paraíso*. São Paulo: Editora Escuta, UNICAMP.

ANEXOS

A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP (comitê de Ética e Pesquisa (CEP))

| | | | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|-----------------|
|  | UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM |  | | |
| PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP | | | | |
| DADOS DA EMENDA | | | | |
| Título da Pesquisa: CAMINHOS PÓS-MÉDIO; TRAJETÓRIAS DE JOVENS DO DISTRITO DE CABURI, PARINTINS/AM | | | | |
| Pesquisador: MARLECE MELO FONSECA | | | | |
| Área Temática: | | | | |
| Versão: 4 | | | | |
| CAAE: 56257522.0.0000.5020 | | | | |
| Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Educação | | | | |
| Patrocinador Principal: Financiamento Próprio | | | | |
| DADOS DO PARECER | | | | |
| Número do Parecer: 5.888.984 | | | | |
| Apresentação do Projeto: | | | | |
| A pesquisa intitulada "Caminhos Pós-Médio: Trajetórias de Jovens do Distrito de Caburi, Parintins/am" apresenta-se como uma contribuição para as discussões sobre a questão da construção de caminhos para a juventude no pós-médio, valorizando as vivências, apropriação de conhecimentos e experiências que possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e a educação. A pesquisa assumirá um enfoque de natureza qualitativa em que apresenta características fundamentais que nos ajudarão a transitar em diferentes contextos da pesquisa, ancorada em referenciais teórico-metodológicos da pesquisa em | | | | |
|  | UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM |  | | |
| Continuação do Parecer: 5.888.984 | | | | |
| Considerações Finais a critério do CEP: | | | | |
| Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados: | | | | |
| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_2078609_E1.pdf | 22/01/2023 15:10:32 | | Áceito |
| Outros | OUTROS.pdf | 22/01/2023 14:58:24 | MARLECE MELO FONSECA | Áceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJETODETALHADO.pdf | 22/01/2023 14:54:18 | MARLECE MELO FONSECA | Áceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf | 23/03/2022 18:50:45 | MARLECE MELO FONSECA | Áceito |
| Folha de Rosto | FOLHADEROSTO.pdf | 18/02/2022 19:55:59 | MARLECE MELO FONSECA | Áceito |
| Declaração de concordância | DECLARACAODECONCORDANCIA.pdf | 16/02/2022 19:54:00 | MARLECE MELO FONSECA | Áceito |
| Situação do Parecer: Aprovado | | | | |
| Necessita Apreciação da CONEP: Não | | | | |
| MANAUS, 12 de Fevereiro de 2023 | | | | |
| Assinado por: Eliana Maria Pereira da Fonseca | | | | |

ANEXO B- CARTA DE ANUÊNCIA DA PESQUISA



SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E DESPORTO
COORDENADORIA REGIONAL DE PARINTINS/AM
ESCOLA ESTADUAL CABURI

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora Maricece Melo Fonseca, a desenvolver o seu projeto de pesquisa "Caminhos Pós-Médio: Trajetórias de Jovens do Distrito de Caburi, Parintins/Am, direcionada para a linha de pesquisa 2 "Educação, Políticas e Desenvolvimento Regional" que aborda em seus pressupostos, o trabalho e educação que está sob a orientação da Prof. Dr. Nádia Maciel Falcão cujo objetivo é Compreender a trajetória de jovens egressos do ensino médio, que moram na comunidade de Caburi e que não estão trabalhando e estudando.

No processo da pesquisa biográfica, a pesquisadora realizará 4(quatro) sessões de entrevistas narrativas previamente agendadas para cada sujeito da pesquisa. Além de acompanhar os jovens ao longo de dois anos, realizando encontros com intervalos regulares para proceder a entrevistas biográficas, incluindo também retratos fotográficos. A pesquisa também envolverá acesso a dados documentais e utilização de espaços na escola.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados a pesquisadora deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Distrito do Caburi, Escola Estadual de Caburi ____ / ____ / 2022.

João Ribeiro Costa

JOÃO RIBEIRO COSTA

COORDENADOR ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE PARINTINS-AM

Carlos de Souza Piedade

CARLOS DE SOUZA PIADEDE
GESTOR DA ESCOLA ESTADUAL DE CABURI

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO APLICADO AOS 30 JOVENS EGRESSOS



Poder Executivo
Ministério de Educação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Pró- Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO

Caro (a) jovem,

É com muita satisfação que convido(a) a participar da pesquisa “**Caminhos Pós-Médio: Trajetórias De Jovens Do Distrito De Caburi, Parintins/Am**” orientada pela Profª Drª Nádia Maciel Falcão. Este questionário constitui um instrumento importante para mapear o perfil dos jovens egressos de 2021 que residem no Distrito do Caburi.

Sua contribuição é extremamente relevante para a pesquisa. As respostas às questões serão analisadas pela pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas– UFAM Marlece Melo Fonseca, preservando o sigilo da identidade dos participantes.

Para responder, basta marcar sobre a alternativa desejada e nas questões do quadro você poderá descrever sobre o assunto abordado.

Agradecemos a sua colaboração!

DADOS PESSOAIS E FAMILIARES

1 Quantos anos você tem? _____

2 Sexo:

() Masculino () Feminino

3. Qual o seu estado civil?

A () Solteiro(a)

B () Casado(a) ou em união estável

- C () Separado(a) judicialmente/divorciado(a).
- D () Viúvo(a)
- E () Outro

4. Qual é a sua cor ou raça?

- A () Branca
- B () Preta
- C () Amarela
- D () Parda
- E () Indígena
- F () Não quero declarar

5. Até que etapa de escolarização seu pai concluiu?

- A () Nenhuma
- B () Ensino Fundamental: 1º ao 5º ano (1ª a 4ª série)
- C () Ensino Fundamental: 6º ao 9º ano (5ª a 8ª série)
- D () Ensino Médio
- E () Ensino Superior - Graduação
- F () Pós-graduação
- G () Não sei responder

6. Até que etapa de escolarização sua mãe concluiu?

- A () Nenhuma.
- B () Ensino fundamental: 1º ao 5º ano (1ª a 4ª série).
- C () Ensino fundamental: 6º ao 9º ano (5ª a 8ª série).
- D () Ensino médio.
- E () Ensino Superior - Graduação.
- F () Pós-graduação.
- G () Não sei responder

7. Com quem você mora atualmente?

- A () Sozinho
- B () Com meus pais e/ou parentes
- C () Com cônjuge e/ou filhos
- D () Com outras colegas
- F () Moro em habitação coletiva (hospedaria, pensão ou outro)

8. Quantas pessoas da sua família moram com você? Considere seus pais, irmãos, cônjuge, filhos e outros parentes que moram na mesma casa com você.

- A () Nenhuma
- B () Uma
- C () Duas
- D () Três
- E () Quatro
- F () Cinco
- G () Seis

H () Sete ou mais

9. Quais dispositivos você possui e qual tipo de internet?

- Tenho computador com internet
- Disponho somente de computador
- Não tenho computador, nem celular
- Tenho somente celular
- Disponho de um celular com internet
- Não tenho acesso a tecnologias digitais

10. Você tem filhos? Se sim, quantos?

- Sim: Quantos? --- _____ Não

11 Qual a renda familiar na sua casa, contando com a sua, aproximadamente:

- 1. menos de um salário mínimo
- 2. Salário Mínimo igual a R\$ 1.100,00
- 2. Entre R\$ 1.100,00 a R\$ 1.576,00
- 3. Entre R\$ 1.576,00 a R\$ 2.364,00

FORMAÇÃO

12. Qual modalidade de ensino médio você concluiu?

- A Ensino médio tradicional
- B Profissionalizante técnico
- C Educação de Jovens e Adultos (EJA) e/ou Supletivo
- E Outra modalidade. _____

13. Depois da conclusão do ensino médio você participou de alguma formação ou curso.

- A Não participei
- B Realizei um curso Técnico
- C Participei de Cursos de curta duração
- D Participei de cursos profissionalizantes
- E Realizei um curso de Graduação
- F Outros Cursos. Especificar: _____

14 . Qual alternativa a seguir melhor descreve o acesso e/ou a tentativa de acesso à educação superior?

- A Não realizei nenhuma tentativa.
- B Realizei minha inscrição, mas não fui fazer a prova
- C Iniciei o curso, mas desisti por não ter como permanecer no local do curso
- D Até pensei em realizar minha inscrição, mas desisti.
- E Não pretendo voltar a estudar

15. Alguém em sua família concluiu um curso superior? Se sim qual o grau de parentesco?

A () Sim. Grau de parentesco: _____ -

B () Não.

16. Na escolha por um curso superior, quais critérios você considera importantes?

A () Cursos com maiores chances de vaga no mercado de trabalho

B () Atender às expectativas da família

C () cursos com prestígio social

D () Cursos com baixa concorrência para ingresso

E () Cursos oferecidos na modalidade a distância

F () Outro critério: _____

17. Baseado na sua experiência, quais os fatores que dificultam a continuação dos estudos na educação superior para quem conclui o ensino médio em Caburi?

A () Ausência de universidade pública ou privada na localidade onde reside

B () Ausência de moradia no local dos cursos oferecidos

C () Situação financeira

D () Questões familiares: filhos, esposo(a)

E () Não tenho interesse no momento

TRABALHO

18. Qual alternativa a seguir melhor descreve sua situação financeira e de trabalho?

A () Trabalho na agricultura, no campo, na fazenda ou na pesca

B () Trabalho na construção civil

C () Trabalho no comércio, banco, transporte ou outros serviços

D () Trabalho como funcionário(a) do governo federal, estadual ou municipal

E () Trabalho fora de casa em atividades informais (pintor, eletricitista, encanador, feirante, ambulante)

F () Trabalho em minha casa informalmente (costura, cozinha, artesanato, carpintaria etc.)

G () Faço trabalho doméstico em casa de outras pessoas (cozinheiro/a, babá, lavadeira, faxineiro/a, acompanhante de idosos/as etc.)

H () Trabalho no lar (sem remuneração)

I () Sou membro de Benefícios do Governo Federal

J () Outro _____

K () Não trabalho, meus gastos são financiados pela minha família

19. Você possui renda própria? Se sim qual o valor mensal aproximado?

1. () Não tenho renda, meus gastos são financiados pela minha família

2. () Menos de um salário mínimo

3. () Salário Mínimo igual a R\$ 1.100,00

4. () Entre R\$ 1.100,00 a R\$ 1.576,00

5. () Entre R\$ 1.576,00 a R\$ 2.364,00

20. Para você que não está trabalhando formalmente, quais os fatores que dificultam a

inserção no mercado de trabalho? Se tiver emprego formal, pode ir para a próxima questão.

- A () Oportunidade para jovens sem experiência
 B () Questões familiares: filhos
 C () Meus pais são idosos não posso deixá-los sozinho
 D () Não tenho formação para os cargos
 E () Não tenho interesse no momento
 F () outros _____

21. Na comunidade é oferecido algum serviço de apoio aos estudos e à inserção no mercado de trabalho?

- A () Curso de preparação para concursos e vestibulares
 B () As escolas realizam as inscrições em cursos e concursos
 C () Cursos profissionalizantes
 D () Não disponibiliza desses serviços
 F () Não sei informar

22. No quadro abaixo você pode descrever as seguintes informações:

| PLANOS ATUAIS NO CAMPO DO TRABALHO | ESTRATÉGIAS PARA REALIZAR ESTES PLANOS |
|-------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| | |
| | |
| | |
| | |

() NÃO TENHO NENHUM PLANO NO MOMENTO

| PLANOS ATUAIS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO | ESTRATÉGIAS PARA REALIZAR ESTES PLANOS |
|-------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| | |
| | |
| | |
| | |

() NÃO TENHO NENHUM PLANO NO MOMENTO

APÊNDICE B- SISTEMATIZAÇÃO DOS 47 (quarenta e sete) títulos - Plataformas BDTD e CAPES

| Título | Tipo | Autor(a) | Ano |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|----------------------------------|------|
| 1 Juventude E Inclusão: Representações Sociais Sobre A Condição Juvenil No Campo | Tese | Joana D'arc de Vasconcelos Neves | 2014 |
| 2 Juventude, Escolarização E Projeto De Vida: Representações Sociais Dos Jovens De Bragança/Amazônia Paraense | Tese | Farias, Degiane da Silva | 2018 |
| 3 Ser Alguém Na Vida: Condição Juvenil E Projetos De Vida De Jovens Moradores De Um Município Rural Da Microrregião De Governador Valadares-Mg | Tese | Alves, Maria Zenaide | 2013 |
| 4 Juventudes E Trabalho: Trajetórias De Egressos Do Programa Jovem Aprendiz | Dissertação | Rosa, Debora Diana da | 2015 |
| 5 Políticas Públicas Para O Ensino Médio E Juventude Brasileira | | Barbosa, Ericka Fernandes Vieira | 2015 |

| | | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|--------------------------------|------|
| | dissertação | | |
| 6 Juventudes E Trabalho: O Discurso Dos Jovens Sobre Educação Profissional No Ensino Médio | Dissertação | Angeli, Gislaine | 2019 |
| 7 Juventudes E Ensino Médio: Perspectivas Formativas Para O Ensino Médio Em Escolas Públicas De Iporá, Goiás | dissertação | Barreto, Maria Olinda | 2019 |
| 8 A Situação De Jovens No Brasil Que Nem Trabalham Nem Estudam Frente A Era Da Informação | Dissertação | Vieira, Jeferson de Castro | 2019 |
| 9 Entre Ausências, Incertezas E Labirintos: A Inserção Social De Jovens Que Não Trabalham Nem Estudam No Brasil | Dissertação | Dias, Tamille Sales | 2016 |
| 10 Determinantes Da Escolha Entre Estudo E Trabalho No Ensino Médio No Brasil | Dissertação | Silva, Carolina Mandl da | 2010 |
| 11 A Situação De Jovens No Brasil Que Nem Trabalham Nem Estudam Frente A Era Da Informação | Dissertação | Vieira, Jeferson de Castro | 2019 |
| 12 Jovens Brasileiros: O Conflito Entre Estudo E Trabalho E A Crise De Desemprego | Tese | Silva, Nancy de Deus Vieira | 2001 |
| 13 #Chegueienseninomédio: Educação E Trabalho Desafios De Uma Ação De Integração E As Implicações Da Geração Nem-Nem (2017-2018) | Dissertação | Leilson Barros Oliveira | 2019 |
| 14 Uma Questão Social: Jovens Fora Da Escola E Do Mundo Do Trabalho No Universo Popular' | Dissertação | Fabiana Ribeiro Brito Trindade | 2016 |

| | | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|----------------------------------------|------|
| 15 O/A Jovem Chamado/A Nem Nem: Produzindo Questionamentos A Partir De Pesquisas Sobre Juventude E Das Experiências De Jovens Pobres | Tese | Paulo Roberto Da Silva Junior | 2018 |
| 16 Jovens Vozes Em Cena: Experiências De Integração E Auto Determinação Através Da Arte Performática No Rio De Janeiro' | Dissertação | Amber Maria Levinson | 2005 |
| 17 Jovens Fora Do Mercado De Trabalho E Fora Da Escola: Qual A Diferença Entre Os Gêneros?' | Dissertação | Résio, Kadny Jordany Villela de Macêdo | 2017 |
| 18 Nem Tão Negra Assim”: As Narrativas De Jovens Estudantes Sobre Identidade E Reconhecimento' | Dissertação | Mendes, Crislanda de Oliveira Santos | 2019 |
| 19 "Juventude Trabalhadora Brasileira: Percursos Laborais, Trabalhos Precários E Futuros (In) Certos" | Tese | _Silva, José Humberto da | 2012 |
| 20 Juventude E Religião: Significado Da Adesão E Vivência Religiosa Na Comunidade Católica Toca De Assis No Rio De Janeiro' | Tese | Kátia Maria Cabral Medeiro | 2012 |
| 21 Escolha Profissional Na Contemporaneidade: Caminhos Possíveis' | Tese | Conde, Diva Lúcia Gautério | 2012 |
| 22 Os Impactos Das Condições De Trabalho Sobre A Subjetividade Do Professor De Ensino Superior Privado Em Campinas' | Tese | Lima, Liliana Aparecida de | 2012 |
| 23 Desafios De Jovens Egressos Do Ensino Médio Público Na Cidade De São Paulo' | Tese | Santos, Raquel Souza dos | 2018 |
| 24 Escola E Vida: Influências Da Escola Para As Trajetórias Sociais De Jovens Egressos Do Ensino Médio São | Tese | Baciano, Gislaiane de Medeiros | 2015 |

| | | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|--------------------------------------|------|
| Paulo 2015' | | | |
| 25 Jovens Do Ensino Médio Noturno: Demandas Em Relação À Escola' | Dissertação | Silva, Machado Hesley | 2000 |
| 26 Vivências De Alunos Jovens Em Escolas De Ensino Médio' | Dissertação | Nadine, friedrich cabral | 2006 |
| 27 Educação E Trabalho: A Negação De Um Direito - Os Jovens Do Ensino Médio | Dissertação | Adriana Barbosa | 2019 |
| 28 Inserção Socioprofissional De Jovens Do Campo: Desafios E Possibilidades De Egressos Da Escola Família Agrícola Bontempo' | Dissertação | Begnami, Marinalva Jardim Franca | 2010 |
| 29 Entre querer e poder: o lugar da escola nos projetos de vida de jovens do campo em um contexto de modernização agrí-cola | Tese | Moreira, Edna Souza | 2021 |
| 30 Juventudes, trabalho e escola: interfaces com a saúde | Tese | Cabral, Elen Soraia de Menezes | 2016 |
| 31 Jovens estudantes em processo de transformação na travessia pelo ensino superior | Tese | Ribeiro, Gisele Rogéria Penatieri | 2019 |
| 32 Modos de vida juvenis: a saúde no cotidiano dos jovens | Tese | Horta, Natália de Cássia | 2011 |
| 33 Entre querer e poder: o lugar da escola nos projetos de vida de jovens do campo em um contexto de modernização agrí-cola | Tese | Moreira, Edna Souza | 2021 |
| 34 Juventudes contadas no Jornal Mundo Jovem : modos de pensar o sujeito jovem contemporâneo | Dissertação | Santos, Lisandra Veiga dos | 2012 |
| 35 Entre a graduação e o trabalho: implicações da concomitância trabalho e estudo como elemento de distinção | Dissertação | Costa, Camila Moreira | 2017 |

| | | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|-------------------------------|------|
| entre estudantes do ensino superior | | | |
| 36 Os sentidos de trabalho para jovens estudantes do ensino médio da cidade de Carapicuí-ba | Dissertação | Bonfim, Poliana da Paz | 2011 |
| 37 Determinantes da escolha entre estudo e trabalho no ensino médio no Brasil | Dissertação | Silva, Carolina Mandl da | 2010 |
| 38 Juventude e movimento estudantil: o trabalho precário dos estudantes-bolsistas da Ufes | Dissertação | Carneiro, Maíra Poletto | 2011 |
| 39 Sobre a vivência da condição juvenil: um estudo com jovens egressos do Projovem Urbano (2008-2010) da cidade do Rio de Janeiro | Dissertação | Pinto, Márcia Teixeira | 2012 |
| 40 No fio da navalha: sentidos das experiências e projetos de futuro de jovens em cumprimento de medida socioeducativa de semiliberdade | Dissertação | Almeida, Jorddana Rocha de | |
| 41 O valor da experiência social e escolar do ensino médio para jovens negros(as) e brancos(as) | Silva, Natalino neves da. | Silva, Natalino neves da | 2015 |
| 42 Vivências De Alunos Jovens Em Escolas De Ensino Médio' | Dissertação | Nadine, friedrich cabral | 2006 |
| 43 Jovens Do Proeja De Urutã: Mediações Entre A Escola E O Mundo Do Trabalho | Dissertação | Santos, Claitonei de Siqueira | 2011 |
| 43 As filhas de Pascoal: Nova ruralidade e condições de permanência no campo entre jovens agricultoras no interior de Pernambuco | Dissertação | Silva, Elisabete Joaquina da | 2013 |
| 45 Jovens rurais de São Carlos - SP: circulação cotidiana, projetos de vida e os sentidos da escola | Tese | Farias, Magno Nunes | 2021 |

| | | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|-------------------------------|------|
| 46 Juventudes e Ensino Médio: transições, trajetórias e projetos de futuro | Dissertação | Alves, Maria Alda de Sousa | 2016 |
| 47 Juventude e Trabalho: um olhar sobre os cursos técnicos na empregabilidade dos jovens no município de Parintins | Dissertação | Reis, Keuryanne Guerreiro dos | 2015 |